



COPA 2026
Messi prorroga
a Era Messi

O Egito venceu por 2 a 0 e faltavam pouco mais de 15 minutos para o fim do jogo. E da história de Messi em Copas do Mundo. Mas o craque decidiu dar acréscimos a si mesmo. Na reta final, uniu raça ao seu talento e frieza ao liderar a incrível virada da Argentina. O craque e a atual campeã continuam...

CICERO RODRIGUES/TV GLOBO/16-12-2008

EDITORIAL
DISCUSSÃO
TÉCNICA É
ESSENCIAL PARA
DESFazer TARIFAÇO
PÁGINA 2

VERA
MAGALHÃES
Emissários de
Lula acenam
ao mercado
PÁGINA 2

ELIO GASPARI
Deuses do
futebol deram
lição a Trump
PÁGINA 3

BERNARDO
MELLO FRANCO
Ligar Copa
à eleição é
tese furada
PÁGINA 3

RENATO
MEIRELLES
O que Flávio
perde sem
Michelle
PÁGINA 6

ZEINA LATIF
Efeitos da baixa
poupança
das famílias
PÁGINA 12

MARCIO ATALLA
Longevidade
com saúde...
financeira
PÁGINA 20

LEO AVERSA
Eu não
perderia
aquele pênalti
PÁGINA 24

PEDRO
PACÍFICO
Como tirar
o celular
da mão?
SEGUNDO CADERNO

OBITUÁRIO/BENEDITO RUY BARBOSA, 95 ANOS

Criador de novelas
que fizeram história

Um dos maiores teledramaturgos do Brasil,
autor revolucionou o gênero com folhetins
como “Pantanal” e “O rei do gado”. SEGUNDO CADERNO



NA MIRA DA POLÍCIA

Pré-candidato ao
Senado na chapa do PL
é preso com fuzil em
operação da PF no Rio

Investigação de lavagem em postos de gasolina atinge
Márcio Canella e impacta palanque de Flávio Bolsonaro

Ex-prefeito de Belford Roxo e pré-candidato ao Senado, Márcio Canella (União) foi preso ontem pela Polícia Federal. Ele é investigado sob suspeita de participar de um esquema de lavagem de dinheiro através de uma rede de postos de gasolina, e a princípio era alvo apenas de um mandado de busca e apreensão. Porém, os agentes acharam um fuzil em seu carro e o prenderam em flagrante por porte



No carro. Fuzil apreendido com Canella

ilegal do armamento. O ex-chefe da Polícia Civil do Rio Marcus Amin também é suspeito de integrar o esquema. A prisão de Canella é mais um baque no núcleo do palanque de Flávio Bolsonaro. Ele é o terceiro aliado de peso do presidencial no estado envolvido em suspeitas de crimes, depois do ex-governador Cláudio Castro e do ex-presidente da Alerj Rodrigo Bacellar. PÁGINA 21

De olho na eleição, Flávio
vai aos EUA e se posiciona
contra tarifaço de Trump

Presidencial de PL participou de audiência pública na qual disse que atual momento é “o pior possível” para adoção da política. PÁGINA 4

EUA consideram ‘absurda’
hipótese de ação militar no Brasil

Governo Trump rechaçou possibilidade levantada pelo Itamaraty após classificação de facções como terroristas. PÁGINA 4

ENTREVISTA/GABRIEL ZUCMAN
IA em ‘benefício de bilionários’

Para economista, IA agrava concentração dos super-ricos, com riscos para a política, o mercado e a democracia. PÁGINA 15

Governo faz acenos ao
agronegócio com medidas
que dão alívio a dívidas

Em busca de aproximar-se do setor a três meses da eleição, governo prepara medidas de renegociação de dívidas e ampliação da garantia do crédito. PÁGINA 11

Prefeitura anuncia programa
de repressão a ambulantes na orla

Fiscalização será permanente e vai abranger do Leme ao Leblon, visando ordenar o comércio na região. PÁGINA 22

País tem 64 milhões de adultos
sem conclusão do ensino básico

Estudo aponta nessa situação 37% dos acima de 15 anos, em meio a desafios da Educação de Jovens e Adultos (EJA). PÁGINA 9

Opinião do GLOBO

Discussão técnica é essencial para desfazer tarifaço

Empresas trazem ao debate em Washington elementos mais sólidos do que o oportunismo político

Tr em trazido sensatez aos debates a presença de representantes do empresariado e do meio acadêmico nas audiências públicas realizadas em Washington pelo Escritório do Representante Comercial dos Estados Unidos (USTR) sobre o processo em que o Brasil é acusado pelo governo Donald Trump de práticas comerciais injustas e discriminatórias. No mês passado, o USTR sugeriu a imposição de tarifas de 25% sobre diversos produtos brasileiros. Nesta semana, os afetados puderam apresentar seus argumentos, como já havia ocorrido depois do primeiro tarifaço. Numa demonstração de como a questão tem implicações políticas, o senador Flávio Bolsonaro, pré-candidato do PL à Presidência, compareceu às audiências para tentar reverter ao menos em parte o estrago provocado pela ação desastrosa de seu irmão Eduardo e de seu grupo de bolsonaristas junto ao governo Trump. Por trazer elementos mais sólidos, porém, é a atuação das empresas que poderá surtir algum efeito sobre as autoridades americanas. As entidades presentes nas audiên-

cias terão cinco dias para enviar documentação complementar, em seguida o USTR fará sua recomendação final. Em paralelo, o governo brasileiro negocia com os americanos. Como sempre ocorre com Trump, a decisão deverá ter fundo político. Mas a melhor estratégia à disposição do Brasil é a ação conjunta entre governo e o empresariado. Noutras ocasiões, Trump já se mostrou suscetível a pressões e recuou. O USTR acusa o Brasil de práticas que considera prejudiciais aos Estados Unidos: decisões arbitrárias da Justiça contra plataformas digitais, o uso de um sistema de pagamento eletrônico desfavorável a bandeiras de cartão de crédito (Pix), tarifas baixas que beneficiam produtos de outros países em detrimento dos americanos, barreiras ao etanol, negligência na proteção da propriedade intelectual, no combate à corrupção e ao desmatamento ilegal. Noutra investigação, que se debruçou sobre alegações de trabalho forçado e incluiu vários países, o USTR propôs mais 12,5% de tarifa sobre produtos brasileiros. No primeiro dia de audiência, representantes brasileiros mostraram que elevar as tarifas aumentará os custos da

indústria americana, com impacto inflacionário. “As perguntas foram mais técnicas, mais específicas e mais aprofundadas”, disse ao GLOBO Marcos Matos, diretor-geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil. Desta vez, entidades dos dois países trabalharam de forma mais colaborativa. Em carta, multinacionais como Coca-Cola, Nestlé, Tesla e eBay alertaram sobre os impactos negativos das tarifas para o consumidor americano. No painel sobre o Pix, depoentes ressaltaram que Índia e Estados Unidos também têm sistemas de pagamento digital. Desde o tarifaço de 2025, Trump tenta usar barreiras comerciais para interferir em assuntos domésticos do Brasil. Candidato preferido de Trump, Flávio encaminhou documento ao USTR solicitando que as tarifas sejam adiadas para depois das eleições, pois agora podem fortalecer o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. É um argumento ruim, que reflete um misto de desespero com oportunismo. Quanto mais distante a política se mantiver do debate, melhor. O tarifaço deveria ser cancelado por ter bases frágeis. A saída são negociações técnicas e sensatas.

É deletéria para o futebol a sujeição da Fifa aos desígnios de Trump

Depois de sofrer pressão, entidade suspendeu punição a craque da seleção americana

Para quem admitiu nem saber para que serve um cartão vermelho, Donald Trump parece ter aprendido o rápido as piores práticas da cartolagem no futebol. Num expediente frequente nos tapetes da Justiça desportiva brasileira, Trump fez pressão sobre o presidente da Fifa, Gianni Infantino, para que fosse suspensa a punição decorrente do cartão vermelho recebido pelo jogador Folarin Balogun, artilheiro da seleção dos Estados Unidos, no jogo de quarta-feira contra a Bósnia e Herzegovina. Assim Balogun poderia entrar em campo na partida seguinte contra a Bélgica. Em gesto de deferência descabida, Infantino cedeu, e Balogun pôde jogar. De nada adiantou a manobra. Os belgas venceram por 4 a 1. O episódio deixou claro, contudo, que nem a entidade máxima do futebol está imune à pressão política. Não foi a primeira vez que Infantino e a Fifa se desdobraram em medidas a Trump. Infantino o agraciou com um insólito Prêmio da Paz da Fifa, simulacro do Nobel da Paz de que Trump se

considerava merecedor. Também cedeu à exigência para que a seleção do Irã — cujos jogadores nada têm a ver com os crimes do regime dos aiatolás — tivesse de voltar ao México depois de jogar nos Estados Unidos. E não reclamou quando o governo americano, com base em regras imigratórias abstrusas, negou entrada no país ao somali Omar Abdulkadir Artan, eleito melhor juiz da África em 2025, impedindo-o de atuar na Copa do Mundo. Também não foi a primeira vez que houve pressão política pela suspensão de punição numa Copa. Em 1962, para que Garrincha pudesse participar da final entre Brasil e Tchecoslováquia, a Fifa relevou sua expulsão no jogo anterior. O então primeiro-ministro Tancredo Neves, incentivado pelo presidente João Goulart, enviou mensagem para que não fosse punido. A Fifa se rendeu ao argumento de que o lance não constava da súmula. Garrincha jogou, fez dois gols, e o Brasil se sagrou campeão. O caso de Balogun foi além de uma simples mensagem. Mobilizou a cúpula do governo americano. O secretário

de Comércio, Howard Lutnick, e o diretor executivo do grupo da Copa do Mundo na Casa Branca, Andrew Giuliani, convocaram advogados para ajudar a Federação Americana de Futebol a formular o recurso. A Fifa atendeu a Trump com base no artigo 27 do Código Disciplinar, que lhe permite “suspender total ou parcialmente” qualquer medida punitiva. Algo semelhante ao “efeito suspensivo” frequente no Brasil. Balogun voltará a ser punido no período de 12 meses, caso cometa a mesma falta que provocou sua expulsão. Mas isso não redime a Fifa nem atenua os danos à imagem do futebol. É natural que dirigentes da Fifa tentem cultivar bom relacionamento com políticos. Mas a proximidade não pode interferir no que acontece em campo. O árbitro tem de ser a autoridade máxima dentro das quatro linhas do gramado. Como prega o próprio slogan da Fifa, o futebol deve unir os povos. A sujeição a qualquer demanda política ou ideológica é nociva ao espírito do esporte e deve ser repudiada.

Artigos

oglobo.globo.com/opinioao/
cartas@oglobo.com.br

VERA MAGALHÃES



blogs.oglobo.globo.com/vera-magalhaes
vera.magalhaes@oglobo.com.br



Os acenos dos emissários de Lula ao mercado

Os dissabores da pré-campanha de Flávio Bolsonaro deram a Lula uma condição rara tratando-se do incumbente numa eleição presidencial: jogar no contra-ataque, no erro do adversário. O intervalo proporcionado pela Copa e a sucessão de crises no Q.G. bolsonarista têm sido usados para tentar reverter uma das rejeições mais consolidadas ao petista, a do mercado financeiro. Os emissários de Lula nessas conversas, entre os quais um dos mais loquazes é o novo ministro da Fazenda, Dario Durigan — que, diga-se, joga com aquela disposição de quem veio do banco e quer garantir lugar no time titular —, procuram desmontar com dados as comparações entre as medidas do atual governo e as de Jair Bolsonaro no período eleitoral. Existe um incômodo com o que auxiliares e estrategistas de campanha de Lula enxergam como “forçaço de barra” para mostrar equivalência entre o pacote anunciado por Lula desde o fim de 2025 e o *sprint* de Bolsonaro a partir da PEC Kamikaze, no começo do segundo semestre de 2022. Nas conversas, esses interlocutores de Lula dizem a gestores, banqueiros e analistas de bancos que o presidente não aumentou nem aumentará o Bolsa Família, como Bolsonaro fez com o Auxílio Emergencial e como as redes bolsonaristas ficam ventilando.

Ao cotejar as medidas de um e outro presidente para conter a alta dos combustíveis, os aliados de Lula dizem que, agora, todas foram negociadas com os governadores e feitas com prazo, diferentemente de Bolsonaro e Paulo Guedes, que tomaram a decisão compulsória de suspender o ICMS dos combustíveis, além disso, deixada para o governo seguinte desarmar. Por fim, entram na prancheta das comparações os precatórios. Lula não fez nenhuma “pedalada” com o pagamento dessas decisões judiciais para pagamento de dívidas.

Com essa preleção, ministros de Lula também têm procurado os presidentes da Câmara, do Senado e do STF para tentar evitar que prossiga a pauta-bomba. Nessas conversas, são colocados em perspectiva os custos de medidas dos programas eleitorais de Lula, como o Desenrola 2, e as bondades que o Congresso ameaça fazer a produtores rurais e diversas carreiras do funcionalismo, por meio da votação de regimes especiais de aposentadoria. O governo deixou avisado que judicializará, para evitar que a agenda de Davi Alcolumbre prossiga, e busca de novo o aval do STF ao reunir jurisprudência, na forma de súmulas recentes da Corte que mostram a inconstitucionalidade das medidas pretendidas.

A tentativa de se mostrar fiscalmente responsável já é uma vacina de Lula para a principal cobrança do mercado. A roupagem da austeridade não se sustenta, no entanto, quando se analisam as exceções ao arcabouço fiscal ao longo dos anos e a escalada dos gastos obrigatórios, herança mais explosiva que o atual presidente deixará para si mesmo ou para quem vencê-lo nas urnas. Ainda assim, o discurso será que as medidas de 2025-2026 atingiram públicos específicos, enfrentaram contingências como tarifaço e guerras e são coerentes com a plataforma eleitoral de enfrentar distorções tributárias e governar para os mais pobres. Isso tudo com impacto menor que as medidas de Bolsonaro.

Lula sabe que não será o suficiente para torná-lo palatável ao mundo financeiro e que terá de prometer enfrentar o crescimento do gasto obrigatório caso seja reeleito. Isso vem sendo trabalhado na elaboração do plano de governo de um eventual Lula 4.0, mas não se deve esperar que se comprometa com o fim da política de valorização real do salário mínimo, desvinculações constitucionais ou uma nova reforma da Previdência — justamente a pauta que o mercado arredio a ele quer ver.

Esses pombos-correio sobrevoam a Faria Lima apresentando Lula como alguém que já se mostrou confiável, lembrando o legado fiscal de Bolsonaro e plantando temor na instabilidade e no despreparo demonstrados por Flávio nessa fase de crise. Se vai colar, o fim da Copa e o início para valer da campanha mostrarão.

Eles dizem a gestores, banqueiros e analistas de bancos que o presidente não aumentou nem aumentará o Bolsa Família

_ SEG _ Carlos Alberto Sardenberg _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Irapuã Santana (quinzenal) _ Preto Zezé (quinzenal) _ Ana Paula Araújo (quinzenal)
_ TER _ Merval Pereira _ Pedro Doria _ Fernando Gabeira _ **QUA** _ Vera Magalhães _ Elío Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ **QUI** _ Merval Pereira _ Malu Gaspar _ Julia Dualibi
_ SEX _ Vera Magalhães _ Pablo Ortellado _ Bernardo Mello Franco _ **SÁB** _ Thaís Oyama _ Flávia Oliveira _ Eduardo Afonso _ **DOM** _ Merval Pereira _ Dorrit Harazin _ Bernardo Mello Franco

ELIO
GASPARI



blogs.oglobo.globo.com/opiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br



Trump para
quem gosta
de futebol

O presidente americano Donald Trump deu um jeito, arrumou uma encrenca com o árbitro brasileiro Raphael Claus e virou personagem da Copa do Mundo. Puro Trump. Afinal, ele continua dizendo que ganhou a eleição de 2020. É verdade que parou de falar que Barack Obama nasceu na África. No primeiro mandato, produziu 30.573 mentiras ou falsidades, 21 por dia. De volta à Casa Branca, seguiu na mesma toada, porque esse é seu estilo, e a encrenca com Claus é um estudo de caso de sua essência.

Na quarta-feira passada, o centroavante Folarin Balogun pisou no tornozelo do zagueiro Muharemovic, da seleção da Bósnia. Depois de ver o vídeo no VAR, o árbitro Claus expulsou-o do campo. (Balogun disse que aceitava a decisão.) Trump contou que, até então, não sabia o que significava a apresentação de um cartão vermelho, com a consequente suspensão para o jogo seguinte, contra a Bélgica.

Até aí, seria o jogo jogado, com um torcedor contestando um árbitro. No dia seguinte, o presidente dos Estados Unidos decidiu ligar para Gianni Infantino, presidente da Fifa, pedindo que anulasse a suspensão. Novamente, jogo jogado, pois cartolas adoram pressões de poderosos, e Infantino deu a Trump um inédito Prêmio da Paz depois que ele, com suas guerras, foi esquecido para o Nobel. Conseguiu. De lambuja, estendeu a encrenca às federações de futebol europeias.

Na segunda-feira, na Casa Branca, Trump assumiu seu estilo. Avançou no tornozelo do árbitro. Sustentou que não houve falta e que, pelos antecedentes, Claus é “muito suspeito”. Puro Trump. Fez a acusação sem uma migalha de argumento.

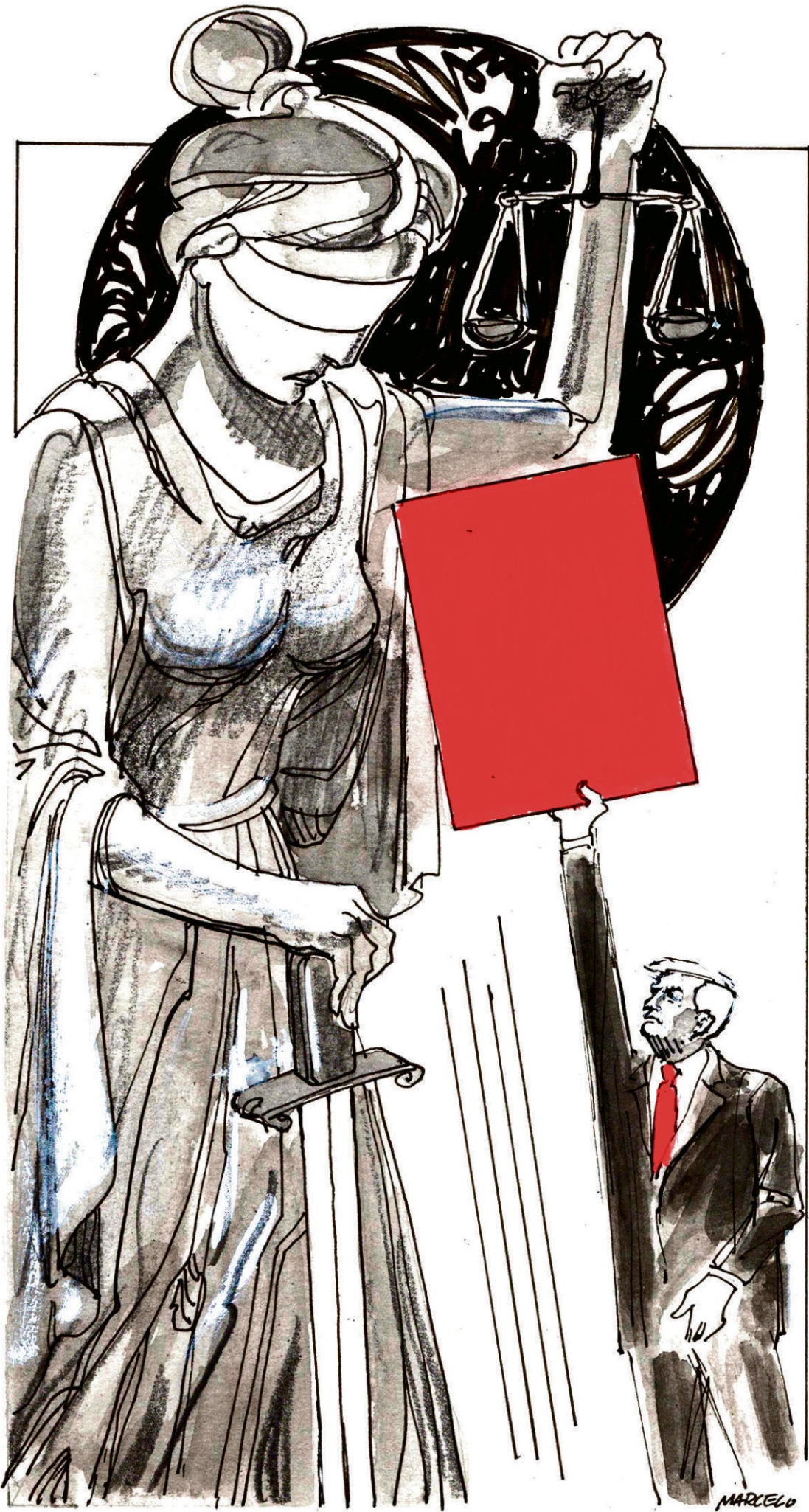
Mais: mobilizou janízaros da Casa Branca para contestar a honorabilidade de Claus. Não se discute mais a falta de Balogun, nem se exhibe o vídeo.

Roy Cohn, o temível litigante dos tribunais americanos, mentor do jovem empresário Donald Trump, ensinava:

— Não me diga o que diz a lei. Diga-me quem é o juiz.

Os juízes, àquela altura, eram Infantino e alguns cartolas da Fifa. Bingo. (Em setembro, chega às livrarias americanas uma biografia de Cohn, com o seguinte título: “Um canalha americano”.)

A realidade paralela, que Trump cultiva e manipula, explica a encrenca. O mundo vive a festa de uma Copa. A cerimônia inau-



gural do certame teve mais audiência que a ida do presidente ao sopé do Monte Rushmore, onde estão esculpidos na rocha os rostos de quatro de seus antecessores. Ele precisava entrar naquela festa.

Entrou defendendo um atleta negro e admirado, parte de uma seleção festejada. Com o Brasil eliminado, falou-se mais de Trump que da malcriação de Neymar com o goleiro norueguês. Trump não sabia o que significava um cartão vermelho, não tem

noção do que vem a ser um impedimento e talvez ache que a meia-lua da grande área seja um enfeite, onde poderiam pôr seu retrato. Conseguiu entrar na festa da Copa, por poucos dias.

Na noite de segunda-feira, sem telefonemas, os deuses do futebol decidiram. Com Balogun em campo, a seleção americana foi mandada para casa.

Futebol, jogado dentro das quatro linhas, ainda é coisa séria.

BERNARDO
MELLO FRANCO



oglobo.com.br/bernardo
X bernardomf
bmf@oglobo.com.br



A pátria sem
chuteiras

A pergunta é repetida a cada quatro anos: o desempenho do Brasil na Copa do Mundo influencia a eleição presidencial? Os candidatos parecem apostar que sim. Na dúvida, tentam pegar carona na torcida pela seleção.

Desde a estreia contra Marrocos, todos os presidenciáveis se exibiram com a amarelinha. Lula gravou vídeo para incentivar o “querido Ancelotti”. Flávio Bolsonaro apelou à inteligência artificial para mostrar afinidade com Neymar. Ronaldo Caiado disse que os noruegueses “vivem embaixo do gelo” e jamais ganhariam do Brasil. Entrou numa fria.

O senso comum sugere que uma boa performance do escrete canarinho favorece quem está no poder. Uma eliminação vexatória, como a deste ano, ajudaria a encher a bola da oposição.

Na prática, a teoria é outra. Em 1998, o Brasil perdeu de 3 a 0 para a França e Fernando Henrique Cardoso se reeleger no primeiro turno. Em 2002, a seleção conquistou o penta e a esquerda chegou ao Planalto.

Em 2006, 2010 e 2014, o brasileiro amargou desclassificações precoces e votou na situação. Mesmo depois do 7 a 1. Em 2018, caímos diante da Bélgica, mas não há evidências que liguem o gol de Kevin De Bruyne à súbita ascensão de Jair Bolsonaro. A Copa de 2022 não conta: foi disputada em novembro, depois da eleição.

Em artigo recente para o Journal of Global South Sport Studies, da Universidade de Massachusetts, o pesquisador Marco Bettine mostra que a performance no Mundial não determina o resultado da urna, embora possa influir no humor do eleitorado.

O professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP também aponta uma crise no mito da pátria em chuteiras. Ele enumera fatores que diluíram a identificação do brasileiro com a seleção: o sequestro da amarelinha por uma facção política, os sucessivos escândalos na CBF, a revoada dos melhores jogadores para as ligas europeias.

Se alguém ainda duvidava, o fiasco de domingo escancarou que não somos mais o país do futebol. No máximo, o país das bets.

ARTIGO

Todo adulto educa

BEATRIZ CARDOSO E
NICOLE PAULET PIEDRA

Mais da metade das famílias brasileiras nunca, ou quase nunca, lê um livro com seus filhos pequenos. A maioria raramente canta, conta histórias ou brinca com números no dia a dia. Esse é um achado revelador do Estudo Internacional das Aprendizagens e do Bem-estar da Criança (IELS), conduzido pela OCDE no Ceará, no Pará e em São Paulo —e não deixa dúvida de que a aprendizagem acontece muito além da escola.

O estudo traz números inéditos sobre o desenvolvimento das crianças em linguagem, pensamento matemático e habilidades socioemocionais. O mais importante, porém, não está nos scores. Está no que eles revelam sobre a complementaridade entre o que acontece dentro e fora da escola e sobre a necessidade de políticas públicas que considerem as interações cotidianas entre adultos e crianças como peça-chave no enfrentamento das desigualdades.

Um exemplo está nos resultados de linguagem: próximos da média internacional, mas com importantes variações internas. O IELS mostra que as diferenças têm cor e raça e já se manifestam aos 5 anos de idade. As iniquidades nos marcos da aprendizagem devem alertar sobre quem ainda não tem acesso à creche e à pré-escola e, com a mesma urgência, sobre a qualidade das práticas e interações que ocorrem nelas.

A baixa prevalência da leitura com as crianças pequenas é uma das formas como a desigualdade se instala

veis, a fim de garantir que todas as crianças vivenciem experiências frequentes de leitura, diálogo e exploração, com escuta e responsividade nas rotinas.

O estudo mostra, com igual clareza, que a escola não é resposta única para todos os desafios. O ambiente de aprendizagem em casa tem associação forte com o desenvolvimento

das crianças. E é justamente aí que o cenário se mostra mais árido. A baixa prevalência da leitura com as crianças pequenas é uma das formas como a desigualdade se instala, independentemente do que acontece nos contextos formais de educação.

As diferenças começam cedo e se acumulam. O debate sobre aprendizagem no Brasil precisa encarar que não basta investir na qualidade e na equidade dentro da escola se, fora dela, o desenvolvimento continua determinado pelo nível socioeconômico da família.

A boa notícia é que essa equação não é imutável, tampouco exige condições ideais para as transformações começarem. Há evidências consolidadas de que interações cotidianas ricas e regulares acumulam impacto ao longo da vida de uma criança. Não se trata de acrescentar mais uma tarefa à rotina das famílias, nem de exigir que cuidadores atuem como professores.

Fazer uma receita com a criança, lendo o texto juntos, conversando sobre comidas, quantidades, sabores e memórias, é um exemplo singelo de atividade cotidiana com enorme potencial de desenvolvimen-

to. O que transforma uma rotina comum em experiência de aprendizagem é a presença do adulto, a disposição de escutar o que a criança tem a dizer e um mínimo de repertório para reconhecer e potencializar o que ali acontece.

O próximo passo é investir em iniciativas que ofereçam apoio estruturado, orientações concretas e acessíveis e agentes que reconheçam o potencial educador das famílias — assumir que a responsabilidade por criar condições para o desenvolvimento no ambiente doméstico não é das famílias isoladamente, já sobrecarregadas com jornadas de trabalho extenuantes.

Precisamos integrar essas iniciativas a políticas intersetoriais que articulem os contextos dentro e fora da escola, que fortaleçam as famílias e que tratem o desenvolvimento na primeira infância como o que ele é: uma questão de equidade, com resposta possível, a partir da ação e responsabilidade coletiva.



Beatriz Cardoso e Nicole Paulet Piedra são, respectivamente, conselheira estratégica e diretora executiva do Laboratório de Educação

PRESSÃO DAS URNAS

Para conter desgaste, Flávio se posiciona contra tarifaço nos EUA, e governo vê tom ‘eleitoreiro’

LUÍSA MARZULLO, LETÍCIA PILLE E VICTÓRIA AZEVEDO
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA

Em um momento de desgaste e crise da pré-campanha do PL à Presidência, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) tentou ontem se antecipar a mais um revés e se posicionou diante de autoridades americanas contra o eventual tarifaço de 25% a produtos brasileiros. A uma semana da decisão definitiva do governo Donald Trump, Flávio participou de uma audiência do Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR), em Washington, onde tratou o “momento” eleitoral como o “pior possível” para a implementação da política.

Após o parlamentar tratar o governo brasileiro como o responsável por provocar a retaliação comercial, a gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva reagiu ontem e classificou a postura do adversário como “eleitoreira”. O Palácio do Planalto também considerou os trabalhos do órgão comercial americano como uma “investigação injusta contra empresários e trabalhadores do nosso país”. Com dificuldades para definir palanques em dez estados, Flávio também vem colhendo críticas do seu campo político após a briga pública com a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. No momento, o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro tenta diminuir a resistência do eleitorado em relação à sua plataforma para a política externa.

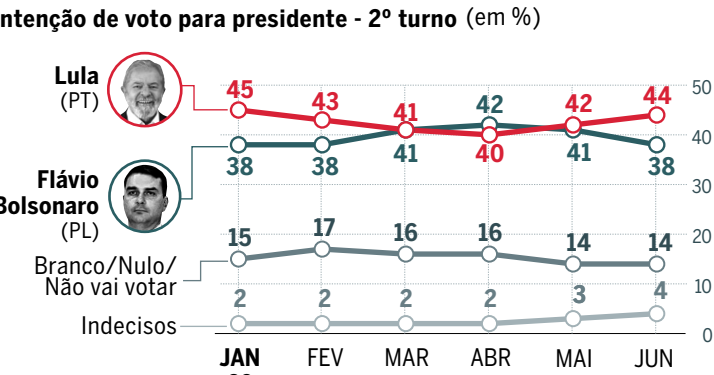
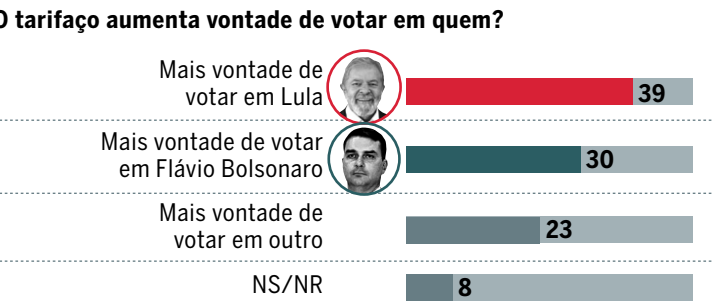
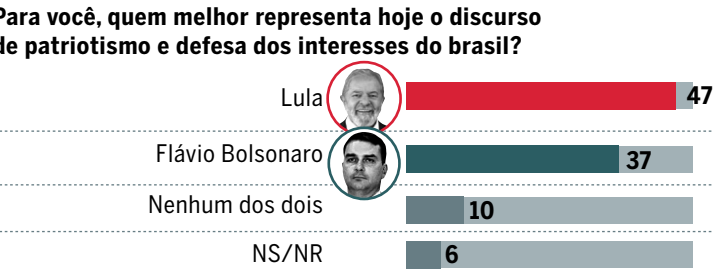
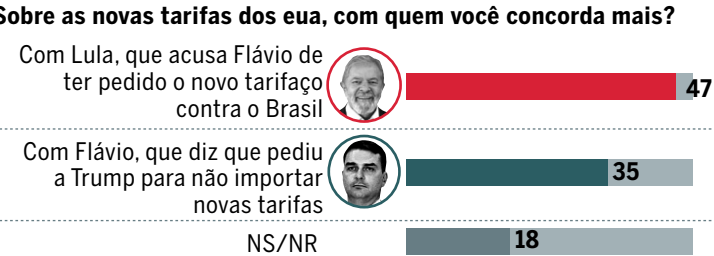
PESQUISA DESFAVORÁVEL
Pesquisa Genial/Quaest realizada entre 5 e 8 de junho mostra que esse tema é um dos pontos fracos da sua pré-campanha. À pergunta sobre quem melhor representa hoje o discurso de patriotismo e defesa dos interesses do Brasil, 47% dos entrevistados mencionaram Lula, enquanto 37% citaram Flávio. Já 10% responderam nenhum dos dois e 6% não sabem ou não responderam. No mesmo levantamento, 47% dos eleitores concordavam com a frase de Lula dizendo que Trump impôs o tarifaço a pedido de Flávio, que esteve na Casa Branca com o presidente americano no dia 26 de maio. Outros 35% afirmaram que o senador buscava evitar a sobretaxa.

Ontem, o Planalto voltou ao mesmo argumento e afirmou que Flávio atua contra o Brasil,



Sustentação oral. Flávio, ao lado do irmão Eduardo, em audiência do Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR), em Washington

Impacto eleitoral do tarifaço



FONTE: GENIAL QUAEST

pois “convocar uma potência estrangeira a pressionar o próprio país é traição à pátria”. “Há uma diferença essencial entre fazer oposição ao governo e fazer oposição ao país e ao

povo brasileiro”, diz a nota. A audiência da qual Flávio participou integra a etapa final da investigação comercial por supostas práticas desleais aberta com base na

OS PRINCIPAIS TEMAS CITADOS NA AUDIÊNCIA

Timing para tarifaço

Após enfrentar desgaste por ser associado a sanções americanas, Flávio Bolsonaro disse que o “momento” eleitoral é o “pior possível” para a implementação do tarifaço de 25% contra produtos brasileiros.

Pix não é um problema

Outra estratégia foi sair em defesa do Pix, um dos temas incluídos na investigação comercial conduzida pelos Estados Unidos. Flávio disse que o sistema de pagamentos não representa concorrência desleal às empresas americanas.

Supremo e casos de corrupção

Flávio reforçou as críticas ao STF ao abordar decisões que removeram conteúdos das redes sociais. Ao citar da Lava-Jato ao caso Master, defendeu que problemas de corrupção não deveriam justificar ações que atinjam toda a economia brasileira.

legislação americana. Além do Pix, o procedimento avalia políticas brasileiras relacionadas ao comércio digital, propriedade intelectual, acesso ao mercado de

etanol, tarifas preferenciais, combate à corrupção e desmatamento ilegal.

As manifestações apresentadas durante dois dias de audiência servirão de subsídio para a recomendação técnica que será encaminhada ao governo americano antes da decisão definitiva sobre a aplicação ou não das tarifas, prevista para 15 de julho.

Em nota publicada após a apresentação de cerca de cinco minutos, o senador defendeu uma negociação entre os dois países para encerrar o impasse comercial. Flávio chegou pouco antes das 11h e começou a se manifestar às 11h45m, em inglês.

— Em apenas 90 dias, o cenário político do país poderá ser completamente diferente. Impor agora uma tarifa que seria difícil de reverter, premiando aqueles que são responsáveis pelas ações em questão e punindo aqueles que suportaram suas consequências, seria o pior momento possível para agir — afirmou Flávio na audiência, segundo a nota enviada por sua assessoria.

A avaliação na pré-campanha do PL era que Flávio precisava deixar os Estados Unidos com uma imagem de quem havia viajado para defender empresas brasileiras e tentar impedir o tarifaço.

Quando recebeu a palavra, Flávio abriu a programação de ontem como o primeiro expositor do oitavo painel da audiência. Ao lado do senador estavam o ex-di-

retor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC) Roberto Azevêdo e representantes da Confederação Nacional da Indústria, da Abicalçados, além de outras entidades. Cada participante teve cinco minutos para resumir a manifestação escrita encaminhada ao USTR.

Flávio defendeu o Pix, mas procurou convencer os representantes americanos de que a investigação comercial não deveria ser analisada apenas sob a ótica econômica. Ao longo da fala, apresentou sua leitura sobre o cenário político e institucional brasileiro para explicar, na sua avaliação, as razões que levaram à abertura do procedimento pelos Estados Unidos.

CITAÇÃO AO MASTER

Segundo relatos de pessoas que acompanharam a audiência, o senador afirmou que decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) têm produzido impactos sobre a política e a economia brasileiras e voltou a dizer que seu pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro, é vítima de uma “caça às bruxas” conduzida pelo Judiciário. Também sustentou que medidas relacionadas à moderação de conteúdo nas plataformas digitais decorreram de decisões judiciais e de atos do Poder Executivo, e não de leis aprovadas pelo Congresso.

De acordo com interlocutores, Flávio citou o mensalão, a Operação Lava-Jato e a condenação e posterior anulação de sentenças contra Lula. Fez referência às fraudes no INSS e mencionou o Banco Master e Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha. Sem citar o banqueiro Daniel Vercaro, do Master, argumentou que casos de corrupção possuem responsáveis identificáveis e não deveriam justificar uma retaliação comercial.

Após a sustentação, o Planalto aproveitou para citar a ligação do senador com Vercaro: “Ao citar o caso Master, maior esquema de corrupção da história do país, omitiu sua origem vinculada ao governo de Jair Bolsonaro. Também esqueceu de mencionar seus próprios vínculos com Daniel Vercaro, para quem pediu mais de 130 milhões de reais para, segundo ele alega, produzir um filme sobre o seu pai”.

Departamento americano diz ser ‘absurda’ hipótese de ação militar

VICTÓRIA AZEVEDO
victoria.azevedo@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

O governo Donald Trump afirmou ontem que é “absurda” a hipótese levantada pelo Itamaraty de que é possível ocorrer uma ação militar

dos Estados Unidos no Brasil após os americanos classificarem o Comando Vermelho e o Primeiro Comando da Capital como organizações terroristas. Num ofício à Câmara, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, disse que a

decisão abre margem para uso da força militar americana em território brasileiro.

O Itamaraty alegou que a medida “não trará benefícios concretos para a cooperação” entre os países “no enfrentamento ao crime organizado” e

poderá produzir impactos econômico e de soberania nacional. A posição gerou discordância do Ministério da Defesa, sob comando de José Múcio Monteiro, que não vê risco de ação militar americana.

Um porta-voz do Departamento de Estado americano classificou como absurda a afirmação do Itamaraty e disse que o governo trabalha para combater essas organizações que hoje atuam nos EUA. A mesma autoridade destacou que “alegações vagas” sobre

uma suposta intervenção costumam “servir de pretexto para auxiliar e dar respaldo a alguns dos grupos mais violentos do mundo”.

A Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara analisará hoje um requerimento de convocação de Mauro Vieira para prestar esclarecimentos sobre as afirmações.

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA



*Energia e indústria:
como descarbonizar sem
perder competitividade*

14 de julho, 9h30

Trio Metropolitan (espaço de eventos 1º andar)
Rua Amauri, 255, Jardim Europa – São Paulo

Setores intensivos em energia, como aço, cimento, química, papel e celulose, enfrentam uma pressão crescente e inevitável para reduzir suas emissões. O grande desafio agora é transformar essa exigência em vantagem de mercado.

Neste evento, vamos discutir as soluções tecnológicas mais viáveis, o custo real da energia limpa e os caminhos práticos para uma transição sustentável que mantenha a indústria brasileira competitiva globalmente.

Inscreva-se e participe do debate presencial.

PROGRAMAÇÃO

9h30

Welcome coffee

Painel 1: O desafio da indústria intensiva em energia



Alessandra Fajardo
Diretora-executiva técnica do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS)



Janaina Donas
Presidente-executiva da Associação Brasileira do Alumínio (Abal)



Rodrigo Lauria
Diretor de Mudanças Climáticas e Carbono da Vale



MEDIAÇÃO Daniela Chiaretti
Repórter especial do Valor Econômico

10h

Painel 2: Tecnologia, energia limpa e novos caminhos para a indústria



Carlos José Bastos Grillo
Vice-presidente de Tecnologia da WEG



Marisete Pereira
Presidente da Associação Brasileira das Empresas Geradoras de Energia Elétrica (Abrage)



Ricardo Cardoso
Diretor-executivo Industrial, Engenharia e Projetos da Klabin



MEDIAÇÃO João Sorima
Jornalista do GLOBO

11h

Acesse o site e inscreva-se



Vagas limitadas. Sujeito a lotação.

Patrocínio



Realização



RENATO MEIRELLES



Presidente do Instituto Locomotiva
oglobo.globo.com/politica/renato-meirelles
renato@ilocomotiva.com.br

Sem Michelle, quem convence a Tatiana?

Na coluna passada escrevi que o voto feminino em 2026 não cabe numa personagem só. Há Dona Maria do Socorro, aposentada no sertão de Pernambuco, que vota olhando para a rede pública que sustenta a casa. Há Vera, em Suzano, cuidadora em tempo integral da mãe acamada, que carrega todo mundo sem que ninguém pergunte quem

cuida dela. E há Tatiana, 33 anos, faz sobran-celha na garagem em Mauá, paga MEI, racha o aluguel com o marido motorista de app, fecha as contas no susto e se ofende quando alguém trata ela como coitada. É pela porta da Tatiana que a crise entre Michelle e Flávio Bolsonaro entra no jogo. Não porque briga familiar decida voto de país. Política brasileira já tem novela demais. O ponto é outro. Michelle não era só a mulher de Jair no palanque. Era uma das poucas vozes capazes de suavizar a imagem de uma direita que, para muita eleitora, chega sempre pela bronca, pela guerra e pela masculinidade em campanha permanente. O Datafolha mostrou Lula vencendo Flávio entre as mulheres por 52% a 37% no segundo turno. Outras pesquisas apontam na mesma direção. Flávio já largava atrás. O vídeo de Michelle não criou o problema. Deu rosto a ele. Falo agora de mais uma personagem. Sônia tem 47 anos, mora em Praia Grande, é auxiliar de enfermagem no plantão da noite e coordena um grupo de mulheres da igreja aos sábados. Entrou no PL Mulher ano pas-sado. Semana passada cancelou a reunião

de julho. Não sabe o que dizer para as mu-lheres que ela mesma convocou. Sônia é o pedaço menos comentado da crise. Sem Michelle, Flávio não perde só eleitoras. Perde também as militantes que conquistariam eleitoras. Campanha não é só televisão, marqueteiro e corte de vídeo. É a mulher que puxa conversa depois do culto. É a cabe-leireira que comenta política enquanto faz escova. É a mãe do gru-po da escola que segura a discussão quando al-guém pergunta se aquele candidato res-peita mulher. Michelle era a chave dessa corrente. Sem ela, a militante bolsonarista continua exis-tindo, mas entra na conversa com uma mala mais pesada. Antes podia dizer, olha a Mi-chelle, ela está com ele. Agora precisa expli-car por que Michelle se sentiu desrespeita-da, por que gravou, por que rompeu. Em pol-ítica, quem começa explicando crise inter-na, já perdeu. Tatiana não está esperando

aula de ideologia. Quer saber quem enten-de a vida dela. Segurança sem virar panca-daria. Família sem mandar mulher calar. Empreendedorismo sem fingir que pagar MEI é dormir tranqüila. A resposta de Flá-vio não pode se limitar a vice mulher, cami-seta de pai de menina ou pacote de propos-tas femininas. Ajuda, mas não substitui confiança. E confiança, diferente de pro-grama, não se contrata em dois meses. Vale o aviso para o lulismo também. Quem trata os 52% entre mulheres como cofre lacrado vai errar de novo. Tatiana não é lulista por natureza. Vota em Lula por comparação, por receio, por memória. Não assinou fide-lidade com ninguém. A crise com Michelle machuca Flávio porque desmonta a engre-nagem que corrigiria sua maior fraqueza. O desafio não é chegar na eleitora. É chegar por uma voz em que ela confie. Em 2026 não bastará ter mulher no palanque. Vai precisar ter mulher na corrente de confian-ça. O voto de Tatiana não nasce em gabinete de partido. Nasce na conversa de quem fe-cha o mês no susto e procura alguém que en-tenda o tamanho do corre dela.

Renan Santos ataca Zema, e ex-governador chama rival de ‘metralhadora giratória’

Estagnado nas pesquisas, mineiro trava embate por rótulo de outsider e afirma que fundador do MBL não tem experiência; pré-candidato do Missão disse que presidenciável ‘está perdido’ no partido Novo

CAIO SARTORI
caio.sartori@oglobo.com.br

O pré-candidato do Novo à Presidência da Repúbli-ca, Romeu Zema, criticou o presidenciável do Missão, Renan Santos, que tem sido o único de direita a registrar avanços — mesmo que sutis e dentro da margem de erro — nas pesquisas de intenção de voto. Santos passou a ser visto como a maior ameaça à tentativa do ex-governador de Minas Gerais de ser o outsider da próxima cam-panha, dado que ainda não teve cargos eletivos e é forte nas redes sociais. Foi justamente na falta de experiência política que Ze-ma se concentrou para reba-ter o adversário, que o havia criticado no fim de semana. Em sabatina promovida pelo grupo Derrubando Muros, o ex-governador chamou o ou-tro candidato ao Planalto de “metralhadora giratória”. — Como ele não teve expe-riência na gestão pública, sai dando tiro como uma metra-lhadora giratória, prometendo mundos e fundos — disse o mi-neiro, que, quando foi eleito em 2018, era empresário e também não tinha bagagem política. — Se um dia ele esti-ver do outro lado do balcão, com certeza as coisas mudam.

EMPECILHO NA CORRIDA
Mais jovem entre os pré-can-didatos, Renan Santos, de 42 anos, virou um empecilho à



GIL LEONARDI/GOVERNO DE MINAS

“Como ele não teve experiência na gestão pública, sai dando tiro como uma metralhadora giratória”

Romeu Zema, ao rebater Renan Santos, após críticas do candidato do Missão

narrativa de Zema, muito con-centrada em discursos contra os “intocáveis” e em se pintar como um outsider, a mesma roupagem que assumiu em 2018. É o político do Missão, no entanto, quem tem emba-lado com base nesse perfil. Consideradas as margens de erro de diferentes institutos, os cenários mostram empate técnico entre eles dois e o tam-

bém pré-candidato de direita Ronaldo Caiado (PSD). Se-gundo Zema, “algumas pes-quisas” nas quais o candidato do Missão tem se destacado “são feitas pela internet, o que é diferente da amostra da po-pulação brasileira”. Apesar dos embates recen-tes com Flávio Bolsonaro, candidato ao Planalto pelo PL, na esteira do caso Master,



DIVULGAÇÃO/PARTIDO MISSÃO

“Eu acho que o Zema se encaixava no velho Partido Novo, e ele hoje está perdido no novo Partido Novo”

Renan Santos, ao falar de Zema em evento do MBL em Belo Horizonte

o ex-governador de Minas voltou a fazer acenos ao bol-sonarismo. Defendeu, por exemplo, a anistia ao ex-pre-sidente Jair Bolsonaro, preso pela trama golpista. Questio-nado sobre os impactos de uma libertação do ex-presi-dente na percepção interna-cional sobre o país, admitiu mudar de opinião. — Talvez deveríamos ter

um rejugamento, com pes-soas mais isentas — alegou Zema, que ainda prometeu passar o “facão” nos gastos públicos e tentar, com refor-mas, levar a taxa de juros a “algo como 6,5%”. Renan Santos esteve em Belo Horizonte no sábado. Em evento do MBL, do qual é fundador, disse que Zema nunca foi um outsider e vive

hoje uma crise de identida-de de partidária. — Eu acho que o Zema se encaixava no velho Partido Novo, e ele hoje está perdido no novo Partido Novo. Para aquele velho Partido Novo, o Zema fez sentido. Ele era um empresário de fora da políti-ca, mas ele não era fora do sis-tema aqui em Minas — afir-mou. — É um cara da elite aqui de Minas, e não tem ne-nhuma crítica nisso. É um ca-ra de elite normal, bem situa-do, bem posicionado, amigo das pessoas certas. Ele ga-nhou a eleição, e o grupo eco-nômico ligado a ele também se deu muito bem.

NIKOLAS NA MIRA
As principais críticas no evento, contudo, foram di-recionadas ao deputado fe-deral Nikolas Ferreira (PL-MG), com quem Renan Santos se comparou. — A diferença é de QI e caráter. O Nikolas é uma pessoa simplória e fingida. O Nikolas é uma pessoa fal-sa, é um influencer. Eu sou um político bom — afir-mou, segundo declarações reproduzidas pelo jornal mineiro O Tempo. À imprensa depois do en-contro do MBL, o pré-can-didato indicou que tem como meta chegar em breve aos 10% das intenções de voto com foco em quem votou em branco ou nulo na última eleição, além de quem quer “fugir da polarização”. Só de-pois pretende buscar os elei-tores de Flávio Bolsonaro. — Eu preciso chegar a 10%, porque desde abril eu já estou consolidado na frente deles (Zema e Caiado). A Copa do Mundo atrapalha um pouco isso, porque ela faz com que o volume do conteúdo político diminua a um quinto do que é, então as pessoas saem do de-bate. Mas largar em 10%, dois dígitos, é uma estratégia para eu buscar o Flávio — disse.

Lula tem 24% de eleitores à direita, e Flávio, 19% à esquerda, revela pesquisa

Classificação do Datafolha considera respostas sobre economia e valores

Um novo recorte da pesquisa Datafolha feita em junho mostra que, entre os entrevis-tados que indicaram intenção de votar em Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para presidente, 24% estão nos campos da di-reita ou da centro-direita, se-gundo a classificação ideoló-gica medida pelo instituto. Já en-tre aqueles que declararam vo-to em Flávio Bolsonaro (PL), 19% aparecem à esquerda ou na centro-esquerda.

A classificação ideológica foi calculada pelo Datafolha a partir das respostas a 16 per-guntas sobre economia, comportamento e valores. O levantamento apontou que, em geral, após um recuo re-gistrado em 2022, a direita e a centro-direita voltaram a superar a esquerda e a cen-tro-esquerda no Brasil: 44% a 39% (há quatro anos, os grupos somavam 34% a 49%, respectivamente).

No eleitorado de Lula, se-gundo os cálculos, há 24% na esquerda, 36% na centro-es-querda, 16% no centro, 19% na centro-direita e 5% na di-reita. No grupo pró-Flávio, há 25% na direita, 38% na centro-direita, 17% no cen-tro, 15% na centro-esquerda e 3% na esquerda (as somas foram arredondadas). As mudanças ocorreram sobretudo nos temas de cri-minalidade, homossexuali-

dade, religião e pobreza. Se-gundo o Datafolha, um ter-ço dos eleitores de Flávio (34%) disseram acreditar que a posse de armas deve ser proibida por representar uma ameaça à vida, enquan-to isso 26% dos entrevista-dos que indicaram voto em Lula disseram que as leis tra-balhistas no país mais atra-palham o crescimento das

34%

dos eleitores de Flávio são a favor de proibir posse de armas
Parcela dos que indicam voto no senador e são de esquerda e centro-esquerda soma 19%.

empresas que protegem os trabalhadores. A maior par-te dos eleitores de Lula (61%) e Flávio (81%) defen-de que adolescentes que co-metem infrações devem ser punidos como adultos. Na ocasião, o Datafolha apontou que Lula permane-ce à frente nas intenções de voto para o primeiro turno da eleição presidencial, com

26%

dos eleitores de Lula acham que leis trabalhistas atrapalham
No grupo que prefere o petista, 24% estão nos campos da direita ou da centro-direita.

41%, seguido por Flávio, com 31%. Um segundo grupo de candidatos aparece com in-tenções de voto entre 3% e 1%, ainda sem ameaçar co-ncretamente os dois favoritos. No cenário simulado de se-gundo turno, o petista mar-cou 47%, e o filho do ex-pre-sidente Jair Bolsonaro, 43%. A pesquisa presencial Data-folha ouviu 2.004 pessoas em 139 municípios entre 17 e 18 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais pa-ra mais ou para menos, com nível de confiança na amostra de 95%. Nos estratos, a mar-gem varia conforme a base. A pesquisa está registrada no Tri-bunal Superior Eleitoral sob o número BR-09956/2026.

Marina lidera para o Senado em SP, seguida por Tebet

Direita aposta no início da propaganda na TV e na associação com Tarcísio para alavancar André do Prado e Derrite

LUIS FELIPE AZEVEDO, LUCIANO FERREIRA, LUÍSA MARZULLO, SÉRGIO QUINTELLA E SAMUEL LIMA
politica@oglobo.com.br
RIO, BRASÍLIA E SÃO PAULO

A primeira pesquisa Datafolha divulgada após o anúncio das chapas do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e do ex-ministro Fernando Haddad (PT) mostra Marina Silva (Rede) na liderança e Simone Tebet (PSB) numericamente à frente na disputa pelas duas vagas ao Senado por São Paulo, com 18% e 16%, respectivamente. Os pré-candidatos da direita vêm na sequência: o deputado Ricardo Salles (Novo) tem 13% das intenções de voto; o presidente da Assembleia Legislativa, André do Prado (PL), 11%; e o deputado Guilherme Derrite (PP), 10%.

Integrantes da pré-campanha à Presidência do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) avaliam que a propaganda na TV e o “efeito Tarcísio” vão ser fatores importantes para conter a liderança de Marina e Tebet. A estratégia vai ser nacionalizar a disputa e apostar na vinculação entre André do Prado e Derrite às imagens de Flávio e do governador. Salles se lançou de forma avulsa.

Após meses de indefinição, Haddad anunciou no mês passado as ex-ministras como postulantes ao Senado. A presença de duas mulheres na chapa deve ser explorada pelo petista para antagonizar com Tarcísio, que não tem nenhuma representante feminina em seu primeiro escalão eleitoral.

ESTRATÉGIAS

Conhecida por seu trabalho como ministra do Meio Ambiente, Marina deve tentar alavancar sua candidatura ampliando sua área de atuação. Aliados já mapearam três grupos nos quais ela se sai bem: jovens, mulheres de mais de 45 anos e evangélicos.

Tebet, por sua vez, tem o desafio de mostrar sua conexão com o estado, já que a ex-ministra do Planejamento é natural de Mato Grosso do Sul, onde fez sua carreira política e foi eleita senadora por dois mandatos. Essa missão já vem sendo endereçada nas propagandas do PSB, nas quais ela afirma querer colocar sua experiência à disposição dos paulistas.

Já André do Prado pretende continuar colando no governador, como já tem feito ao longo do mandato, e tem a missão de rodar o interior para fazer interlocução com



Marina. Quer ampliar foco para além do meio ambiente



Tebet. Desafio de mostrar conexão com o estado

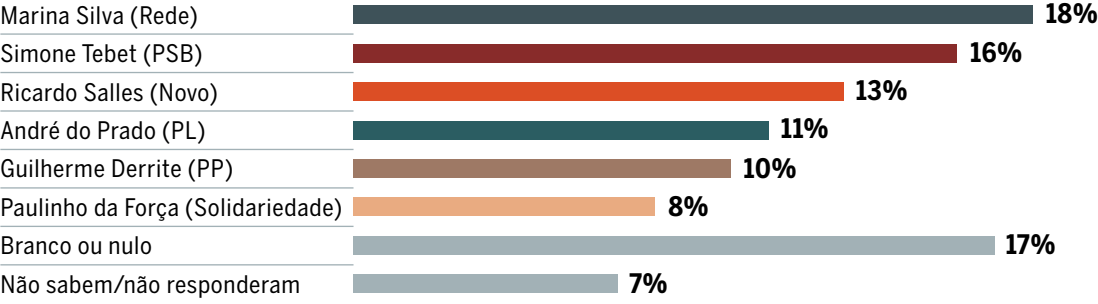


André do Prado. Missão de fazer interlocução com prefeitos



Salles. Candidato avulso, pretende investir no antipetismo

Datafolha para o Senado



FONTE: DATAFOLHA

Grupo de Boulos considera crítica de Tabata ‘deselegante’

Apesar da troca de farpas, integrantes do PSOL tentam contornar crise e dizem que acordos eleitorais estão mantidos

SÉRGIO QUINTELLA E SAMUEL LIMA
politica@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Interlocutores do ministro Guilherme Boulos (PSOL), da Secretaria-Geral da Presidência, avaliam que o atrito público com Tabata Amaral (PSB) foi uma estratégia da deputada para se posicionar ao centro e se distanciar da esquerda na disputa em São Paulo. Apesar de envolver dois expoentes da base do presidente Lula, aliados de Boulos minimizaram o episódio e afirmaram que os acordos eleitorais estão mantidos.

Na segunda-feira Tabata publicou um vídeo nas redes sociais em que critica os cinco

deputados mais votados na eleição passada. Candidata à reeleição, ela sustenta que “não é normal” ter aprovado mais projetos sozinha do que aquele grupo somado e que a população recebe “migalhas” em retorno ao voto.

Além de Boulos, que contabiliza cinco matérias aprovadas, aparecem na lista os deputados bolsonaristas Nikolas Ferreira (PL-MG), Ricardo Salles (Novo-SP), Carla Zambelli (PL-SP) e Eduardo Bolsonaro (PL-SP).

Boulos deu uma resposta dura, na avaliação dos próprios correligionários, ao que consideram uma postura “deselegante” da deputada. O ministro, que integra a coordena-

ção da campanha de Lula à reeleição, publicou nas redes que o vídeo de Tabata era “lamentável para alguém do campo progressista” e disse que teria “vergonha” de duas de suas decisões políticas: o voto a favor da reforma da Previdência do governo Bolsonaro e a autoria de um projeto de lei “que criminaliza as críticas ao genocídio de Israel na Faixa de Gaza”, em referência a uma proposta de Tabata para definir o que é antissemitismo e equipará-lo ao crime de racismo no Brasil. Tabata e Boulos foram procurados, mas não retornaram o contato.

Uma pessoa próxima de Boulos, com trânsito na campanha de São Paulo, inter-



Tabata. Crítica a Boulos nas redes



Boulos. Resposta no mesmo tom

preta o movimento de Tabata como uma “besteira de campanha”, que se resume à tentativa de ganhar terreno nas eleições para a Câmara, da

qual o ministro não participa. A parlamentar estaria adotando, deste modo, uma “lógica neoliberal” para avaliar o mandato do psolista, ao

prefeitos. Ex-secretário estadual de Segurança Pública, Derrite vai apostar nessa área e cumpre a cota mais ideológica da chapa da direita.

Correndo por fora, Salles, que foi ministro de Jair Bolsonaro, pretende trabalhar com o antipetismo e investir contra Prado para ganhar adeptos na direita, alegando que ele “traz consigo o DNA dos escândalos do Centrão”.

APOSTANATV

Aliados de Flávio afirmam que a disputa está longe de uma definição e lembram que a diferença entre os postulantes permanece dentro de um intervalo considerado reversível. A margem de erro do Datafolha é de dois pontos para mais ou para menos.

Para o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, as candidaturas de Prado e Derrite vão crescer quando o horário eleitoral começar.

— André e o Derrite vão chegar na frente, as candidatas do PT só vão estar bem até começar as eleições — afirma o dirigente do partido do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Salles empata tecnicamente com a dupla apoiada pelo governador de São Paulo e pelo presidencialável do PL, além de Tebet. O deputado migrou para o Novo com a promessa de concorrer ao Senado.

— São Paulo não quer oportunistas de fora, nem ladrões daqui mesmo — disse ele.

Prado não responde a inquéritos criminais. A associação passa pela proximidade com o Centrão.

Na direita, a avaliação é que a pesquisa captou muito mais o grau de conhecimento dos concorrentes do que uma preferência consolidada do eleitorado. Marina e Tebet disputaram a Presidência da República e ocuparam ministérios. A expectativa é que essa diferença diminua com o início da propaganda eleitoral no rádio e na TV o e com a intensificação das agendas conjuntas entre André do Prado, Derrite, Flávio e Tarcísio.

Alcolumbre reage a ultimato de líder do PT para votação do fim da escala 6x1

LUÍSA MARZULLO
luisa.castro@oglobo.com.br
BRASÍLIA

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), rebateu ontem o líder do PT na Câmara, Pedro Uczai (SC), que ameaçou tratá-lo como “inimigo dos tra-

balhadores” caso a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que acaba com a escala de trabalho 6x1 não seja encaminhada à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) até a próxima semana.

Em nota divulgada pela Presidência do Senado, Alcolum-

bre afirmou que “esse tipo de ameaça e tentativa de intimidação não será mais tolerado” e que a definição da pauta e da tramitação das matérias “não se submete a ultimatoss ou pressões político-eleitorais”.

Alcolumbre também afirmou que, na última semana,

reuniu-se com a líder do governo no Senado, Teresa Leitão (PT-PE), o senador Paulo Paim (PT-RS) e representantes das centrais sindicais para discutir a PEC, ocasião em que reafirmou seu compromisso com o diálogo e com a tramitação regular da proposta de redução da jornada semanal de trabalho.

A proposta foi aprovada pela Câmara no fim de maio e, desde então, aguarda despacho de Alcolumbre para inici-

ar sua tramitação no Senado. A proposta reduz de 44 para 40 a jornada máxima semanal no país, com a garantia de duas folgas por semana (5x2) em vez de uma, como é hoje.

No encontro com Teresa Leitão, Alcolumbre ouviu da senadora as pautas prioritárias para o governo, incluindo a 6x1, mas não se comprometeu em marcar a votação. Ele afirmou que fará uma avaliação das propostas apresentadas.

Ontem, Uczai afirmou que o

PT dará uma “trégua” a Alcolumbre até a próxima semana para que a proposta seja despachada à CCJ:

— Nós vamos dar uma trégua para o Davi Alcolumbre para ele pegar a pasta e mandar para a Comissão de Constituição e Justiça. Até semana que vem, se ele não encaminhar para a Comissão de (Constituição e) Justiça, nós vamos elegê-lo como inimigo também. Inimigo dos trabalhadores e da pauta.



Previsão de três novas vagas no STJ abre corrida

Vacâncias são esperadas para o segundo semestre, em uma das maiores renovações recentes na Corte, e indicações podem ficar para o próximo presidente. Interino no governo do Rio, Ricardo Couto é favorito para ocupar um dos postos



Saída. Antonio Saldanha Palheiro, no STJ: aposentadoria abriu vaga em abril



Transição. Og Fernandes discursa: ministro atinge idade limite em novembro



Punição. Buzzi, alvo de processo administrativo: expectativa de exoneração

MARIANA MUNIZ
mariana.muniz@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) poderá chegar ao fim do ano com três vagas abertas destinadas a desembargadores dos Tribunais de Justiça estaduais, abrindo uma das maiores renovações recentes em sua composição e desencadeando uma disputa que já mobiliza magistrados. Caso as nomeações fiquem para 2027, o próximo presidente da República — seja Luiz Inácio Lula da Silva, se reeleito, ou quem vencer a eleição — poderá iniciar o mandato com a prerrogativa de indicar três ministros para a Corte.

Hoje, já está vaga a cadeira deixada pela aposentadoria do ministro Antonio Saldanha Palheiro, em abril. Nos próximos meses, o ministro Og Fernandes também deverá se aposentar ao atingir, em novembro, a idade limite para permanência na magistratura. Há a expectativa de que o magistrado antecipe a sua saída.

PROCESSO EM CURSO

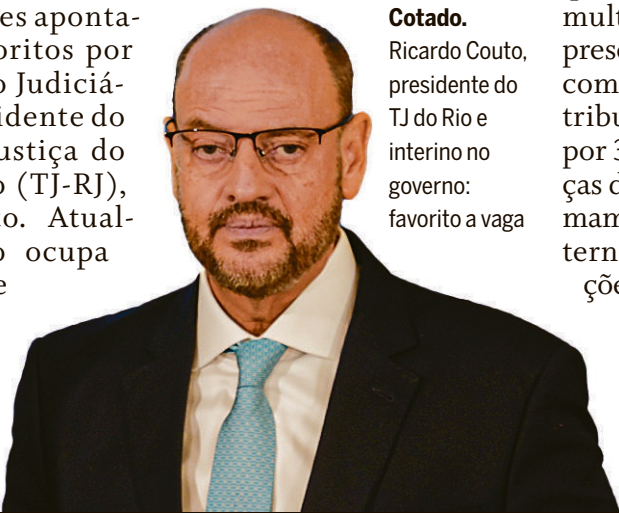
A terceira vaga pode surgir com a conclusão do processo administrativo disciplinar (PAD) do ministro Marco Buzzi, cuja exoneração é considerada provável por integrantes da Corte caso a punição máxima seja aplicada. Buzzi é alvo de um processo disciplinar envolvendo supostos atos de importunação sexual (veja mais abaixo), o que ele nega. A tendência, segundo integrantes do STF, é que a apuração termine em agosto.

Entre integrantes do tribunal, a perspectiva já alimenta uma intensa articulação entre desembargadores de diferentes estados. Como as três vagas pertencem ao quinto constitucional reservado aos integrantes dos Tribunais de Justiça, a disputa deve se concentrar entre magistrados estaduais, que já intensificam movimentos políticos em Brasília.

Um dos nomes apontados como favoritos por integrantes do Judiciário é o do presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ), Ricardo Couto. Atualmente, Couto ocupa interinamente o cargo de governador do estado em razão da vacância na linha sucessória aberta após a renúncia de Cláudio Castro (PL). Nos bastidores do STJ, seu nome é citado como um dos mais fortes para disputar uma das vagas, embora o processo de escolha ainda nem tenha sido iniciado.

Outros desembargadores também têm intensificado conversas com ministros, integrantes do governo no Lula e parlamentares, em uma disputa que tradicionalmente envolve forte articulação política. Pela Constituição, cabe ao presidente da República escolher um dos nomes da lista tríplice elaborada pelo STJ, submetendo posteriormente a indicação à aprovação do Senado.

Cotado.
Ricardo Couto, presidente do TJ do Rio e interino no governo: favorito a vaga



GABRIEL DE PAIVA/22-6-2026

PGR pede punição a ministro por assédio

Parecer defende que STJ adote medidas disciplinares contra Buzzi em casos de importunação sexual

BRASÍLIA

A Procuradoria-Geral da República (PGR) defendeu a responsabilização disciplinar do ministro Marco Buzzi, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), na sindicância instaurada para apurar duas denúncias de importunação sexual apresentadas contra o magistrado. O parecer foi assinado pelo subprocurador-geral da República José Adônis e encaminhado ao procedimento conduzido no âmbito do tribunal.

A manifestação da PGR sustenta que há elementos suficientes para a adoção

de medidas disciplinares. Caberá agora ao STJ analisar o parecer e decidir os próximos passos da sindicância, mas a expectativa é que a Corte concorde com o parecer.

RELATOS DE DUAS VÍTIMAS

Buzzi passou a ser investigado após duas mulheres relatarem episódios de importunação sexual envolvendo o ministro. A primeira denúncia foi apresentada em fevereiro por uma jovem de 18 anos, filha de um casal de amigos do magistrado. Ela afirmou que foi alvo de toques sem consentimento durante um encontro soci-

al. Posteriormente, uma segunda mulher, uma funcionária terceirizada, que teria trabalhado no gabinete do magistrado, também apresentou relato semelhante, o que levou à ampliação da apuração interna.

A defesa de Buzzi nega as acusações e sustenta que o ministro não praticou qualquer conduta irregular. Ao longo das apurações, seus advogados afirmaram que as denúncias não correspondem aos fatos e defenderam o arquivamento do procedimento.

As denúncias são apuradas em uma sindicância instaurada pelo STJ para

verificar se houve violação aos deveres funcionais impostos aos integrantes da Corte. O procedimento tem natureza administrativa e é independente de eventual responsabilização na esfera criminal.

O parecer do subprocurador-geral José Adônis conclui que os elementos reunidos na investigação justificam a responsabilização disciplinar do ministro. A decisão final caberá ao STJ, que deve julgar o processo em plenário em agosto, quando o tribunal retoma as atividades após o recesso.

A comissão responsável pela instrução do PAD é

composta pelos ministros Luis Felipe Salomão, Benedito Gonçalves e Ricardo Villas Bôas Cueva, sob a presidência de Salomão. Em caso de eventual condenação, podem ser impostas sanções administrativas ao magistrado.

DISFUNÇÃO ERÉTIL

Em paralelo, em um processo que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF), a defesa de Buzzi apresentou laudos de que o magistrado sofre de disfunção erétil para contestar as alegações da jovem de 18 anos que o acusou de tentar agarrá-la em uma praia de Balneário Camboriú (SC), em janeiro deste ano, durante férias com a família do próprio magistrado. Os advogados anexaram os documentos ao processo para sustentar

que o relato seria incompatível com a condição médica do acusado.

As informações foram divulgadas pelo portal Metrôpoles, que teve acesso aos documentos. Os laudos apontam que Buzzi teria “disfunção erétil de origem multifatorial, ausência de libido, hipogonadismo” — funcionamento deficiente dos testículos, com produção insuficiente de hormônios ou gametas — “e ausência de ejaculação anterógrada”.

Datado de 6 de fevereiro deste ano, o documento aponta não haver “respaldo” para a “hipótese de função sexual exacerbada”, dado o “comprometimento da função sexual masculina”. Também cita histórico de cirurgia de próstata, diabetes, hipertensão e uso contínuo de medicamentos. (Mariana Muniz)

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

ACESSE **EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR** E SAIBA MAIS.





À DISTÂNCIA DO ENSINO

Quatro a cada dez brasileiros não concluíram a educação básica em meio a desafios da EJA

**BERNARDO LIMA, BRUNA LESSA
E LIVIA NANI**
brasil@oglobo.com.br
BRASÍLIA E RIO

“Aquele sonho de estudar acabou se apagando”, lembra Paulo Ricardo Santos, hoje com 42 anos. Aos 23, enquanto ainda iniciava o ensino médio, abandonou a escola e passou a viver nas ruas, em meio à dependência química. Uma década e meia depois, graças a uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) organizada pela Fundação Roberto Marinho em parceria com a Redes da Maré, retomou os estudos — e, em paralelo, buscou tratamento. Apesar das dificuldades para conciliar trabalho, aulas e a luta contra as drogas, conseguiu o diploma e, agora, mira sonhos maiores: entrar numa faculdade.

—Fazer Serviço Social é poder voltar para aquele lugar não mais como quem precisa de ajuda, mas como alguém que pode cuidar de outras pessoas também — diz ele, que atua como redutor de danos em um espaço de acolhimento para a população em situação de rua e usuários de álcool e outras drogas no Complexo da Maré, onde mora, no Rio.

A trajetória de Paulo ilustra um desafio comum a muitos brasileiros. Um estudo inédito, apresentado ontem indica que o país tem, hoje, 63,9 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que deixaram a escola antes de concluir a educação básica — 37,3% da população nessa faixa etária. O cenário é agravado pelas dificuldades de acesso ao EJA, recurso que permitiu a virada do morador da Maré, que só atende 1,5% da demanda potencial nacional.

Os dados constam no relatório “População de 15+ fora da escola, demanda potencial por EJA e transições para o trabalho: diagnóstico e evidências para políticas públicas”. Realizado por Fundação Roberto Martinho, Fundação Bradesco, Fundação Itaú/ Itaú Educação e Trabalho e Fundação Arymax, com a cooperação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o documento foi lançado junto com a Rede EJA e Inclusão Produtiva, que reúne 16 organizações da sociedade civil em torno de um compromisso de longo prazo para ampliar o acesso à Educação de Jovens e Adultos e promover a inclusão produtiva no país.

— Uma sociedade em transformações permanentes precisa criar possibilidades permanentes de aprender. Uma das grandes transformações que o Brasil precisa fazer passa pela EJA, que tem um enorme potencial de transformar o Brasil — frisa Rosalina Soares, superintendente de Conhecimento da Fundação Roberto Marinho.

MORTES E ENVELHECIMENTO

O relatório mostra que o número de brasileiros que não concluiu a educação básica



 “A pobreza era demais. Quando cheguei aqui, eu só me interessava no trabalho. Eu trabalhava noite e dia”

José Paulino veio de Pernambuco para o Rio aos 20 anos



 “A gente era da roça. Era uma distância muito grande para ir a pé. Eu não aprendi nada. Mas escrevo bem, sou caprichoso”

Francisco Tarcísio conseguiu se alfabetizar graças ao Mobral

tado em todas as etapas. Foi o motivo que levou 53,9% dos homens a abandonarem os estudos quando jovens e continua sendo a principal barreira ao retorno para 61,7%.

EM BUSCA DE VIDA MELHOR

É o caso de José Paulino, de 75 anos. Nascido no interior de Pernambuco, ele cresceu em uma região onde não havia escola nem professores. Filho mais velho entre 13 irmãos, começou a trabalhar ainda criança na lavoura da família, plantando para garantir o sustento da casa. Aos 20 anos, seguiu para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades e conseguiu emprego na construção civil, destino comum de muitos migrantes nordestinos sem escolaridade que desembarcavam na cidade.

— A pobreza era demais. Quando cheguei aqui, só me interessava no trabalho. Eu trabalhava noite e dia. Se tivesse pensado, o estudo era melhor. Mas não pensava nada disso — recorda Paulino, que não aprendeu sequer a escrever o próprio nome e hoje, já idoso, vende roupas como camelô na Central do Brasil.

Aos 80 anos, Francisco Tarcísio tem história parecida. Após receber educação precária — “a gente era da roça, era uma distância muito grande para ir a pé”, justifica —, deixou o interior do Ceará com 17 também rumo ao Rio, mas conseguiu se alfabetizar e aprender a fazer contas com aulas noturnas no Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), programa federal criado durante a ditadura militar voltado a jovens e adultos. Graças a essa decisão, conseguiu uma vaga como garçom e permaneceu na profissão por 45 anos, até se aposentar.

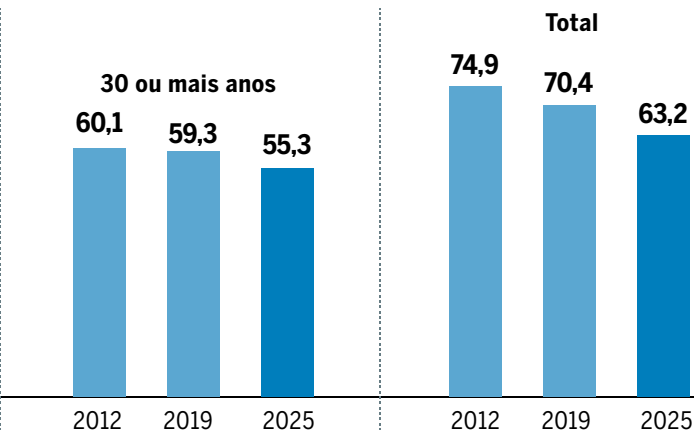
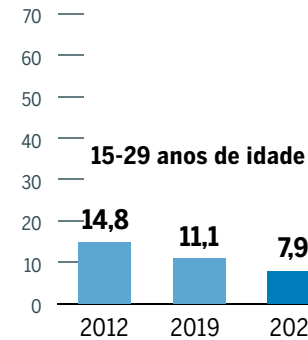
— Se eu não tivesse estudado no Mobral, não conseguiria trabalhar no comércio. Eu aprendi a fazer conta, aprendi a escrever. E escrevo bem, sou caprichoso — narra.

Entre as mulheres, as demandas da família são a razão mais citada por quem abandonou os estudos. Hoje, 34,9% delas afirmam que não conseguem voltar à escola por causa dos filhos, das responsabilidades domésticas e das tarefas de cuidado. A gravidez, sozinha, foi responsável pela interrupção dos estudos de 22,9% desse público.

Para os pesquisadores, oferecer vagas sem garantir creches, horários flexíveis e condições reais para conciliar estudo, trabalho e família significa ignorar justamente os fatores que afastaram essa população da escola. Atualmente, três em cada quatro matrículas da EJA no ensino fundamental ocorrem no período noturno — horário que dificulta o acesso de trabalhadores informais, profissionais que trabalham à noite e mulheres responsáveis pelo cuidado de crianças pequenas, por exemplo.

Fora da escola

BRASILEIROS COM ENSINO BÁSICO INCOMPLETO
(em milhões)



PERCENTUAL DA POPULAÇÃO QUE PAROU NOS...

Faixa etária	Anos iniciais do fundamental		Anos finais do fundamental		Ensino médio	
	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES
15-17	0,4	0,2	0,7	0,5	1,5	1,1
18-24	2,2	1,2	4,7	3	15,3	11,7
25-29	2,5	1,4	5,4	3,6	11,9	9,7
30-39	7,7	4,7	14	10,4	22,2	19,8
40-49	16,4	12,1	20	17,4	18,2	18,9
50-59	22,4	19,2	22,5	22,7	14,6	16,7
60+	48,4	61,2	32,6	42,4	16,3	22,1

FONTE: PNAD CONTÍNUA (IBGE) / ELABORAÇÃO DO CERES/IESP-UERJ

fessores voltada ao ensino de jovens e adultos.

O relatório calcula o custo da incompletude educacional da população, estimado em R\$ 66 bilhões em renda perdida. O valor considera que a renda domiciliar per capita de quem está fora da escola sem concluir a educação básica é de R\$ 1.427, pouco mais da metade dos R\$ 2.777

recebidos, em média, por quem concluiu essa etapa.

Para estimar o impacto econômico da baixa escolaridade, os pesquisadores simularam o que aconteceria caso metade dessa população, cerca de 32,5 milhões de pessoas, concluísse a educação básica. O resultado aponta um ganho potencial equivalente a 0,6% do

Produto Interno Bruto (PIB). “É uma perda que ocorre todo ano — não por ausência de demanda, mas por ausência de política”, destaca o documento.

O levantamento também aponta que as razões para abandonar a escola e para nunca voltar são distintas entre homens e mulheres. Entre eles, o trabalho é o principal fator ci-

VIVI PARA CONTAR

‘Não há terapia que prepare’, diz professora que teve vidro colocado na água por alunos

Desabafo de educadora sobre o comportamento de estudantes do 8º ano repercutiu nas redes. ‘Chorei desesperadamente’, recorda ao GLOBO a servidora de rede municipal no interior paulista



‘Cérebro bombardeado’. Vídeo em que Michele Ramos narrou o episódio ganhou amplo alcance na internet: após começar a das aulas, em 2020, ela chegou a se afastar por conta de crises de ansiedade

MICHELE RAMOS*
brasil@oglobo.com.br

“Sou professora na rede municipal de São José dos Campos (SP). Me formei em Biologia em 2010 e, a princípio, não fui para a área da educação. Tentei, mas não consegui seguir a carreira acadêmica. Depois, senti um chamado, uma vontade de trabalhar com educação e fazer alguma transformação na sociedade. Fiz a licenciatura, prestei concurso, fui chamada e tinha uma expectativa boa. Mas nada me preparou para o ambiente da sala de aula. A gente estuda um monte de coisa, mas nada te prepara para o turbilhão que é pegar turmas de 6º e 9º anos. Comecei a dar aula em 2020, no ano da pandemia. Fui pegando o jeito aos trancos e barrancos enquanto enfrentava a dura realidade dessas crianças. São situações externas que os alunos passam, a ausência de família e as dificuldades de aprendizado. Coisas que eu não imaginei que fossem me impactar tanto. Mesmo assim, na sala tento deixar o clima leve. Gosto de fazer experiências práticas, mas, às vezes, fico receosa e acabo desistindo, porque em geral são os dias em que eles ficam mais agitados. As crianças se distraem com facilidade. O negócio deles é dopamina o tempo todo. Se você pede uma leitura um pouco mais longa, parece algo absurdo. Essa revolta acaba caindo sobre mim. Antes desse episódio mais grave, eu já tinha passado por momentos de estresse e crises de ansiedade devido à falta de comprometimento e à muita bagunça. Sofri desrespeito e xingamentos de alguns estudantes e tive que ouvir coisas de familiares que eu não gostaria. Cheguei a sentir que não estava dando conta. Isso me levou a um estado de medo em que tive que me afastar. O ponto de virada foi em 2022, só dois anos depois de ini-

ciar na profissão. Comecei a sentir pânico ao sair de casa. Já estava ficando sem dormir, ruminando situações de forma excessiva. Não era só um dia difícil, meu cérebro estava sendo constantemente bombardeado. Percebi que estava em um estado de ansiedade muito alto e comecei a tomar medicações. Hoje, estou à base de remédios. Tentei ficar sem, mas, no momento, só conseguia dar aula medicada. Eu não avaliava que essa turma do 8º ano desse mais problema do que outras. O embate era sobre não cumprirem atividades e fazerem bagunça. Da mesma forma, com os três meninos envolvidos, não havia atrito. Eu apenas cobrava as entregas. Foi uma surpresa enorme. Tem alunos que até esperaria que fizessem algo, mas desse eu não esperava. Naquela aula, planejei uma atividade sobre o sistema sanguíneo. Chamei cerca de seis alunos para sentar bem na minha frente, pois não tinham entregue um trabalho um mês

antes. Estava dando mais uma chance para a nota deles, que era baixa. Enquanto faziam a tarefa, comecei a montar um microscópio na mesa. Tirei uma gotinha de sangue e passei a preparar a lâmina. Meu copo de água estava vazio, mas tinha uma gotinha no fundo. Usei para limpar as lâminas, que estavam embaçadas. Uma delas quebrou na minha mão, e deixei no cantinho, certa de que ninguém ia mexer. Então, pedi para um dos alunos buscar água para mim naquele copo. Nesse momento que eu estava focada no microscópio, por uns 30 segundos, perdi a visão da turma. Perguntei quem tinha sido, e não falaram. Peguei o copo, fui até a direção, pedi para acessarem a câmera e avisei que faria um boletim de ocorrência. Quando voltei para a sala e falei isso, ficaram em silêncio. Nisso, comecei a refletir e a chorar. Eu chorava desesperadamente. O que eu estava fazendo ali? Por que estava passando por isso? Fiquei com um sentimento de desesperança e pensei: ‘Não dou conta, tenho que ir embora daqui’. Entrei em desespero. Em dez minutos, veio outra turma. Ainda estava aos prantos. Uma professora viu meu estado, avisou a diretora, que me substituiu e mandou beber água e lavar o rosto. Falei que precisava sair, ir ao médico, fazer o boletim de ocorrência e abrir uma CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho) devido ao colapso nervoso. Na saída, o menino que pôs o vidro veio falar comigo: ‘Professora, fui eu’. Tentou explicar, mas não quis conversar. Fiquei muito decepci-

onada, porque tinha acolhido ele uma semana antes, quando ele estava mal. Só depois soube toda a história: um deu a ideia, ele colocou, outro acobertou tudo na minha frente. Tive que registrar o BO. Eles precisam entender a consequência de uma tentativa de violência física. Quando ainda estava no hospital, senti que precisava fazer um desabafo. Fiz um vídeo que repercutiu. Eu estava mal, mas muita gente veio me apoiar. Vários ex-alunos mandaram mensagens, e escolas em outros estados fizeram manifestações em apoio. Acabei virando uma porta-voz. Ouvi relatos absurdos de professores: agressões físicas, quedas causadas por portas batidas de propósito e até casos de envenenamento. É o apagamento dos professores acontecendo. Após o episódio, a prefeitura ofereceu transferência, mas estou pensando. Meu maior medo é passar mal de novo. Se voltar, terei que voltar a lidar com a sensação de não ter o controle e enfrentar os mesmos gatilhos de desrespeito. Abandonar a sala de aula é uma opção. Não gostaria, mas preciso planejar minha saída, pois estou com muito medo de passar por isso outra vez. Nenhuma terapia vai me preparar para aguentar tanto rojão. Em todo esse processo, chama atenção a ausência das famílias. A gente faz reunião, e muitos não vão. Não olham cadernos, não buscam boletins. A falta de respaldo empodera as crianças a nos violentarem. O que eu clamo ao poder público, urgentemente, é um mapeamento dessa situação. Sem dados, não se faz política pública. O psicólogo da escola não dá conta de ações coletivas, está sobrecarregado com as tragédias diárias dos alunos. Do trauma e violência, o que eu tiro como lição é que o que faz a gente sofrer tem que ser dito. Nós, professores, estamos acostumados a relevar, a não denunciar, a seguir em frente em prol da missão, mas não pode ser assim. Ninguém merece passar por esse nível de sofrimento. E expor ensina sobre saúde mental. Exercemos uma profissão que precisa ser devidamente valorizada e olhada com mais respeito. Nós cuidamos de quase o Brasil inteiro, mas e a gente? Quem cuida de quem cuida das nossas crianças?”

(*Em depoimento ao repórter Filipe Vidon)

Senado aumenta as penas para crimes sexuais contra crianças

Projeto que vai à sanção presidencial também pune uso de IA e ‘deepfakes’

LUÍSA MARZULLO
luisa.castro@oglobo.com.br
BRASILIA

O plenário do Senado aprovou ontem um projeto de lei que amplia a punição para crimes de violência sexual contra crianças e adolescentes, endurece a punição para infratores que utilizem inteligência artificial e deepfakes e cria novos instrumentos de investigação no ambiente digital. Entre as mudanças, a pena para quem adquire, possui ou armazena material de violência sexual infantil passa dos atuais 1 a 4 anos de reclusão para 3 a 6 anos, além de multa. O texto segue agora para sanção presidencial. De autoria do deputado Omar Terra (MDB-RS), o pro-

ENTENDA O QUE MUDA

Previstos no ECA



O texto aumenta penas para vários crimes previstos no ECA. Ter material de violência sexual contra menores, por exemplo, passa a render até 6 anos de prisão.

Inteligência artificial



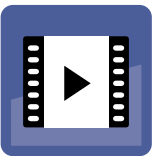
Ele considera material de violência sexual contra menores conteúdos manipulados ou gerados por tecnologias digitais, como IA e “deepfakes”.

Pornografia infantil

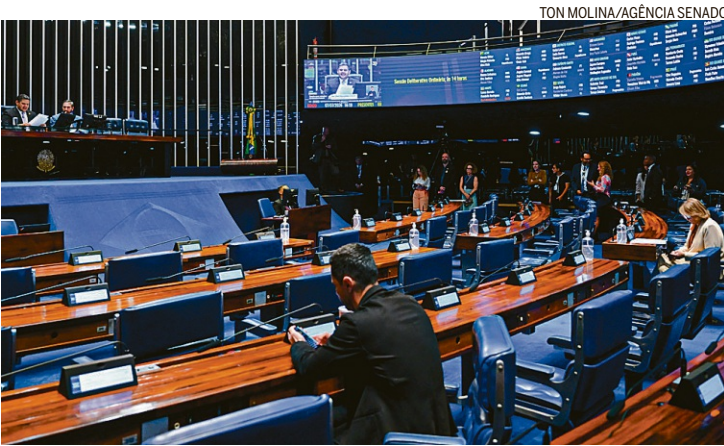


Outra mudança altera, na legislação alvo, a expressão “pornografia infantil” por “violência sexual contra criança ou adolescente”.

Streaming



Criminaliza-se o acesso deliberado a material de violência sexual infantil via plataformas de streaming ou aplicações de internet, mesmo sem download.



Votação simbólica. Plenário do Senado ontem: texto aprovado por unanimidade

projeto foi aprovado com parecer do senador Fabiano Contarato (PT-ES), relator na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), que apresentou duas emendas de redação sem alterar o conteúdo da proposta. Segundo Contarato, a proposta é constitucional e responde ao crescimento da exploração sexual infantil na internet, atualizando a legislação diante do uso de IA, deepfakes e mecanismos de anonimização empregados por criminosos. As alterações foram aprovadas por unanimidade, em votação simbólica e com

apoio de parlamentares de diferentes partidos durante a discussão em plenário. O texto aumenta as penas para diversos crimes previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e amplia as condutas puníveis. Uma das novidades é a previsão expressa de crimes praticados com o uso de IA. A lei passa a considerar como material de violência sexual contra criança ou adolescente também representações reais ou fictícias produzidas, manipuladas ou geradas por tecnologias digitais, incluindo inteligência ar-

tificial e deepfakes. Além disso, o uso dessas ferramentas para aliciar vítimas passa a ser causa de aumento de pena. Outra mudança importante é a substituição, em toda a legislação alterada, da expressão “pornografia infantil” por “violência sexual contra criança ou adolescente”. No parecer, Contarato afirma que o termo “pornografia” pode remeter a conteúdo destinado a adultos e não traduz adequadamente a gravidade das condutas praticadas contra crianças. O projeto também criminaliza o acesso deliberado a material de violência sexual infantil via plataformas de streaming ou outras aplicações de internet, mesmo sem download. Já na área de investigação, a proposta autoriza a chamada ronda virtual, permitindo que órgãos de investigação utilizem programas de computador para identificar e coletar arquivos disponibilizados em ambientes digitais públicos relacionados a crimes de violência sexual contra crianças e adolescentes.

MP E FUNDO GARANTIDOR

CRÉDITO PARA O CAMPO

Governo Lula faz gestos ao agro com medidas para aliviar dívidas rurais

JENIFFER GULARTE, BERNARDO LIMA E THAÍS BARCELLOS
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA

Em busca de uma aproximação com o agronegócio às vésperas do período eleitoral, o governo Luiz Inácio Lula da Silva prepara medidas para atender a demandas do setor e reduzir resistências do grupo ao petista. Um dos caminhos em discussão envolve iniciativas que ajudem a reduzir o endividamento de produtores rurais, na esteira de programas recentes lançados com foco em outros segmentos, como trabalhadores autônomos.

À frente das negociações está o ministro da Fazenda, Dario Durigan, que ontem recebeu representantes da Frente Parlamentar do Agronegócio (FPA) para tratar de uma medida provisória que permita a negociação de dívidas rurais. A proposta, que deve ser apresentada nos próximos dias, é vista como alternativa a um projeto em discussão no Congresso, mas tratado como uma “bomba fiscal” pela equipe econômica.

Em paralelo, o governo também discute a criação de um fundo garantidor para ampliar as possibilidades de crédito aos agricultores com menor risco às instituições financeiras. Auxiliares de Lula afirmam que, no cenário atual, muitos agricultores já endividados ficam impossibilitados de buscar crédito no Plano Safra devido à necessidade de garantias, como imóveis e a própria colheita, que já foram comprometidos em empréstimos anteriores.

SUPER EL NIÑO

Defensores da ideia lembram que o modelo chegou a ser usado na pandemia. O fundo seria uma forma de reduzir os custos das operações, assumindo parte do risco de inadimplência, o que facilita o acesso ao crédito e mantém o capital de giro para compra de adubos e sementes e para investimento em máquinas. A medida é de-



CRISTIANO MARIZ/29-5-2026

Interlocução direta. Em busca de aproximação com o agronegócio, governo escalou Durigan e Alckmin para o diálogo com o empresariado do setor

fendida em um cenário de incertezas, como a previsão de um Super El Niño neste ano, o que amplia o risco climático para a safra.

—Temos que dar ajuda extra para a agricultura. Não adianta ter juros baratos e Plano Safra gordo se o agricultor não tem capacidade de tomar dinheiro. Temos que fazer isso não para ganhar eleição, mas para deixar a agricultura em boa situação. Atenua o ambiente e cria uma ponte para o ano que vem — afirma o ex-assessor especial do Ministério da Agricultura Carlos Augustin, um dos maiores produtores de sementes do país.

Aliados de Lula pontuam que, se o governo usou um fundo garantidor em programas como Move Brasil, para financiar veículos para entregadores de aplicativos, também pode usá-lo para ajudar o agronegócio. O tema já vem sendo

tratado com Durigan e com o vice-presidente Geraldo Alckmin, que deve ser uma das principais pontes com o setor durante a campanha eleitoral.

A avaliação no Executivo, contudo, é que a resistência de setores do agronegócio ao governo não deve cessar. Um exemplo citado por auxiliares do presidente foi a falta de acordo com a proposta de renegociação da dívida rural na reunião de ontem entre parlamentares da bancada ruralista e o ministro da Fazenda.

Na ocasião, Durigan apresentou esboço da proposta

R\$140

bilhões de impacto estimado em 13 anos

Essa é a conta da Fazenda para os efeitos do projeto de dívidas rurais aprovado no Senado



GABRIEL REIS/VALOR/15-9-2025

do governo. Os parlamentares, no entanto, reconheceram avanço e devem voltar a se reunir com o governo nesta semana para tentar superar divergências.

— O que houve hoje (ontem) foi uma proposta do governo de apresentação de uma medida provisória, após a nossa concordância, e é isso que vamos trabalhar agora, para ver o enquadramento, a taxa de juros, quanto vai custar essa equalização e a possibilidade de atender o maior número de produtores — afirmou o deputado Pedro Lupion (Repúbli-

R\$ 15

bilhões de custo previsto em dez anos

Esta é a estimativa da solução elaborada pela equipe econômica para dívidas rurais em MP

canos-PR), presidente da FPA.

Pela MP em estudo na Fazenda, as dívidas poderiam ser renegociadas com juros de 6% a 12%, a depender do porte do produtor, com prazo de até oito anos, sendo dois de carência. O limite da operação seria de R\$ 8 milhões. Além disso, segundo nota divulgada pela FPA, somente os produtores afetados por problemas climáticos nas safras de 2019 a 2025 seriam beneficiados, não levando em consideração aqueles que tiveram perda de renda.

Já o projeto aprovado pelo Senado e em tramitação na Câmara prevê juros entre 3,5% e 7,5% e prazo de até 13 anos, sendo no mínimo dois de carência. O limite de crédito é de R\$ 10 milhões por beneficiário e de até R\$ 50 milhões para cooperativas. Ainda é permitido o enquadramento por compro-

vação de perda de no mínimo 30% da renda bruta em pelo menos duas safras entre 2019 e 2025.

De acordo com integrantes do governo envolvidos na discussão, a proposta apresentada pelo Ministério da Fazenda reduziria o custo da medida para os cofres da União a cerca de R\$ 1,5 bilhão por ano ou R\$ 15 bilhões em dez anos. Nas contas da equipe econômica, o projeto discutido atualmente na Câmara, por sua vez, custaria R\$ 140 bilhões em 13 anos, mas a FPA afirma que o impacto seria menor, em torno de R\$ 45 bilhões em dez anos.

Durante a tramitação no Senado, a abrangência foi ampliada para incluir também produtores atingidos por impactos econômicos decorrentes de conflitos internacionais, como as guerras na Ucrânia e no Oriente Médio, além de prever uma linha especial de refinanciamento com juros reduzidos e prazos mais longos.

‘DIVERGÊNCIA CONCEITUAL’

O líder do governo, deputado federal Paulo Pimenta (PT-RS), afirmou que o governo quer limitar a renegociação apenas a produtores rurais que tenham sido afetados por eventos climáticos:

— Há uma divergência conceitual. Defendo que essa medida deve atingir somente produtores e produtoras que foram atingidos pelos eventos climáticos. Não concordo com a proposta de estender isso para todos produtores e produtoras do Brasil.

O relator do projeto na Câmara, Afonso Hamm (PP-RS), afirmou que a proposta apresentada pelo governo prevê taxas de juros (de 6% a 12% ao ano) consideradas por ele acima do que o setor busca:

— Nós entendemos que a taxa de juros tem que ficar abaixo de dois dígitos, nós colocamos 3,5% ao ano para pequenos, 5,5% para médios e 7,5% para grandes produtores. O governo está com uma proposta muito acima.

Planalto faz ofensiva para barrar derrubada de vetos no Congresso

Foco é evitar que medidas que aumentem gastos públicos entrem em vigor

LUÍSA MARZULLO
luisa.castro@oglobo.com.br
BRASÍLIA

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) intensificou as negociações com lideranças do Congresso para evitar que a sessão conjunta prevista para amanhã seja marcada pela votação de vetos presidenciais de elevado impacto fiscal. A estratégia do Palácio do

Planalto é repetir a articulação que já havia sido feita antes da sessão marcada para junho, posteriormente cancelada, e restringir a pauta a temas com consenso entre governo e oposição.

A sessão ainda não foi formalmente convocada pelo presidente do Congresso, Davi Alcolumbre (União-AP). Procurada pela reportagem, a assessoria do se-

nador informou que o encontro “está previsto”, mas que a convocação ainda não foi feita.

Interlocutores do governo afirmam que a orientação é impedir a inclusão de vetos e projetos capazes de ampliar despesas obrigatórias, reduzir arrecadação ou gerar impacto relevante sobre as contas públicas. A avaliação dentro do Planalto é que uma

derrota em temas dessa natureza ampliaria a pressão sobre a equipe econômica em um momento de esforço para reforçar o discurso de responsabilidade fiscal.

‘JABUTIS’ EM PROJETOS

Entre os principais pontos em negociação estão os vetos remanescentes à lei das eólicas offshore. Parlamentares envolvidos nas conversas afirmam haver grande pressão para que ele seja incluído na pauta da sessão. Integrantes do governo, por sua vez, atuam para impedir esse movimento.

Os dispositivos tratam dos chamados “jabutis” inseridos durante a tramitação do projeto que regulamentou a

geração de energia eólica em alto-mar. Entre eles estão a contratação obrigatória de termelétricas a gás, a prorrogação de incentivos ao carvão mineral e outros subsídios ao setor elétrico.

O Executivo argumenta que a derrubada desses vetos elevaria os custos do sistema elétrico e pressionaria a conta de luz nos próximos anos.

A movimentação repete a estratégia adotada antes da sessão do Congresso marcada para 18 de junho, que acabou cancelada por falta de acordo entre as lideranças. Na ocasião, o líder do governo no Congresso, Randolfe Rodrigues (PT-AP), afirmou que havia entendi-

mento com Alcolumbre para retirar da pauta vetos de impacto fiscal, evitando uma nova frente de desgaste para o Executivo.

A negociação desta semana segue a mesma lógica. Enquanto o governo tenta enxugar a pauta e concentrar a votação em matérias consensuais, a oposição defende ampliar o número de vetos apreciados e resiste a um novo adiamento de temas considerados prioritários.

A expectativa é que a definição da Ordem do Dia ocorra até o fim desta quarta-feira, após novas rodadas de negociação entre o Palácio do Planalto, líderes partidários e a Presidência do Congresso.



TER _ Miriam Leitão _ **QUA** _ Zeina Latif _ **QUI** _ Miriam Leitão _ **SEX** _ Fabio Giambiagi (quizenal) **SAB** _ Tony Volpon _ Ana Carla Abrão _ Pedro Parente _ Paulo Tafner (mensal) _ **DOM** _ Miriam Leitão

ZEINA LATIF



[oglobo.com.br/economia](https://oglobo.com.br/economia/economia@oglobo.com.br)
economia@oglobo.com.br

Hora de estimular a poupança

O Brasil conseguiu promover a inclusão financeira, mas negligenciou o fomento à formação de patrimônio pelas famílias. Prevalce o estímulo ao consumo, que não é um motor de crescimento sustentado. E eventuais excessos no consumo em relação à evolução da renda cobram seu preço adiante.

Foram várias as iniciativas para criar canais de inclusão financeira. Os dois maiores impulsos foram em 2003, com a expansão da rede dos correspondentes bancários e o pagamento de benefícios sociais por meio do sistema bancário; e, após a pandemia, com o pagamento do auxílio emergencial, a criação do Pix e a expansão dos bancos digitais.

Segundo pesquisas do Banco Central, quase a totalidade da população em idade de trabalhar (acima de 14 anos) tem relacionamento com alguma instituição financeira atualmente. Em 2003, eram cerca de 54%.

A concorrência bancária aumentou, os meios de pagamento se modernizaram, e o crédito tornou-se mais acessível. O estoque de crédito livre (com taxas de juros de mercado) para pessoa física saltou de cerca de 6% do PIB em 2003 para 19,4% do PIB em 2025. Entre 2018 e 2023, a base de clientes das instituições de crédito digital e serviços aumentou de 6 milhões para 64 milhões.

A inclusão financeira produziu uma elevação do consumo das famílias em ritmo superior ao dos demais componentes de demanda do PIB e da ampliação da oferta de bens e serviços. Assim, ocorreu uma queda na já reduzida taxa de poupança familiar. Segundo o BC, em 2018 ela caiu para 1,8% da renda disponível, ante 2,2% em 2009, sendo que 46% da poupança total das famílias estava concentrada naquelas com renda per capita acima de 6 salários mínimos, que representavam apenas 3,7% do total.

Apenas cerca de um quarto da população acima de 14 anos dispõe de colchão financeiro relevante, para 6 meses ou mais, enquanto 31% não têm qualquer poupança pessoal — e 17% apostam em bets —, segundo a mais recente pesquisa Raio X do Investidor Brasileiro,

realizada pela Anbima/Datafolha. Para a aposentadoria, apenas 7,8% possuíam plano de previdência privado (aberto e fechado) em 2025, segundo a Fenaprevi.

A renda baixa não é explicação satisfatória para a baixa poupança das famílias. Muitos países de renda média contam com maior disposição das famílias para poupar. Enquanto apenas 16% dos brasileiros afirmam guardar dinheiro para a aposentadoria, em países emergentes asiáticos essa proporção supera frequentemente 50%, e a média mundial gira em torno de 25%.

A explicação pode estar na deficiência de capital humano, dificultando o acesso a produtos financeiros. Outra explicação estaria no desenho das políticas públicas. A literatura econômica mostra que sistemas previdenciários e assistenciais mais generosos em relação à realidade de renda do país tendem a reduzir o incentivo à poupança privada — por exemplo, mesmo sem ter feito contribuições ao longo da vida produtiva, é possível aposentar-se recebendo um salário mínimo.

Medidas de estímulo ao consumo têm se intensificado. É o caso dos vários programas de re-

negociação de dívida (Desenrola), que acabam sendo um incentivo ao maior endividamento.

Nem sempre foi assim. Nas décadas de 1960 e 1970, estimular a poupança era objetivo explícito da política econômica. A criação do BNH e do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo buscava mobilizar a poupança das famílias para financiar a habitação, enquanto a introdução da correção monetária procurava preservar o valor real das aplicações financeiras. É possível que a associação ao regime militar tenha comprometido o apelo desse tipo de iniciativa na redemocratização.

Há implicações sociais e econômicas da baixa poupança dos indivíduos. A fragilidade financeira das famílias pesa potencialmente no Orçamento público, como se viu na pandemia, bem como na formação da taxa de juros na economia, pressionada pelo descompasso entre a baixa oferta de poupança e a elevada demanda de recursos para o investimento produtivo e para financiar o governo.

A questão ganha urgência diante do envelhecimento populacional e com famílias menos numerosas. Cada indivíduo precisará aumentar seu esforço de poupança. Ademais, novas medidas para reformar a Previdência são necessárias, pois não é fiscalmente viável manter as regras atuais. O cobertor está mais curto, e as necessidades são crescentes.

Sem acordo com governo, Câmara só deve votar projeto do MEI em agosto

Há impasse sobre o Simples. Proposta eleva para R\$ 140 mil limite do faturamento; governo vê impacto fiscal de R\$ 8,1 bi

GERALDA DOCA E BRUNA LESSA
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA

Sem conseguir um acordo com o governo, a Câmara deve adiar a votação do projeto que eleva o limite de faturamento do programa do microempreendedor individual (MEI) para R\$ 140 mil para quando terminar o recesso parlamentar, em agosto. O principal impasse envolve a revisão das faixas de alíquotas do Simples, alvo de resistência do Ministério da Fazenda.

A proposta aumenta gradualmente o limite anual de faturamento da categoria, dos atuais R\$ 81 mil para R\$ 110 mil em 2027 e R\$ 140 mil a partir de 2028, além de permitir a contratação de até dois empregados.

O presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), tinha a intenção de votar a proposta este mês, mas os deputados avaliam que não há mais tempo hábil para fechar um acordo que permita aprovar o texto

no prazo previsto, diante do impasse envolvendo o Simples. O recesso começa no próximo dia 18.

Os parlamentares insistem em incluir no projeto o reajuste das faixas do Simples, além de tornar automática a correção no teto de faturamento do MEI pela inflação. A equipe econômica do governo, contudo, não concorda, sobretudo em relação ao Simples, devido a um impacto fiscal estimado em R\$ 50 bilhões por ano.

MAIS TEMPO PARA CÁLCULOS

Segundo o relator do projeto na comissão especial da Câmara, deputado Jorge Goetten (Republicanos-SC), o Ministério da Fazenda e a Receita Federal pediram tempo até agosto para apresentar cálculos mais detalhados sobre possíveis mudanças no Simples.

Depois de se reunir com Motta, Goetten disse que o presidente da Câmara também considera importante incluir o Simples na proposta:

— As condições e o limite serão objeto de debate, para saber até onde pode ir.

De acordo com cálculos do Executivo, a elevação do teto de faturamento do MEI terá um impacto fiscal estimado em R\$ 8,1 bilhões entre 2027 e 2029.

O custo para os cofres públicos decorre da renúncia de arrecadação prevista com a ampliação do regime. Na prática, mais empreendedores poderão permanecer enquadrados como MEI, que reúne tributação simplificada e contribuição reduzida ao INSS, em vez de migrarem para outras modalidades de empresas, como o Simples Nacional. Segundo a estimativa do governo, a perda de arrecadação será de R\$ 1,57 bilhão em 2027, de R\$ 3,15 bilhões em 2028 e de R\$ 3,38 bilhões em 2029.

Para vencer resistências, integrantes da comissão especial da Câmara sugerem criar novas alíquotas para o MEI, além da contribuição atual de 5%, que assegura cobertura



Entrave. O presidente da Câmara, Hugo Motta, considera importante incluir o Simples na proposta, segundo o relator do projeto

previdenciária. Também propõem reduzir o prazo para exclusão de inadimplentes do programa, hoje de 12 meses consecutivos de atraso.

Apesar da existência de um projeto que trata da ampliação do MEI na comissão especial, o Executivo enviou uma proposta de mesmo teor, de olho nas eleições. O texto do governo será anexado ao projeto no colegiado.

Na justificativa encaminhada ao Congresso, o governo argumenta que o limite de faturamento está congelado desde janeiro de 2018 e não acompanhou a inflação acumulada no período. Segundo os cálculos apresentados no projeto, a correção monetária faria o teto chegar a aproximadamente R\$ 143 mil em 2028. Por isso, o Executivo

sustenta que a proposta apresenta uma recomposição do valor real do limite, e não uma ampliação do alcance do regime.

SAÍDA DA CATEGORIA

O governo argumenta ainda que a defasagem do teto levou milhares de empreendedores a deixarem o regime simplificado. Dados do Departamento Nacional de Registro Empresarial e Integração (Dreir) apontam que 101.216 microempreendedores foram desengendrados entre 2025 e 2026 por ultrapassarem o limite de faturamento de R\$ 81 mil.

Até junho deste ano, outros 44,5 mil haviam deixado o MEI pelo mesmo motivo. Na avaliação do governo, parte dessas saídas ocorreu

porque o teto permaneceu congelado, e não necessariamente porque os negócios cresceram além do perfil da categoria.

Embora detalhe a renúncia de arrecadação, a proposta não apresenta uma estimativa para o impacto sobre a Previdência Social.

O projeto também determina que a ampliação do teto só produzirá efeitos se a renúncia de receita for considerada nas leis orçamentárias de 2027 a 2029, conforme previsto na Lei de Responsabilidade Fiscal. Diferentemente de outras medidas tributárias, o governo não precisará apresentar compensações para essa perda de arrecadação, desde que ela esteja incorporada às estimativas de receita do Orçamento.

Senado aprova criação do ‘Pix Pensão Alimentícia’

Texto cria mecanismo de transferência automática de cumprimento obrigatório pelos bancos a partir de decisão judicial

GERALDA DOCA
geralda@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

O Senado aprovou ontem o projeto que cria um mecanismo de transferência automática de valores a serem pagos a título de pensão alimentícia por meio do Pix, o sistema de pagamento instantâneo do Banco Central.

Batizado de “Pix Pensão Alimentícia”, o mecanismo será de cumprimento obrigatório pelos bancos a partir de decisões judiciais. A propos-

ta já havia sido aprovada pela Câmara e seguirá à sanção do presidente Lula. Entrará em vigor caso não seja vetada.

O débito do valor devido deve ser feito na conta bancária do pagante e poderá ser solicitado pelo beneficiário ou representante legal em qualquer fase do cumprimento da sentença que tenha determinado o pagamento de pensão.

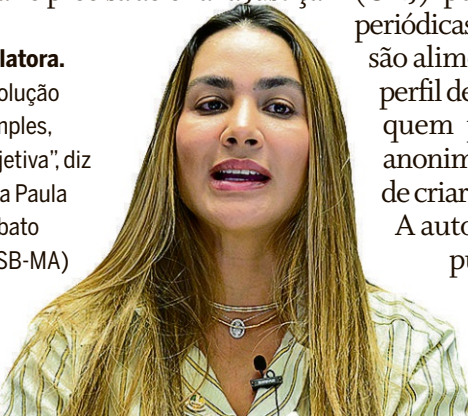
No parecer, a relatora do projeto, senadora Ana Paula Lobato (PSB-MA), diz que a proposta cria solução “sim-

ples, objetiva e compatível com a natureza urgente da obrigação alimentar” para combater o atraso nesse pagamento, principalmente por pais em benefício de filhos menores.

Na decisão em que determinar o pagamento da pensão, o juiz terá de informar os dados da operação, como o valor mensal da prestação, a duração da obrigação, a conta bancária e os critérios de atualização dos valores. Atualmente, a pensão alimentícia pode ser

debitada automaticamente do salário do devedor, na folha de pagamento. Mas, se não houver vínculo formal, o beneficiário precisa acionar a Justiça

Relatora.
“Solução simples, objetiva”, diz Ana Paula Lobato (PSB-MA)



a cada atraso. O problema seria evitado pelo Pix Pensão.

O projeto determina que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publique estatísticas periódicas sobre ações de pensão alimentícia, incluindo o perfil de quem recebe e o de quem paga, respeitado o anonimato dos dados, a fim de criar mais transparência.

A autora da proposta, deputada federal Tabata Amaral (PSB-SP), defendeu o mecanismo automáti-

co como opção mais barata e eficaz do que depender apenas da prisão civil do devedor, hoje o principal instrumento coercitivo previsto em lei.

O texto determina que as instituições financeiras farão as transferências nas datas definidas pela Justiça. Caso não haja saldo suficiente na conta, haverá possibilidade de bloqueio automático de ativos financeiros, como investimentos, até o valor atualizado da prestação em atraso. A medida pode alcançar ativos financeiros de empresários individuais que deve pensão alimentícia, mesmo quando vinculados à sua atividade empresarial. A indisponibilidade poderá ser convertida em penhora se a inadimplência persistir.

Fatia dos EUA nas exportações do Brasil tomba ao menor patamar histórico

Apenas 9,4% das vendas do país para o exterior foram para o mercado americano no 1º semestre, segundo a Amcham Brasil. Produtos mais sobretaxados, como sucos e petróleo, puxaram queda

GLAUCE CAVALCANTI
glauce@oglobo.com.br

Otarifaço de Donald Trump fez as exportações do Brasil para os Estados Unidos no primeiro semestre deste ano recuarem ao menor patamar histórico, segundo levantamento feito pela Amcham Brasil, para US\$ 17,4 bilhões, ou 13% menos que em igual período de 2025. Com isso, a fatia de vendas do comércio internacional brasileiro abocanhada pelos americanos recuou a 9,4%, o mais baixo índice desde o início da série, em 1997.

Ao todo, as transações comerciais entre os dois países caíram 12,8% na comparação com janeiro a junho de 2025, a US\$ 36,4 bilhões. Em paralelo, o Brasil ampliou em 11,5% suas exportações globalmente, com um salto em remessas para parceiros relevantes, a exemplo de China, com alta de 21,9%, e União Europeia, com avanço de 12,8%.

Para o presidente da Câmara

ra de Comércio Americana no Brasil, Abrão Neto, esses dados demonstram, no momento em que o Escritório do Representante de Comércio dos EUA (USTR, na sigla em inglês) discute se vai impor tarifas adicionais aos produtos brasileiros (*leia mais abaixo*) a partir do próximo dia 15, o efeito do tarifaço de Donald Trump sobre o comércio entre os dois países.

“O primeiro semestre confirma que o comércio bilateral atravessa um período de forte pressão e reforça a necessidade de um acordo que evite a aplicação de novas tarifas no âmbito da investigação da Seção 301”, disse Abrão Neto em nota. “Caso sejam implementadas, as sobretaxas poderão comprometer ainda mais as trocas entre Brasil e Estados Unidos.”

CARNE TEM ALTA

A maior parte da queda nas exportações brasileiras, aponta o levantamento da Amcham, está concentrada em bens que foram sobretaxados pelo governo america-

no. Os produtos que foram alvo de tarifação registraram recuo de 16,6% nas exportações, enquanto aqueles que não sofreram taxaço tiveram recuo de 8,7%.

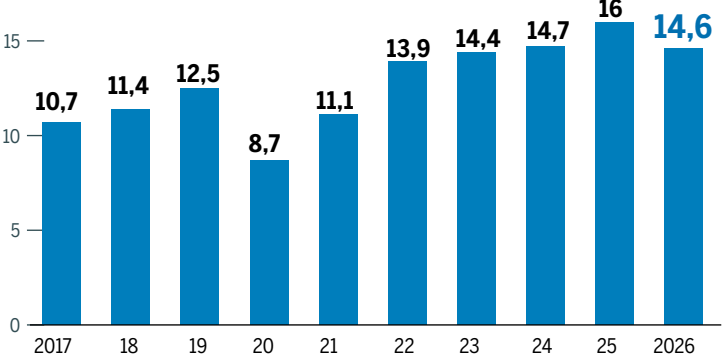
Entre os dez principais produtos de exportação brasileiros, cinco recuaram em vendas no semestre, todos alvo de taxaço. São eles petróleo bruto (-30,4%), semiacabados de ferro ou aço (-21,7%), ferro-gusa de ferro ou aço (-1,2%), café não torrado (-34,8%) e celulose (-9,4%).

O impacto foi particularmente intenso sobre os produtos industriais: as exportações do setor para os EUA caíram de US\$ 16 bilhões para US\$ 14,6 bilhões no período.

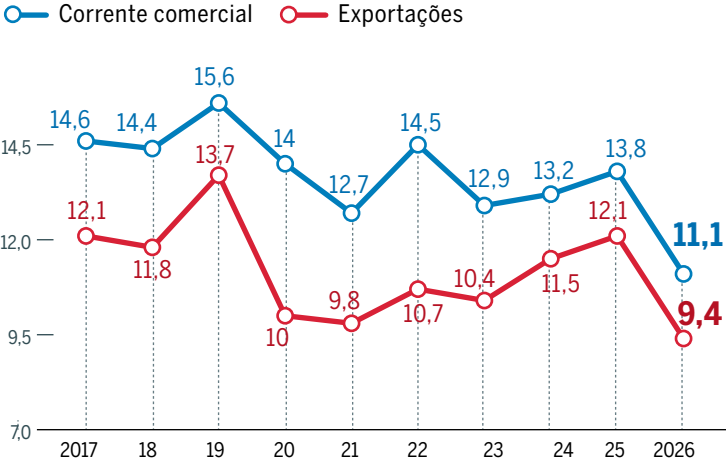
Algumas categorias sobretaxadas foram mais duramente impactadas. É o caso dos sucos de frutas, cujas remessas para os EUA sofreram um tombo de 48,2% de janeiro a junho, recuando a US\$ 153,1 milhões e deixando a lista dos dez itens mais vendidos. Já o café não torrado despencou da terceira para a sétima posição.

Piora nas trocas bilaterais

Exportações da indústria de transformação para os EUA
(No primeiro semestre, em US\$ bilhões)



Participação dos EUA no comércio internacional brasileiro (em %)



FONTE: AMCHAM BRASIL

Três dias e 60 países: como é a audiência do tarifaço de Trump

Painéis no USTR discutem sobretaxa pelo suposto uso de trabalho forçado

Da Bloomberg News
WASHINGTON

O projeto do Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR, na sigla em inglês), chefiado por Jamieson Greer, para impor sobretaxas deu início ontem a três dias de audiências. O objetivo é discutir a investigação aberta em março sobre as políticas de proibição de produtos ligados ao trabalho forçado adotadas por 60 países. Representantes de empresas, entidades e outros grupos interessados apresentarão seus argumentos ao USTR.

A apuração baseou-se em uma lei que autoriza a aplicação de tarifas contra nações que imponham barreiras injustas ao comércio americano. Esse fundamento é considerado mais sólido do que o uso de poderes de emergência (Ieepa, na sigla em inglês), como fez o presidente

Donald Trump em 2025 ao impor seu tarifaço global —a medida foi considerada ilegal pela Suprema Corte dos EUA em fevereiro deste ano.

No início de junho, o USTR concluiu que todas as economias investigadas deixaram de “adotar e aplicar de forma efetiva uma proibição à importação de produtos relacionados ao trabalho forçado”. Por isso, recomendou a adoção de uma tarifa adicional de 10% ou 12,5% sobre produtos desses países.

Também nesta semana, outra audiência no USTR analisa políticas e práticas do Brasil, como desmatamento e Pix.

O primeiro dia

O USTR ouviu ontem um painel de autoridades governamentais de México, Chile, Equador, Guatemala, Guiana, Honduras e Peru.

Na defesa das tarifas, falaram representantes das associações americanas de tubulações e produtos de aço. Para as entidades, as sobretaxas são necessárias para conter o que classificam como uma enxurrada de produtos siderúrgicos, impulsionada, em parte, por padrões trabalhistas considerados insuficientes e pela ausência de proibições à importação de produtos fabricados com trabalho forçado.

Já o Instituto Americano de Petróleo (API, na sigla em inglês) pediu a retirada das tarifas sobre insumos industriais considerados essenciais para a indústria de óleo e gás. Segundo o API, esses produtos não têm qualquer relação com trabalho forçado e não podem ser obtidos no mercado americano, “seja porque não são produzidos nos Estados Unidos, seja porque não existem em quantidade suficiente para atender à indústria”.



Jamieson Greer. À frente do USTR, cuja investigação visa impor tarifas globais

Mais tarde, um ex-integrante do USTR argumentou que essas investigações distorcem a finalidade original da Seção 301 da Lei de Comércio de 1974.

— Altos integrantes do governo descreveram o objetivo dessas investigações não como uma forma de enfrentar “atos, políticas e práticas” que prejudiquem o comércio dos Estados Unidos, mas sim de restabelecer as tarifas definidas pelos decretos de emergência do Ieepa, consideradas ilegais — afirmou Ed Gresser, hoje vice-presidente e diretor de Comércio e Mercados Globais do Progressive Policy Institute.

Outro argumento de Gresser é que o relatório do USTR não comprova que as economias listadas importam produtos fabricados com trabalho forçado nem que prejudicam o comércio americano. Por isso, disse, as tarifas “são inadequadas e não deveriam ser mantidas”.

O segundo dia

A Coalizão pelo Comércio Justo em Frutos do Mar defenderá hoje a aplicação de uma tarifa mais elevada sobre produtos pesqueiros provenientes do Vietnã, especialmente os ligados à indústria de processa-

Ainda assim, os outros cinco dos dez produtos mais exportados pelo Brasil registraram expansão em vendas para os EUA. As principais altas foram de aeronaves (32,9%), carne bovina (41%), óleos combustíveis (13,7%), equipamentos de engenharia (23,8%) e máquinas de energia elétrica (16%).

INCERTEZA À FRENTE

Na direção contrária, as importações feitas pelo Brasil de itens americanos encolheram 12,5% no período, um movimento puxado principalmente pela retração em máquinas e motores, com queda de 76%, o equivalente a menos US\$ 2,7 bilhões, e aeronaves e partes, com recuo de 14,6%, ou US\$ 100 milhões.

Em junho, o comércio começou a dar sinais de retomada. No entanto, a Amcham vê incerteza no horizonte à frente, considerando uma possível taxaço adicional das importações brasileiras pelo USTR, além da continuidade do conflito no Oriente Médio, que onera produtos derivados de óleo e gás.

No mês passado, após dez meses consecutivos de queda puxada pelas tarifas, as exportações do Brasil para os EUA subiram 3,7% em valor. Em volume, no entanto, houve decréscimo.

A Amcham ressalta ainda que os itens sobretaxados continuaram a registrar recuo em exportações para o mercado americano.

mento. Segundo a entidade, esse segmento é particularmente vulnerável ao uso de trabalho forçado e infantil.

Devem participar ainda representantes de Índia, Jordânia e Paquistão. Organizações de direitos humanos, entre elas a China Labor Watch, também falarão.

O terceiro dia

As audiências terminarão amanhã, com depoimentos de associações dos setores têxtil e de calçados dos EUA.

Também participarão representantes dos governos da Coreia do Sul, Sri Lanka, Vietnã e África do Sul, contestando as conclusões do USTR sobre uso de trabalho forçado.

Até a fabricante francesa de painéis Le Creuset vai depor. Em documento enviado ao USTR, ela destacou que emprega quase 800 pessoas nos EUA, embora não fabrique no país. Segundo a empresa, seus produtos “não representam qualquer risco para a indústria manufatureira americana, uma vez que não existe produção doméstica comparável de painéis *premium* de ferro fundido esmaltado capazes de atender à demanda”.

Alta do petróleo faz dólar avançar 0,39%, a R\$ 5,15

Mercado começa a prever aumento de juros nos EUA até outubro, o que pressiona taxas futuras lá e no Brasil. Ibovespa recua 0,25%

PAULO RENATO NEPOMUCENO
paulo.renato@oglobo.com.br

Novos ataques a navios no Estreito de Ormuz fizeram o preço do barril de petróleo tipo Brent (referência internacional) subir 3% ontem, a US\$ 74,16. Essa alta pressionou a estimativa futura dos juros americanos: com a escalada nos preços de energia, o mercado financeiro passou a prever uma alta

na taxa básica dos Estados Unidos até outubro, o que, de quebra, puxou a cotação do dólar. A moeda encerrou a R\$ 5,15, em alta de 0,39%.

— Há a leitura de um Fed (Federal Reserve, o banco central americano) mais *hawkish* (rígido no combate à inflação), o que ajudou a pressionar a curva de juros lá fora — avalia Felipe Tavares, economista-chefe da BGC Liquidez.

No Brasil, os juros locais acompanharam o movimento. A taxa de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2028 subiu de 14,03% a 14,12%, enquanto a de janeiro de 2030 atingiu 14,355%, ante 14,265% na véspera.

O Tesouro vendeu um lote de 150 mil títulos atrelados à inflação (NTN-Bs). Em entrevista à agência Bloomberg, os gestores da dívida pública do Tesouro Nacio-

nal, Daniel Leal e Francisco Segundo, sinalizaram que uma intervenção no mercado desses títulos não estaria descartada, se houver disfuncionalidade.

As declarações suavizaram um pouco o ímpeto das taxas durante a tarde.

— O DI ainda sobe por questões macroeconômicas, com atividade resiliente, e eleições, que mostram que pode não ocorrer mu-

dança de governo, o que o mercado lê como chance zero de reformas fiscais — explica Tavares, da BGC.

A alta das ações de petrolíferas, puxada pelo petróleo, não compensou a queda dos papéis voltados à economia local, que são afetados pelos juros futuros. O Ibovespa recuou 0,25%, aos 172.021 pontos. As ações preferenciais (PN, sem voto) da Petrobras subiram 1,77%, a R\$

38,44, enquanto a Prio avançou 4,97%, a R\$ 56,23.

— Com o retorno das apostas em inteligência artificial, aliado a um ciclo de juros mais curto, o Brasil se tornou um patinho feio. Ficamos sem catalisadores — avalia Alexandre Silvério, CEO e gestor de renda variável da Tenax Capital.

A Vale caiu 2,1%, refletindo a renúncia do presidente do Conselho de Administração na segunda-feira. Silvério, porém, considera esse um fato isolado, que não mudará o rumo da companhia.

Em Nova York, o Dow Jones caiu 0,25%, o S&P 500 cedeu 0,45%, e a Bolsa de tecnologia Nasdaq perdeu 1,16%.



Vendas de veículos devem subir 12,1% no ano, o maior nível desde 2014

Anfavea prevê 3 milhões de unidades, mas estima alta menor na produção com avanço de importações e queda de exportações

JOÃO SORIMA NETO
joao.sorima@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

As vendas de veículos no Brasil devem passar de 3 milhões de unidades este ano, marca não atingida desde 2014 e que representa um crescimento de 12,1% em relação a 2025, segundo estimativa da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) divulgada ontem. Porém, o ritmo previsto de aumento da produção nacional é menor, de 5,8% (2,7 milhão de veículos), revelando um significativo descolamento em relação às vendas devido, principalmente, ao aumento das importações.

—Sempre os resultados do emplacamento e da produção nacional caminham juntos. Mas este ano o emplacamento será bem maior, reflexo do crescimento das importações. A produção cresce, mas proporcionalmente menos que o tamanho do mercado—disse Igor Calvet, presidente da Anfavea ao

apresentar os números. A entidade, que representa as montadoras instaladas no país, previa no início do ano que as vendas de veículos chegariam a 2,7 milhões de unidades, alta de 2,7% em relação a 2025. Mas os emplacamentos de veículos leves tiveram forte dinamismo no primeiro semestre (crescendo dois dígitos em alguns meses), o que levou a uma revisão das projeções.

EXPORTAÇÃO 12,8% MENOR
As exportações devem ficar em 462 mil unidades, queda de 12,18%. A estimativa inicial era de vendas ao exterior de 532 mil veículos este ano, o que representaria uma alta de 1,3%.

No primeiro semestre o emplacamento foi de 1,42 milhão de unidades, aumento de 18,5% sobre o mesmo período de 2025. Foram importados 280 mil veículos no período, sendo 140 mil da China, um crescimento de 98,5% em relação ao mesmo período de 2025, quanto 71

mil unidades chinesas desembarcaram no Brasil.

A importação de veículos eletrificados, no mesmo período, ficou em 145,9 mil, superando a importação de modelos a combustão (134,5 mil) e sinalizando a preferência do consumidor pela tecnologia. Também no primeiro semestre, veículos montados no Brasil pelo sistema CKD (kits de peças totalmente separadas) e SKD (kits de veículos que chegam semimontados) somaram 54 mil unidades.

Calvet diz que não se pode brigar com a realidade no cenário de mudança em que os veículos eletrificados crescem na preferência do consumidor.

—O que eu chamo a atenção é a rapidez da mudança. Para sistemas de produção complexos como o nosso é preciso tempo. Talvez o setor automotivo nunca tenha passado por uma mudança tão rápida—avalia.

Calvet voltou a citar a preocupação com o sistema produ-



Na linha de montagem. Produção cresce, mas proporcionalmente menos que o tamanho do mercado, diz Anfavea

tivo nacional, especialmente após a renovação das cotas sem impostos dos CKDs e SKDs importados, decisão tomada pelo governo em junho, que beneficiou especialmente a montadora chinesa BYD.

—Não adianta ter no Brasil uma produção sofisticada e complexa e ao mesmo tempo ter incentivos para fazer outra coisa (montagem por CKDs a SKDs). Nossa briga não é com a tecnologia, mas sim contra o incentivo dado a isso. A luta é por condições iguais de competitividade—disse o presidente da Anfavea.

Segundo Calvet, no sistema de kits semimontados são necessários apenas três trabalhadores para montar

um veículo, enquanto numa montadora tradicional são dez trabalhadores por unidade. Ele vê risco de outras montadoras migrarem para o sistema de CKDs e SKDs.

—A decisão é global das montadoras, mas ninguém vai ficar de braços cruzados vendo o outro ganhar mercado. Vejo o risco, sim. E se o modelo de produção for SKD e CKD, o posicionamento da Anfavea deixa de fazer sentido. Mas enquanto isso não acontecer a Anfavea vai lutar pela produção nacional—disse.

SEM AÇÃO SOBRE COTAS
Calvet informou que a Anfavea decidiu não judicializar a renovação das cotas deci-

Microsoft substitui OpenAI e Anthropic por IA própria

Para reduzir custos, modelos desenvolvidos internamente pela big tech começaram a ser utilizados no Excel e no Outlook

Da Bloomberg News
NOVA YORK

Em um movimento para reduzir seus custos com inteligência artificial (IA), a Microsoft começou a substituir os modelos da OpenAI e da Anthropic em seus produtos como Excel e Outlook por modelos próprios. De acordo com uma fonte familiarizada com o assunto, dezenas de milhares de solicitações (*prompts*) de IA feitas nos populares aplicativos de planilhas e e-mail já estão sendo processadas pelos modelos desenvolvidos internamente pela divisão Microsoft AI (MAI). Antes, Excel e Outlo-

ok dependiam muito mais dos modelos da OpenAI e da Anthropic, afirmou a fonte, que pediu anonimato por tratar-se de uma informação corporativa ainda não oficialmente divulgada.

Procurada, a empresa não comentou o assunto.

ACORDOS PODEM MUDAR
Embora os modelos próprios ainda representem uma parcela pequena do uso total de inteligência artificial da Microsoft, a mudança indica que a companhia está avançando na estratégia de desenvolver sistemas competitivos com custos menores. Em junho, o chefe da divisão de modelos de

IA da empresa, Mustafa Suleyman, afirmou que a Microsoft pretendia reduzir os gastos com a Anthropic ampliando o uso dos modelos MAI.

A Microsoft consome enormes quantidades de *tokens* de IA—unidade que mede o volume de processamento realizado pelos modelos—em produtos como o assistente corporativo Copilot. A empresa obteve boa parte dessa tecnologia a preços baixos graças à parceria de longa data com a OpenAI, e mais recentemente com a Anthropic.

No entanto, esses acordos tendem a mudar, e a equipe liderada por Suleyman traba-

lha para garantir que a Microsoft não fique dependente dos preços que os principais laboratórios de IA decidirem cobrar no futuro.

Durante a conferência anual Build, realizada em junho para desenvolvedores, a Microsoft apresentou sete novos modelos de inteligência artificial, entre os quais um que oferece desempenho em programação comparável ao de uma versão anterior de um modelo bastante popular da Anthropic, o Opus 4.6, mas com custo inferior.

Na ocasião, Suleyman foi direto:

—Pagamos muito dinhei-

ro à Anthropic. Nosso objetivo é reduzir esse custo e eliminá-lo no futuro.

Charles Lamanna, vice-presidente executivo para Copilot, Agentes e Plataformas Empresariais da Microsoft, afirmou que usuários que executam centenas de tarefas por semana elevam significativamente os custos da operação.

Os modelos MAI da Microsoft também já podem ser utilizados no GitHub Copilot, serviço de assistência à programação baseado em IA da empresa. Além disso, Mustafa Suleyman afirmou que um modelo próprio de transcrição co-

meçará a ser integrado, nos próximos meses, ao aplicativo de videoconferências Teams e a outros produtos da companhia.

PARCERIAS BILIONÁRIAS
Desde o início da década, a Microsoft investiu cerca de US\$ 13 bilhões numa parceria com a OpenAI, com participação de 27% na startup, modelos oferecidos em nuvem (via Azure) e integração do Copilot ao Chat GPT.

Com a Anthropic, a Microsoft fez uma parceria em 2025, também integrando os modelos avançados da família Claude ao Copilot e com previsão de receber investimentos de US\$ 30 bilhões em capacidade computacional.

OpenAI e Anthropic protocolaram pedidos de abertura de capital, o que a Microsoft pode ver como um empecilho para as parcerias.

Ações contra Meta nos EUA preveem multas de até US\$ 1,4 tri

Montante se aproxima do valor de mercado da big tech de Mark Zuckerberg

SÃO FRANCISCO

A Meta informou que quatro estados americanos estão pedindo a aplicação de cerca de US\$ 1,4 trilhão em multas à empresa, de acordo com documento apresentado à Justiça na segunda-feira. As ações acusam a big tech de desenvolver o Facebook e o Instagram com mecanismos que estimulam o uso compulsivo por adolescentes e de enganar o público sobre a segurança das plataformas para os jovens.

A ação foi movida por Califórnia, Colorado, Kentucky e Nova Jersey, que acusam a

Meta de adotar práticas judiciais aos usuários mais jovens. O julgamento está marcado para agosto.

O montante se aproxima do valor de mercado da Meta, de cerca de US\$ 1,5 trilhão, e foi mencionado pela empresa em sua resposta às manifestações dos procuradores-gerais estaduais, que detalharam a forma como as multas deverão ser calculadas caso os estados saiam vitoriosos no julgamento.

EMPRESA CONTESTA VALOR
Segundo a agência Reuters, a Meta contestou o cálculo apresentado pelos estados e afirmou que o valor não en-

contra respaldo nas provas reunidas no processo. Em sua petição, a empresa dona de Facebook, Instagram e WhatsApp argumentou que uma penalidade dessa magnitude “não tem precedente na história da aplicação das leis de proteção ao consumidor”.

Embora os cálculos apresentados pelos estados permaneçam sob sigilo, durante uma audiência realizada no mês passado seus representantes explicaram que o valor das multas foi estimado multiplicando-se o número de supostas infrações pelos valores previstos nas legislações estaduais. Segundo os procurado-



Na mira. Estados acusam Meta de estimular uso compulsivo de plataformas

res, a quantidade de violações foi baseada na estimativa de adolescentes e jovens que teriam sido impactados pelas condutas atribuídas à Meta.

Ao todo, 29 estados americanos já processaram a Meta na Justiça Federal. A maior parte das ações acusa a empresa de violar a Lei de Pro-

teção da Privacidade On-line das Crianças (Coppa, na sigla em inglês) ao coletar dados de menores de idade sem o devido consentimento dos pais.

O julgamento previsto para agosto, conduzido pela juíza federal Yvonne Gonzalez Rogers, analisará todas as acusa-

ções baseadas na legislação federal, além das alegações apresentadas por Califórnia, Colorado, Kentucky e Nova Jersey de que a Meta infringiu leis estaduais de defesa do consumidor ao supostamente enganar o público sobre a segurança de suas plataformas.

A Meta nega as acusações e sustenta que os procuradores-gerais não apresentaram provas de que a empresa tenha induzido consumidores ao erro ao negar que suas redes sociais sejam viciantes. Segundo a companhia, a chamada “dependência de redes sociais” não é reconhecida como um transtorno psiquiátrico estabelecido e, por isso, declarações de que suas plataformas não causam dependência não podem ser consideradas falsas.

Outros 14 estados moveram ações com base em suas próprias legislações, e os casos serão analisados em um julgamento em 2027.



ENTREVISTA

GABRIEL ZUCMAN/ ECONOMISTA

Defensor da taxação de super-ricos alerta que benefícios da inteligência artificial estão sendo capturados por pouquíssimas empresas e que isso representa uma ameaça   democracia

CAROLINA NALIN
carolina.nalin@infoglobo.com.br

Ascensão de Elon Musk como o primeiro trilion rio da História ilustra um movimento que, para o economista francês Gabriel Zucman, não tem nada de imprevisível ou inevitável. Em entrevista ao GLOBO por ocasião do lançamento da edi o brasileira de “Os bilionários não pagam imposto de renda e nós vamos acabar com isso” pela Zahar, ele afirma que décadas de redu o da tribut o sobre o capital permitiram uma concentra o inédita de riqueza —e, junto a isso, muito poder político. Defensor de um imposto mínimo global de 2% sobre grandes fortunas, Zucman alerta para os riscos de a inteligência artificial (IA) acelerar mais a concentra o de riqueza em um “punhado de bilionários” e diz que isso ameaça os ideais democráticos.

Elon Musk, o primeiro trilion rio do planeta, tem patrim nio líquido equivalente a cerca de 3% do PIB dos EUA, percentual superior ao auge da fortuna de John Rockefeller, que representava 2,3% do PIB há um século. O que explica esse nível de concentra o no topo?

Para além do caso de Musk, houve uma explosão na riqueza dos super-ricos nos EUA. E, globalmente, essa   uma das características mais importantes da economia mundial das últimas décadas, com acelera o desde 2010 e uma acelera o da acelera o nos últimos dois anos. Há várias razões para isso, mas talvez uma das mais importantes seja a mudança na tribut o (corporativa) desde os anos 1980.

A riqueza dos bilionários consiste na posse de a es de empresas, o que representa mais de 90% do patrim nio.   claro que têm pinturas e coisas do tipo, mas essencialmente o valor deles   a participa o acionária. Quando a alíquota do imposto corporativo cai, isso significa mais renda que empresas podem distribuir como dividendos ou poupar e reinvestir. Essa tem sido uma tendência poderosa.

Há tendência global mais ampla de redu o na tribut o sobre capital, não apenas os lucros corporativos, mas os ganhos de capital, dividendos, juros e patrim nio. Com a globaliza o, vimos a explosão

nos lucros e avalia es de mercado das grandes empresas multinacionais, que colheram frutos da integra o econômica global. O sistema tributário, no lugar de conter essas tendências ou garantir que todos compartilhassem os ganhos, reforçou esse cenário.

A trajetória de Musk serve de exemplo de como os ultrarricos podem moldar ou influenciar a política?

 s vezes, ouvimos que a riqueza de bilionários ou trilion rios   algo virtual, que não existe de fato, apenas no papel. No livro, enfatizo que não   bem assim. A riqueza extrema   sempre muito real. Ela representa um poder enorme: o poder de comprar empresas de m dia e influenciar a ideologia dominante; o poder de distorcer mercados ao adquirir concorrentes; e o poder de comprar elei es para influ-

enciar políticas públicas. O próprio Musk   um excelente exemplo. Em 2022, ele acordou certa manhã e disse: ‘Quero comprar o Twitter’, e encontrou com muita facilidade os US\$ 44 bilhões necessários. Depois, transformou a plataforma em máquina de propaganda a serviço de causas políticas e ideológicas, como reeleger Donald Trump. A riqueza extrema   sempre um poder extremo. Nunca   virtual;   um poder muito real que você pode optar por usar ou não. Musk   boa ilustra o de quão rapidamente a riqueza se traduz em poder político.

Qual o risco para a democracia?

O fato de que todas essas plataformas e algoritmos pertencem a poucos indivíduos ultrarricos, que poderiam, se quisessem, ajustá-los de qualquer maneira para manipular a opinião pública em todo o mun-

do,   uma forma tão extrema de influência que realmente precisamos enfrentá-la hoje. E a IA está ampliando isso, pois ela está, de certa forma, drenando todo o conhecimento produzido e acumulado ao longo de mil nios por toda a Humanidade e confinando-o em espaços restritos. Esse conhecimento está sendo apropriado por algumas empresas pertencentes a indivíduos super-ricos dos EUA e   difícil entender como podemos deixar isso acontecer. Esse conhecimento pertence a toda a Humanidade. Não podemos aceitar que ele possa ser apropriado dessa forma e os benefícios capturados por um punhado de bilionários.

E por que tributar a riqueza, e não apenas a renda?

O mais importante   criar um princípio: se você   muito rico (e propus limite de US\$

100 milhões, mas isso   discutível), tem que pagar um piso mínimo inevitável de impostos.   uma ideia de bom senso, mas que não está em lugar nenhum nas nossas leis tributárias. Em segundo lugar, para que o mínimo seja eficaz, ele deve ser expresso não como fra o da renda, mas como fra o da riqueza. Os super-ricos encontram maneiras de não declarar renda ou de declarar renda muito baixa. A riqueza   muito mais difícil de manipular. Uma alíquota de 2% sobre a riqueza garantiria que bilionários não pagassem menos do que a classe média.

Qual   o próximo passo?

Precisamos que um país ou estado implemente a ideia, e isso vai dar o pontapé inicial. E o lugar provável   o estado da Califórnia. Haverá iniciativa de vota o popular em novembro, durante as elei es de meio de

mandato nos EUA em 3 de novembro, na qual a popula o da Califórnia votar  na proposta de imposto de 5% sobre a riqueza dos bilionários. Se o povo votar ‘sim’, vira lei, e nada poderá impedir.

Nem mesmo Trump?

Nem mesmo Trump. Se a Califórnia fizer isso, o estado arrecadar  US\$ 100 bilhões de um punhado de bilionários. E não   o fim do mundo. O sol continua nascendo todas as manhãs. Outros estados dos EUA e países se interessariam. Eles pensariam: ‘Bem, por que não fazemos o mesmo? Funciona. Gera receita. Não destrói a economia’. Não sei se a proposta será aprovada na Califórnia, mas basta um país ou estado demonstrar que a medida   viável para desencadear um movimento internacional.

No livro, o argumento de que tributar os ricos provoca fuga de capitéis   chamado de “alarmismo”. Por qu ?

Historicamente, esconder patrim nio em paraísos fiscais, como as Ilhas Cayman ou a Su a, era um problema sério. No entanto, desde a implementa o do intercâmbio automático de informa es bancárias em nível global,   muito mais difícil ocultar ativos do que há dez anos. O segundo argumento diz respeito ao risco de, digamos, o Brasil adotar o imposto mínimo de 2% sobre a riqueza dos bilionários. Não haverá risco de as pessoas se mudarem ou alterarem a residência fiscal para evitar o imposto? O fundamental   entender que essa emigra o não   lei da natureza como a gravidade.   uma escolha. Podemos optar por aceitá-la ou combatê-la. O Brasil poderia dizer que se você se tornar bilionário no país e optar por se mudar, ainda teria de pagar o imposto mínimo de 2% no Brasil por cinco ou dez anos após a mudança.

  diferente do que os EUA fazem hoje...

Os EUA adotam tributa o baseada na nacionalidade, se você tem cidadania americana, paga impostos independentemente de onde mora. Prop o o meio-termo. Não se baseia na cidadania, mas no tempo de residência. Se você viveu no Brasil por 40 ou 50 anos e ficou muito rico l , o imposto deveria continuar incidindo por, talvez, dez anos após sua mudança.   um equilíbrio.

Sob ataque, Wikipédia luta pela alma da internet

Referência da produ o colaborativa de conhecimento na rede enfrenta ameaças de todos os lados na era da desconfiança on-line

Do New York Times
NOVA YORK

A Wikipédia está em perigo. Num mundo em que a confiança na verdade se deteriora, a grande referência da produ o colaborativa de conhecimento na internet enfrenta ameaças em todas as frentes. A direita ligada ao movimento MAGA, de Donald Trump, liderada no mundo empresarial por Elon Musk, acusa a plataforma de viés político e antissemitismo e chegou a questionar o status de organiza o sem fins lucrativos.

Ao mesmo tempo, empresas de inteligência artificial (IA) exploram o conteúdo da enciclopédia, consumindo recursos e desviando a aten o dos usuários. Em países autoritários, governos já enviaram editores voluntários para col nias penais. Nos 25 anos de história da Wikipédia, a Funda o Wikimedia, responsável por dar suporte   plataforma, ampliou seu orçamento para a es de lobby e passou a veicular anúncios na Times Square, em Nova York. Começou a cobrar de empresas como Google e

Meta, que usam os 65 milhões de artigos da enciclopédia para alimentar seus serviços, além de restringir o acesso de determinados sistemas automatizados de coleta de dados. Paralelamente, expandiu a equipe dedicada   defesa dos direitos humanos para reforçar a prote o dos voluntários diante do aumento de casos de assédio, vigilância e retalia o. Para uma organiza o que faz da neutralidade um de seus princípios, trata-se de um cenário de confronto incomum, que obrigou a Funda o Wikimedia a adotar postura mais

ativa —ainda que sempre pela via diplomática. Em janeiro, a americana Bernadette Meehan, de 50 anos, assumiu o comando da Funda o Wikimedia após carreira que incluiu passagens como embaixadora dos EUA no Chile, e cargos na Funda o Obama, no Departamento de Estado, no Conselho de Segurança Nacional e em Wall Street. —A Wikipédia sustenta boa parte do que existe na internet — afirmou em sua primeira entrevista desde que assumiu o cargo. —Ela   admirada, tem

credibilidade e, em um momento de polariza o crescente,   vista como fonte confiável de informa o. A questão  : como manter o projeto vivo?

Musk tem atacado a Wikipédia, chamando-a de “Wokepedia”

Diplomacia.

Bernadette Meehan, a nova CEO da Funda o Wikimedia



e de “extensão da propaganda da m dia tradicional”. O bilionário criticou a forma como   retratado e incentivou seguidores a suspender doa es em protesto contra iniciativas de diversidade. O empresário   apenas uma das vozes de um grupo de conservadores que acusa a plataforma de favorecer posi es liberais. Em sua história, a Wikipédia tem servido de campo de batalha a disputas sobre a própria defini o da verdade: o que caracteriza um ponto de vista equilibrado? Aos que avaliam que a Wikipédia   enviesada, a recomenda o da executiva   direta: tornem-se editores da plataforma: — O que precisamos neste momento   de mais diálogo. As portas estão abertas.

CAMINHO LIVRE ÀS URNAS

Condenada pela Justiça da França, Marine Le Pen mantém candidatura presidencial em 2027



PARIS

A líder da extrema direita francesa, Marine Le Pen, anunciou ontem sua candidatura à eleição presidencial de 2027, horas após recuperar o direito de disputar o pleito com uma decisão do Tribunal de Apelação de Paris que reduziu sua pena de inelegibilidade. Embora a Justiça tenha mantido sua condenação por desvio de recursos do Parlamento Europeu e confirmado uma pena que inclui um ano de prisão domiciliar com monitoramento eletrônico, a dirigente do Reagrupamento Nacional (RN) afirmou que iniciará imediatamente sua campanha e recorrerá da sentença.

— Esta noite sou candidata à eleição presidencial — declarou Le Pen.

Em entrevista à emissora TF1, Le Pen comemorou a decisão judicial e afirmou que os eleitores franceses recuperaram o direito de escolher livremente seus representantes.

— Fiquei feliz que os franceses tenham recuperado sua liberdade de votar e que o tribunal tenha restituído minha elegibilidade — ressaltou.

CAMPANHA JÁ COMEÇOU

A líder da extrema direita também anunciou que dará início imediato à campanha ao lado de Jordan Bardella, presidente do RN e considerado até então o principal plano alternativo do partido para a disputa presidencial.

— Oferecemos aos franceses uma dupla e será juntos que vamos convencê-los de que o que vivem hoje não é uma fatalidade — afirmou ela. — Vamos começar esta noite e trabalhar pelo renascimento da França.

A decisão do Tribunal de Apelação de Paris manteve a condenação de Marine Le Pen por desvio de recursos do Parlamento Europeu, mas reduziu sua pena de inelegibilidade, permitindo que ela volte a disputar cargos eletivos e abrindo caminho para sua participação na corrida presidencial de 2027. O tribunal

também reduziu a pena de prisão de Le Pen de quatro para três anos. A nova sentença prevê dois anos com pena suspensa e um ano de cumprimento em regime domiciliar com tornozeleira eletrônica. A corte manteve ainda uma multa de € 100 mil (R\$ 589 mil) contra ela, enquanto o RN foi condenado a pagar uma multa de € 2 milhões (R\$ 11 milhões), sendo € 1 milhão (R\$ 5,8 milhões) com execução suspensa.

Uma das favoritas para vencer a eleição presidencial de 2027, a líder do RN afirmou repetidamente que não disputaria o pleito caso tivesse de fazer campanha enquanto cumprisse a medida de monitoramento eletrônico, argumentando que as restrições comprometeriam sua capacidade de participar de comícios e eventos públicos. Após a decisão de ontem, porém, Le Pen afirmou que recorrerá à Corte

de Cassação e demonstrou confiança de que conseguirá reverter judicialmente ou suspender as restrições impostas pela condenação.

Le Pen, 57, foi condenada em 2025 por um esquema de desvio de € 1,4 milhão em recursos do Parlamento Europeu para remunerar funcionários de seu partido na França de 2004 a 2016. O tribunal de primeira instância concluiu que ela aprovou ou, no mínimo, tolerou um sistema que utilizava verbas destinadas a assistentes parlamentares para pagar empregados do então Frente Nacional, atual RN.

‘CAÇA ÀS BRUXAS’

A líder da extrema direita negou ter cometido irregularidades e afirmou que seu partido foi vítima de uma “caça às bruxas”. Durante o julgamento do recurso, realizado em janeiro e fevereiro, ela admitiu ter cometido “um erro”, ao reconhecer que alguns funcionários pagos como assistentes parlamentares da UE haviam trabalhado “em benefício do partido”, mas sustentou que a legenda agiu de “completa boa-fé”.

— Considero que somos inocentes dos fatos que nos são atribuídos e que eles não podem ser classificados como desvio de recursos públicos. O que nos é imputado é que alguns assistentes fizeram política nacional quando deveriam fazer política europeia. O tribunal reconheceu que não houve qualquer benefício financeiro nesse caso — afirmou.

Os promotores, por sua vez, pediram que a condenação original fosse mantida, com cinco anos de inelegibilidade e quatro de prisão, sendo três com pena suspensa. Segundo a acusação, Le Pen “profissionalizou” um método de desvio de recursos da UE iniciado

por seu pai, Jean-Marie Le Pen, depois que assumiu a liderança da legenda em 2011. Ao todo, 24 pessoas foram condenadas no processo sobre o uso de recursos do Parlamento Europeu, entre ex-eurodeputados, assessores e dirigentes partidários.

MELHOR OPORTUNIDADE

A confirmação da candidatura reforça a posição de Le Pen como uma das principais favoritas para a eleição presidencial do ano que vem. A líder do RN já disputou a Presidência três vezes: ficou em terceiro lugar em 2012 e chegou ao segundo turno em 2017 e 2022, quando foi derrotada por Emmanuel Macron. Como ele não poderá disputar um terceiro mandato consecutivo, a eleição de 2027 é considerada a melhor oportunidade até agora para que o RN chegue ao poder.

Com a candidatura de Le

Pen mantida, Bardella volta a ocupar o papel de principal aliado e coordenador da estratégia eleitoral do RN. Antes da decisão judicial de ontem, o dirigente de 30 anos, que se tornou parte da equipe de campanha de Le Pen em 2017 e assumiu a liderança da legenda em 2022, era visto como plano B caso a líder da extrema direita fosse impedida de concorrer.

Filha caçula de Jean-Marie Le Pen, fundador da Frente Nacional, Marine assumiu a liderança do partido em 2011 com a proposta de ampliar seu eleitorado e reduzir o isolamento político da legenda. Em 2018, rebatizou o partido como Reagrupamento Nacional. Nas eleições legislativas de 2024, a sigla obteve seu melhor desempenho eleitoral, conquistando, ao lado de aliados, 143 cadeiras na Assembleia Nacional.

Com AFP

Suspeita de atentado em Mônaco é encontrada morta

Corpo de mulher executada a tiros foi encontrado na Ucrânia após tentativa de assassinato de empresário de seu país no principado

KIEV

A ucraniana de 39 anos suspeita de tentar matar um empresário de origem ucraniana em Mônaco foi encontrada morta na Ucrânia com “ferimentos de bala na cabeça”, anunciou ontem a polícia do país, que prendeu dois suspeitos. Em comunicado, a polícia identificou a mulher como Anastasiia Berezovska e informou que “o corpo foi encontrado”.

Segundo a corporação, foram detidos “dois indiví-

duos suspeitos de assassinar uma mulher procurada pela Interpol”: um ex-integrante das forças de segurança e um “funcionário atual” da Diretoria Principal de Inteligência (GRU), que, de acordo com as autoridades, teria confessado a autoria do crime, acusando o outro preso de cumplicidade.

De acordo com a polícia, Anastasiia Berezovska retornou em 1º de julho à Ucrânia, onde manteve contato com familiares e com os dois suspeitos presos. Os dois homens realiza-



Na mira da Justiça. Eric Are, autoridade de Mônaco, exhibe fotos da suspeita

ram diversas transferências para contas pertencentes a Berezovska e também podem ter participado da tentativa de assassinato em Mônaco, acrescentou a polícia. Recentemente, ela tinha morado na Alemanha.

A corporação informou que, durante buscas na residência do ex-agente, “foi descoberto no porão um local que parece uma sala de tortura”. A polícia não informou onde o corpo da mulher foi encontrado, mas afirmou que havia “cartuchos de revólver no local”.

Todas as informações disponíveis às forças de segurança ucranianas foram transmitidas aos serviços de investigação do Principado de Mônaco, acrescentou a polícia.

ALERTA INTERNACIONAL

A Justiça monegasca emitiu um alerta internacional à Interpol para localizar a mulher, suspeita de tentar assassinar com explosivos, em 29 de junho, um empresário de origem ucraniana no principado mediterrâneo. As autoridades do principado não confirmaram a identidade do alvo, mas, segundo diferentes fontes, trata-se de Vadim Irmolaiev, oligarca nascido na Ucrânia que adquiriu nacionalidade de Chipre.

EUA atacam Irã e reimpõem sanções após agressão a navios

Três embarcações foram bombardeadas em 24 horas no Estreito de Ormuz, em ações atribuídas por vizinhos a Teerã

DOHA, RIAD E WASHINGTON

Os EUA lançaram ataques contra o Irã ontem, em resposta à agressão contra três navios no Estreito de Ormuz, em mais um desafio ao cessar-fogo entre os dois países durante negociações de um acordo de paz. Mais cedo, o governo americano já tinha reimposto as sanções ao petróleo ao país, tachando as ações atribuídas a Teerã no estreito de “totalmente inaceitáveis”.

“Os ataques americanos são uma resposta aos ataques iranianos a três embarcações comerciais que transitavam pelo Estreito de Ormuz” e “imporão custos elevados por visar e atacar navios mercantes”, afirmou o Comando Central dos EUA em uma publicação no Facebook.

Segundo a imprensa estatal do Irã, foram registradas explosões nas cidades portuárias de Bandar Abbas e Sirik, assim como na Ilha de Qeshm, no Golfo Pérsico. A ofensiva ocorre durante a semana de eventos fúnebres do antigo líder supremo Ali Khamenei, assassinado nos ataques americano-israelenses no início da guerra no fim de fevereiro. Teerã tinha alertado os EUA e Israel e não fazer nenhum ataque ao país durante esse período.

De acordo com a agência britânica de segurança máxima UKMTO, três navi-

os foram atingidos por projéteis nas águas do estreito nas 24 horas anteriores.

Os incidentes ocorreram apesar do cessar-fogo entre EUA e Irã na guerra iniciada por ataques americanos e israelenses no fim de fevereiro, e em meio ao período de dois meses de negociações entre americanos e iranianos para um acordo de paz que cessaria de forma definitiva o conflito no Oriente Médio.

A agência informou que dois petroleiros foram atingidos na área e um terceiro foi “impactado por um veículo aéreo não tripulado de origem desconhecida e sofreu danos estruturais menores”. A agência informou que não houve feridos nem danos ambientais.

PETRÓLEO SOBE ATÉ 3%

Segundo a UKMTO, a primeira embarcação foi atingida por um projétil, cuja origem não foi identificada, ao largo da costa de Omã, causando um incêndio. O Catar — um dos mediadores no conflito no Oriente Médio — denunciou que o navio Al Rekayyat foi atacado enquanto navegava perto do Estreito de Ormuz e responsabilizou o Irã.

— Consideramos o Irã plenamente responsável, do ponto de vista legal, por esse ataque e por qualquer dano ou repercussão decorrente dele — declarou o ministro das Relações Exteriores do



“Brothers in arms”. Erdogan (à esquerda) e Trump caminham de braços dados em Ancara: alinhamento entre líderes

Trump diz haver ‘química’ entre ele e Erdogan

> Sob críticas do premier de Israel, Benjamin Netanyahu, o presidente dos EUA, Donald Trump, manteve ontem a decisão de vender caças F-35 à Turquia, “onde meu amigo por acaso é um líder forte”. O “amigo” é o presidente Recep Tayyip Erdogan, um outro líder acusado, como Trump, de governar com viés autoritário.

> Na capital turca para a cúpula da Otan, o ameri-

cano afirmou que Washington vai retirar as sanções impostas à Turquia após a compra de um sistema russo de defesa antimísseis que levou Ancara a ser excluída do programa dos F-35. O movimento pode abrir caminho ao retorno do país ao projeto.

> Trump afirmou que a venda dos F-35 à Turquia é “certamente algo que vamos considerar”, acrescentando que seu governo trabalha para remover as sanções impostas com base na Lei de Combate aos Adversários da Améri-

ca por Meio de Sanções. Segundo o New York Times, que cita quatro altos funcionários do governo Trump, o presidente tentará autorizar a venda contornando a legislação existente e o Congresso, que poderia se opor à decisão.

> Trump e Erdogan destacaram sua relação próxima em Ancara. — Às vezes você se dá bem com as pessoas mais difíceis, como ele — disse Trump, apontando Erdogan. — Francamente, se [a cúpula] não tivesse sido realizada na Turquia, onde

meu amigo por acaso é um líder forte, uma pessoa muito forte, é possível que eu não tivesse comparecido. O que há entre nós é química.

> A relação próxima entre os dois é vista na Otan como uma possível forma de reduzir tensões na aliança. Trump chegou à cúpula criticando de novo os aliados europeus e dizendo estar decepcionado com a organização, sobretudo pela postura de países-membros na guerra contra o Irã.

Com AFP e NYT

Colômbia: presidente eleito acusa Petro de complô

Eleito com curta margem sobre rival esquerdista, Espriella diz que mandatário planeja golpe de Estado para ficar no poder

BOGOTÁ

O presidente eleito da Colômbia, Abelardo de la Espriella, acusou ontem o presidente em fim de mandato, Gustavo Petro, de tentar promover um “golpe de Estado” para permanecer no poder após o término de seu mandato em 7 de agosto. Em meio à escalada da crise política entre o governo de saída e o governo eleito, o advogado de direita pediu que as Forças Armadas “protejam a Constituição e a democracia” e desobedeçam a eventuais ordens do atual presidente que contrariam esses princípios. Mais cedo, ele havia suspenso o processo de transição com o líder de esquerda.

— Petro e Cepeda iniciaram seu Plano B para permanecer no poder a todo custo. E querem fazer isso por meio de um golpe de Estado — afirmou Espriella em um vídeo publicado nas redes sociais.

Na mesma declaração, ele convocou os militares a cumprirem seu juramento constitucional e a não obedecerem a qualquer ordem que, segundo ele, busque impedir a transferência de poder.

As acusações ocorreram horas depois de o presidente eleito anunciar a suspensão do processo de transição com o governo de Petro, aprofundando o confronto entre as duas administrações a exatamente um mês da posse, segundo o jornal espanhol El País. Em mensagem publicada nas redes sociais, Espriella afirmou ter determinado ao vice-presidente eleito, José Manuel Restrepo, a interrupção imediata das reuniões entre as equipes de governo.

PETRO MODEROU DISCURSO

Ao justificar a medida, o presidente eleito acusou Petro de não reconhecer o resultado das eleições de 21 de junho e classificou a administração atual como um “governo corrupto” que pretende “destruir a Colômbia”. Segundo ele, sua equipe não poderia continuar sentada à mesa de negociações com um grupo que considera formado por “golpistas e corruptos”. Espriella venceu Cepeda por 12,9 milhões de votos contra 12,7 milhões.

O processo de transição havia começado na semana passada e vinha sendo conduzido por Restrepo e pelo



Acusações de ... Petro. nega tramar para ficar no poder

ministro da Fazenda, Germán Ávila. Apesar das divergências políticas entre os dois grupos, as reuniões técnicas avançavam normalmente até segunda-feira.

A decisão de Espriella ocorre após uma nova rodada de declarações de Petro questionando a legitimidade da vitória eleitoral do presidente eleito. Na véspera, o atual mandatário voltou a defender a tese de que houve fraude no pleito

presidencial contra seu aliado político, Iván Cepeda, derrotado no segundo turno. Em uma publicação nas redes sociais, chegou a afirmar que “Abelardo não venceu as eleições”.

Ontem, porém, Petro adotou um tom mais moderado. Em uma longa mensagem, disse reconhecer e respeitar os milhões de colombianos que votaram em Espriella e garantiu que não pretende ficar no poder após o fim de seu man-



...lado a lado. Espriella pede lealdade a militares

dato. Ao mesmo tempo, acusou a equipe do presidente eleito de abandonar a transição para evitar que a população acompanhasse de perto sua preparação para governar.

Restrepo reagiu às declarações do atual presidente e afirmou que quase 13 milhões de colombianos escolheram um novo rumo para o país e que ninguém tem o direito de pôr em dúvida a legitimidade do resultado das urnas.

Catar, Majed al-Ansari.

O emirado convocou o vice-embaixador do Irã para apresentar uma queixa, pedindo que Teerã “cesse imediatamente quaisquer práticas que prejudiquem a segurança regional e que se abstenha de colocar em risco a segurança da navegação internacional e o fornecimento global de energia”. A Arábia Saudita também responsabilizou o Irã por um ataque a um de seus petroleiros enquanto este transitava por Ormuz. .

Após os ataques, os preços do petróleo fecharam em alta ontem. O preço do petróleo Brent, referência no mercado internacional, subiu 3,01%, para US\$ 74,16 o barril. Seu equivalente nos EUA, o petróleo bruto West Texas Intermediate (WTI), subiu 2,76%, para US\$ 70,44 o barril.

Em 20 de março, o governo americano anunciou uma primeira suspensão das sanções comerciais contra o petróleo do Irã para tentar conter a elevação acentuada de preços da commodity no mercado internacional. A medida era limitada a 140 milhões de barris já carregados em navios e valeu até 19 de abril.

NEGOCIAÇÕES EM CURSO

O memorando de entendimento de 14 pontos assinado por Trump e pelo presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, em 17 de junho, previa a remoção de todas as sanções americanas ao Irã em um “cronograma acordado”. O documento também determinava que o Departamento do Tesouro concedesse suspensões temporárias das sanções por 60 dias, enquanto as negociações que levariam a um acordo de paz avançariam.

Em 22 de junho, após a primeira rodada de negociações na Suíça, o Departamento do Tesouro dos EUA anunciou a suspensão de sanções ao petróleo de Teerã até 21 de agosto. As duas delegações também concordaram em estabelecer linhas de comunicação para manter o Estreito de Ormuz aberto e interromper a guerra de Israel no Líbano.

MENTE CUIDADORA

Gravidez e maternidade alteram funções cerebrais de forma duradoura, diz ciência



GIULIA VIDALE
giulia.ribeiro@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Não é surpresa que a gravidez traz uma série de mudanças tanto para o corpo quanto para o estilo de vida. Em cerca de 40 semanas, praticamente todos os sistemas do organismo — hormonal, cardiovascular, respiratório, gastrointestinal, urinário, musculoesquelético, dermatológico e neurológico — sofrem alterações para sustentar o desenvolvimento fetal, preparar o parto, a amamentação e os cuidados com o bebê.

Embora muitas dessas mudanças, principalmente as fisiológicas, já estejam bem documentadas, a ciência agora se debruça sobre as alterações cerebrais que começam durante a gestação e persistem mesmo anos após o nascimento do bebê.

Um dos estudos mais influentes sobre o assunto foi publicado na revista científica *Nature Neuroscience*, em 2016. O trabalho foi feito por meio da análise de imagens cerebrais de mulheres antes de engravidarem e alguns meses após o nascimento do bebê.

Os resultados mostraram que a gravidez está associada a reduções no volume de substância cinzenta, associada à estrutura e função cerebral, especialmente em regiões envolvidas na cognição social e na rede de modo

padrão (“default mode network”), um sistema ligado à autorreflexão e à compreensão do outro.

— Pesquisadores acreditam que não há uma perda de quantidade de neurônios, e sim um ajuste desses neurônios. É como se houvesse uma poda da árvore para que brotasse mais bonita, digamos, metaforicamente. Esses neurônios são rearranjados para que haja um foco nas tarefas relacionadas à maternidade — diz a neurologista Ana Luiza Vieira de Araújo, do Einstein Hospital Israelita.

Essas mudanças não são aleatórias. Elas ocorreram em redes que podem ajudar a captar os sinais do bebê. As principais regiões afetadas são o córtex pré-frontal, a amígdala e o hipocampo, que são regiões relacionadas à atenção, memória, reatividade e cognição social.

Por exemplo, elas indicam maior sensibilidade a pistas sociais, melhor leitura de expressões faciais e maior capacidade de identificar necessidades do bebê.

Mães que perderam mais volume relataram, posteriormente, vínculos mais fortes com seus bebês. Além disso, essas mudanças não desaparecem depois que a gestação se encerra.

— Tem várias alterações estruturais e funcionais para tentar moldar o cérebro da mulher para que ela se torne uma boa mãe para, enfim,

cuidar da sua cria. Então, basicamente essas alterações estariam voltadas a facilitar a adaptação cerebral à nova situação que vai vir — diz a neurologista Sonia Bruch, da Academia Brasileira de Neurologia (ABN).

— Essas alterações que ocorrem no cérebro são duradouras, até mais ou menos dois anos depois do parto, que é justamente a fase em que a criança depende mais da mãe.

OUTRAS PRIORIDADES

Esse processo de redução de massa cinzenta pode parecer assustador, principalmente quando a maioria das mulheres grávidas relata problemas cognitivos, como falta de atenção, perda de memória, dificuldade de encontrar palavras, de manipular várias informações ao mesmo tempo. Mas em vez de significar perda cognitiva, o cérebro parece trocar certos tipos de desempenho — como lembrar onde estão as chaves — por uma melhor regulação emocional e pela capacidade de antecipar as necessidades da criança.

— Quando se faz os testes cognitivos, a mulher mantém suas capacidades cognitivas intactas, mas no dia a dia ela recebe uma diminuição de performance em tarefas executivas que antes eram mais fáceis, e agora ela tem um pouco mais de dificuldade — diz Araújo.

Além disso, existem fatores externos que podem

contribuir para esse fenômeno de esquecimentos corriqueiros, chamado popularmente conhecido como “baby brain” (cérebro de bebê), como estresse, privação de sono, mudanças de rotina, além da ansiedade e a intensidade emocional do início da parentalidade.

Outro trabalho, publicado em 2024 na revista científica *Nature Neuroscience*, oferece a visão mais abrangente já obtida sobre as alterações que acontecem no cérebro durante a gravidez ao examinar imagens do cérebro de uma mesma mulher 26 vezes, antes, durante e depois da gravidez. Embora apenas um indivíduo tenha sido analisado, isso representa um feito inédito, já que há uma resistência em realizar esse tipo de exame durante a gestação.

Os resultados do novo estudo confirmaram que a massa cinzenta diminuiu mais de 4% ao longo da gravidez. A equipe também conseguiu demonstrar que essa redução ocorre de forma constante ao longo da gravidez, começando nas primeiras semanas, estabilizando-se por volta da época do parto e persistindo anos após o nascimento.

Essas alterações também estão relacionadas com o aumento das concentrações de dois hormônios sexuais: estradiol e progesterona. A análise também mostrou que a substância branca do

cérebro, a parte que conecta diferentes regiões cerebrais, foi fortalecida.

Isso significa que os sinais cerebrais podem viajar com mais rapidez e eficiência.

— Aumentar a conexão na substância branca ajuda, por exemplo, a mãe ficar mais ágil para detectar choro e perceber com mais facilidade o estado emocional da criança. A inteligência emocional aumenta e você se antecipa às necessidades do outro, não às suas necessidades — afirma o obstetra Eduardo Cordioli, diretor Técnico de Obstetrícia da Pro Matre Paulista.

Essas alterações no cérebro durante a gravidez não cessam após a primeira gestação. De acordo com um estudo de 2026, do Amsterdã UMC, em uma segunda gravidez parece haver um refinamento dessas mudanças, voltadas para novos sistemas neurais.

Enquanto na primeira as mudanças se concentram na rede responsável pela capacidade de interpretar os pensamentos e as emoções de outras pessoas, na segunda, o cérebro atua em sistemas mais especializados, como as redes de atenção que ajudam a direcionar e manter o foco.

Isso permite, por exemplo, que a mãe acompanhe múltiplos estímulos simultaneamente, como ajustar automaticamente a postura para segurar um filho en-

quanto estende a mão para alcançar outro.

“Pode-se supor que essas mudanças preparem a mulher para as demandas crescentes associadas ao cuidado de vários filhos simultaneamente”, escrevem os autores do estudo.

Por outro lado, ainda não está claro se esses padrões se mantêm, se estabilizam ou se sofrem novas alterações com uma terceira gravidez.

CÉREBRO JOVEM

Também aumentam as evidências de que a parentalidade exerce um efeito neuroprotetor na fase mais avançada da vida. Estudos do UK Biobank e de outras fontes estão associando o número de filhos a marcadores de um cérebro com aparência mais jovem.

Esse fenômeno vale tanto para homens quanto para mulheres, o que mostra que não se trata apenas de uma questão ligada aos hormônios da gravidez, mas sim da experiência de cuidar de filhos. Segurar, alimentar, acalmar, observar, preocupar-se, responder em um ciclo que se repete incansavelmente pode moldar o cérebro por meio da experiência.

— Não é só a gravidez em si. É o ato de ter uma cria o tempo inteiro do seu lado. Cuidar de alguém exige uma mudança estrutural e de prioridades muito grande — ressalta Cordioli.

Araújo completa:

— O cérebro de cuidadores que realmente estão ali cuidando intensamente sofre um remodelamento estrutural e funcional muito parecido com a mulher que passou pela gestação. Não na mesma proporção, mas em alguns aspectos muito parecido, e essa relação é diretamente proporcional. Quanto maior o cuidado, maior o vínculo que vai se formando, maiores são essas alterações cerebrais.

Também há estudos mostrando que não são apenas as mulheres que apresentam alterações hormonais associadas a ter um bebê.

— Tem um trabalho muito interessante que mostra que o homem que virou pai apresenta uma queda mais rápida de testosterona do que o que não virou pai. Uma das funções da testosterona é ajudar a ir atrás das coisas, da conquista, da guerra, da caça. A partir do momento que o homem já conquistou e tem a cria, o cérebro muda e, com isso, existe menos estímulo para as suas gônadas produzirem testosterona — explica Cordioli.

O mesmo trabalho mostrou que níveis mais baixos estão associados a uma maior motivação para participar dos cuidados com o bebê e a uma melhor qualidade do relacionamento durante a transição para a paternidade.



BCG altera meio cerebral e reduz risco de ter demência

Estudos mostram que vacina pode melhorar a resposta imune no órgão e modificar marcadores de Alzheimer

Mais detalhes. Estudos anteriores já haviam associado vacina conta a tuberculose a menor risco de demência, algo que a ciência agora compreendeu melhor

A vacina BCG — administrada para prevenir a tuberculose — pode remodelar o ambiente imunológico do cérebro humano, oferecendo uma possível explicação para associações observadas anteriormente entre sua aplicação e um menor risco de doença de Alzheimer. A conclusão é de um estudo liderado por investigadores do Mass General Brigham, principal sistema

de saúde afiliado de ensino da Harvard Medical School, nos Estados Unidos, que foi publicado na revista Communications Medicine. O trabalho, com duração de um ano, constatou que a BCG promoveu uma maior capacidade de resposta nas células imunológicas que circundam o cérebro e modificou biomarcadores relacionados ao Alzheimer em idosos sem evidências a doença, mas não na-

queles que apresentavam evidências da demência por meio de biomarcadores. “O sistema imunológico e o cérebro podem estar muito mais conectados do que imaginávamos”, afirma o autor sênior e coautor correspondente Steven Arnold, diretor administrativo do Interdisciplinary Brain Center do Mass General Brigham Neuroscience Institute. “O próximo passo é testar isso

rigorosamente em estudos maiores e controlados, particularmente no contexto da prevenção, com a esperança de preservar a saúde cerebral antes que a doença de Alzheimer se desenvolva de forma significativa.” Pesquisas anteriores envolvendo modelos pré-clínicos, estudos retrospectivos e ensaios clínicos randomizados sugeriram que a BCG pode reduzir o risco de

Alzheimer e induzir a chamada “imunidade treinada”, reforçando as defesas contra infecções não relacionadas e auxiliando no controle dos níveis de glicose no sangue. A maior parte das pesquisas anteriores sobre imunidade treinada concentrou-se no sangue, deixando incerto se a BCG também influencia as células imunológicas presentes no líquido que circunda o cérebro e a medula espinhal.

DOIS ENSAIOS

Em busca de respostas, a equipe de pesquisa conduziu dois ensaios clínicos relacionados, de um ano de duração e do tipo aberto sobre a imunoterapia com BCG em 23 adultos com 55 anos ou mais. A coorte incluiu 11 adultos com patologia de Alzheimer e 12 sem a doença. Amostras de líquido cefalorraquidiano (LCR) e de sangue periférico foram coletadas dos participantes em intervalos regulares após a vacinação. O estudo, liderado pelos coautores principais Marc Weinberg, Mahesh Chandra Kodali e Zhaozhi Li, constatou que a BCG promoveu respostas imunológicas aprimoradas a outros desafios imunológicos, sugerindo efeitos mais amplos na função do sistema imune. Vale ressaltar que a resposta imune intensificada não foi acompanhada por um aumento nos marcadores inflamatórios, os quais constituem um fator de risco conhecido para a neurodegeneração. A vacina BCG também alterou os níveis de beta-ami-

loide (um biomarcador fundamental da doença de Alzheimer) no líquido cefalorraquidiano e na corrente sanguínea. Em participantes sem Alzheimer, os níveis de amiloide diminuíram significativamente no líquido cefalorraquidiano, ao mesmo tempo em que aumentaram nas amostras de sangue ao longo de 12 meses. Essa alteração no equilíbrio não foi observada em participantes com a patologia de Alzheimer, indicando a ausência de efeito mensurável nesse grupo e sugerindo que o momento da administração da BCG pode influenciar a dinâmica inicial da doença e a depuração de proteínas do sistema nervoso central. Os autores observam que são necessárias mais pesquisas, incluindo estudos controlados por placebo, para investigar a relação entre a BCG e a doença de Alzheimer. Eles também ressaltam que o estudo avaliou uma estratégia de vacinação específica em idosos e não analisou o efeito da vacinação com BCG na infância, como acontece no Brasil. “Tradicionalmente, as vacinas são vistas sob a ótica da prevenção de doenças infecciosas”, afirma Weinberg, que contribuiu para o estudo enquanto atuava como pesquisador na Mass General Brigham. Atualmente, Weinberg trabalha na AbbVie. “Embora sejam necessárias mais pesquisas, essas descobertas sugerem que elas também podem influenciar processos biológicos envolvidos no envelhecimento cerebral e em doenças neurodegenerativas.”

Alimentação e dano celular influenciam saúde capilar

Ingestão de nutrientes específicos e uso de suplementos e misturas naturais podem ser soluções para cabelo crescer melhor

SOFIA GOMES
Do El Tiempo

Muitas pessoas reclamam que o cabelo não cresce ou que cresce muito lentamente. Especialistas em cuidados capilares dizem que o crescimento normal é de cerca de um centímetro por mês e aproximadamente 13 centímetros por ano. Para estimular o crescimento, recomenda-se o uso de xampus com biotina ou o

consumo diário de suplemento. Existem misturas naturais muito utilizadas que combinam gengibre, alecrim e cravo, ingredientes que se acredita possuírem propriedades que podem promover a saúde capilar. Em casos mais avançados, recomenda-se a mesoterapia ou o tratamento a laser para estimular o folículo. E se você já tentou produtos específicos e tratamentos naturais para tentar fazer o

cabelo crescer, o próximo passo é consultar um especialista para descartar problemas de tireoide ou anemia. Uma avaliação completa ajudará a determinar a condição das raízes e da fibra capilar; “já que o cabelo, assim como as unhas, nunca estagna em seu crescimento, ele é contínuo”, explica a dermatologista Campoelías Páez. A especialista afirma ainda que é possível determinar se há danos significati-

vos quando o cabelo quebra sozinho, sem precisar ser cortado, dando a impressão de que não está crescendo. Além do fato de o cabelo precisar de ferro, zinco, biotina, vitamina D e proteína para crescer, um estudo de 2025 identificou um alimento específico que influencia o combate à queda de cabelo em adultos. Cientistas da Austrália, Singapura e China apontaram que a MCL-1, uma pro-

teína essencial para a sobrevivência das células-tronco do folículo capilar (HFSCs), é crucial para o crescimento e reparação do cabelo. A descoberta foi publicada na revista Nature Communications. Segundo pesquisadores, as células-tronco do folículo piloso (HFSCs) necessitam da proteína MCL-1 para se proteger do estresse celular, especialmente nas fases críticas do ciclo capilar. Es-

se ciclo possui três fases principais: anágena (crescimento ativo), catágena (transição e desaceleração do crescimento) e telógena (repouso e queda dos fios). As células-tronco do folículo capilar podem sofrer estresse celular devido a fatores como a perda da haste capilar ou o encolhimento natural do folículo, o que, em condições normais, desencadeia a apoptose ou morte celular controlada. No experimento, eles determinaram que a eliminação do gene MCL-1 não afetou a formação dos folículos capilares, mas houve uma perda gradual de cabelo quando o HFSC diminuiu.

Versátil, estragão perfuma pratos e oferece benefícios

Planta aromática comum na culinária francesa melhora cólicas e tem efeitos anti-inflamatórios

VICTORIA VERA ZICCARDI
Do La Nación

O estragão (*Artemisia dracunculus*), também conhecido como dragoncelo ou tarragão, é uma planta aromática da família das asteráceas, muito valorizada tanto na gastronomia quanto na fitoterapia. Seu aroma característico, que lembra anis, e seu sabor levemente amargo fazem dele um ingrediente essencial da culinária francesa. Além do uso culinário, são atribuídas à erva propriedades digestivas, anti-inflamatórias, antibacterianas e hepatoprotetoras, entre outras. Originário da Ásia Central, o estragão foi se espalhando por diferentes regiões do

mundo até se tornar uma erva de grande importância culinária e medicinal. Foi introduzido na Inglaterra por volta da metade do século XVI e, no início do século XIX, chegou aos Estados Unidos, onde passou a ser cultivado na Califórnia. Ao longo da história, também teve diversos usos tradicionais: suas folhas e seu óleo eram aplicados no tratamento de feridas, irritações na pele e até na prevenção do escorbuto. É uma das ervas mais emblemáticas da culinária francesa e um ingrediente indispensável em diversos molhos e pratos clássicos, como frango ao estragão, bouillabaisse (tradicional ensopado de frutos do mar)



Famoso. Estragão misturado com manteiga simboliza bem a cozinha francesa

e salmão aromatizado. Também é utilizado para temperar azeites, vinagres, queijos, saladas e marinadas. Por causa de suas propriedades digestivas, Yael Hasbani, health coach e especialista em medicina culinária, recomenda acrescentar o estragão a proteínas animais — alimentos que exigem maior esforço digestivo do organismo —, como carnes vermelhas e brancas. Ela ressalta, no entanto, que a erva também combina muito bem

com alguns vegetais, como aspargos e batatas. Outra dica importante é adicionar o estragão apenas no final do preparo ou no momento de servir. Caso contrário, o calor pode reduzir parte de seus nutrientes, especialmente os compostos fenólicos da planta. Se o estragão for fresco, a recomendação é utilizar uma colher de sopa da erva. Já na versão seca, basta uma colher de chá, devido ao aroma e ao sabor mais concentrados.

O estragão é uma das ervas aromáticas que se destacam pelo alto teor de nutrientes, minerais e vitaminas. Entre seus componentes, a FDA, órgão regulador de alimentos e medicamentos dos EUA, destaca proteínas, fibras, ferro, cálcio, magnésio, zinco e vitaminas A, C e B6. Na medicina tradicional, seu uso está associado à melhora da função digestiva. Segundo Hasbani, trata-se de uma erva com propriedades carminativas — que favorecem a eliminação dos gases intestinais e aliviam cólicas — e anti-inflamatórias, ajudando a reduzir o inchaço e a distensão abdominal. Outro possível benefício está relacionado à saúde do fígado. Um estudo publicado no Avicenna Journal of Phytomedicine mostrou que o extrato de estragão reduziu significativamente os danos hepáticos em roedores ao diminuir o estresse oxidativo. Embora ainda sejam necessários estudos em humanos, os resultados indicam um

potencial efeito protetor da erva sobre o fígado. Outra pesquisa, intitulada “Inibição das funções dos neutrófilos e efeitos antibacterianos da infusão de estragão”, demonstrou que o chá da planta foi capaz de reduzir o aumento de determinadas células do sistema imunológico, como IL-8 e TNF-alfa, substâncias relacionadas aos processos inflamatórios. Além disso, mostrou atividade moderada contra bactérias do gênero *Staphylococcus*. Em relação às contraindicações, o Conselho Geral de Farmacêuticos da Espanha alerta para o consumo da infusão ou do óleo essencial de estragão durante a gravidez e o período de amamentação. Hasbani também recomenda cautela para pessoas que utilizam medicamentos anticoagulantes, como varfarina, acenocumarol ou anti-coagulantes orais de ação direta. Nesses casos, o consumo da erva deve ser feito somente com orientação de um profissional de saúde.



BEM-ESTAR



O pilar financeiro da longevidade

Quando pensamos em vida longa, quase sempre lembramos de alimentação, atividade física, sono e saúde emocional. Todos esses pilares são fundamentais, sim. Mas existe um quinto, que pode ser determinante com relação à qualidade dos nossos últimos anos de vida: a saúde financeira. Pode parecer estranho falar de dinheiro em uma coluna sobre saúde. Mas basta olhar para a realidade. Nunca vivemos tanto. A expectativa de vida aumentou, a população está envelhecendo rapidamente e ca-

da vez mais pessoas chegarão aos 80, 90 ou até 100 anos. A pergunta é: estamos nos preparando apenas para viver mais ou para viver bem durante todo esse tempo? Envelhecer bem significa preservar autonomia. Continuar caminhando, viajando, convivendo com amigos, brincando com os netos, tomando as próprias decisões e, se desejar, continuar trabalhando. Essa autonomia depende dos hábitos de vida, mas também depende das condições financeiras para sustentá-la. Existe uma conta que pouca gente faz. A fase mais cara da vida costuma coincidir justamente com a fase em que a capacidade de gerar renda diminui. Depois dos 60 ou 65 anos aumentam consultas médicas, exames, medicamentos, fisioterapia, adaptações na casa e, em alguns casos, a necessidade de cuidadores. Ao mesmo tempo, o mercado de trabalho costuma oferecer menos oportunidades para profissionais mais velhos. Vivemos mais, mas precisamos sustentar financeiramente uma fase da vida muito mais longa do que a de nossos pais e avós. Porém, saúde e dinheiro não são pilares separados. Eles caminham juntos.

Quem cuida da saúde reduz o risco de doenças, preserva a capacidade funcional e tende a gastar menos com tratamentos complexos. Por outro lado, quem organiza as finanças consegue investir mais em prevenção, manter um plano de saúde, fazer exames periódicos, comer melhor e praticar atividade física com mais tranquilidade. Outro aspecto importante é que a insegurança financeira também afeta diretamente o organismo. A preocupação constante com dívidas ou falta de recursos aumenta o estresse, prejudica o sono, favorece ansiedade e pode comprometer os relacionamentos. Além disso, estudos em economia comportamental mostram que a sensação de escassez reduz nossa capacidade de planejamento. Quando toda a energia mental está voltada para resolver os problemas do presente, torna-se muito mais difícil tomar decisões que beneficiariam a saúde no futuro. Por isso, planejamento financeiro também representa prevenção.

Gosto de pensar que, ao longo da vida, construímos duas reservas. A primeira é biológica: músculos, capacidade cardiovascular, equilíbrio, cognição e bons hábitos. A segunda é financeira: patrimônio, segurança e liberdade de escolha. As duas seguem a mesma lógica. Pequenas decisões repetidas diariamente produzem grandes resultados ao longo dos anos. Cada caminhada, cada treino de força, cada boa noite de sono e cada refeição equilibrada fortalecem a reserva biológica. Da mesma forma, cada valor poupado, investimento e decisão consciente fortalecem a reserva financeira. Nenhuma delas se constrói de um dia para o outro. Ambas exigem disciplina, constância e visão de longo prazo. Envelhecer bem não significa somente viver muitos anos. Significa também chegar a essa fase com liberdade para continuar fazendo aquilo que dá sentido à própria vida. E essa liberdade depende da combinação entre uma boa saúde e um bom planejamento financeiro. No fim das contas, talvez a melhor definição de longevidade seja esta: preservar a autonomia do corpo e a liberdade de escolha.



Peptídeos ganham espaço na indústria dos cosméticos, mas exigem avaliação

Estudo usa IA Explicável para avaliar potencial alergênico dessas moléculas e obter produtos de beleza mais seguros

Reforço. Colágeno e elastina ajudam a cuidar da pele

ANDRÉ SILVA PIMENTEL E MARINA DAMASO GODINHO ALVES Do The Conversation

Nos últimos anos, houve um boom de novos cosméticos que prometem revolucionar o rejuvenescimento da pele por meio do uso de peptídeos. As propagandas afirmam que esses ingredientes são mais eficazes e seguros, inclusive para pessoas com pele sensível. Mas será que isso é verdade? A resposta não é tão simples. De fato, os peptídeos têm potencial para atuar de forma mais profunda nas células, mas a possibilidade de causar sensibilidade varia de acordo com cada pessoa e também com o tipo de peptídeo utilizado. Com o objetivo de aumentar a segurança desses compostos, nós, do Laboratório de Sistemas Complexos do Departamento de Química da PUC-Rio, publicamos recentemente um artigo na revista da American Chemical Society sobre o tema. Na pesquisa, utilizamos a Inteligência Artificial Explicável como uma alternativa para identificar quais peptídeos apresentam menor risco de provocar alergias e, portanto, podem ser usados com mais segurança no desenvol-

vimento de novos cosméticos. O estudo contou com financiamento da Faperj. Afinal, o que são peptídeos e por que eles despertam tanto interesse na indústria de cosméticos? Os peptídeos são pequenas cadeias de aminoácidos que formam as proteínas. É como se fossem os tijolos de uma casa, enquanto a proteína representa a construção pronta. Essas pequenas sequências conseguem se comunicar diretamente com as células do organismo. Alguns peptídeos têm maior potencial para desencadear alergias do que outros. Nos tratamentos tradicionais de rejuvenescimento, é comum o uso de retinol e de diferentes ácidos, substâncias que apresentam um risco significativamente maior de provocar reações alérgicas. Nesse contexto, os peptídeos não alergênicos surgem como uma alternativa de alta performance para formulações cosméticas. Por não serem reconhecidos como uma ameaça pelo sistema imunológico, favorecem uma comunicação mais harmoniosa com o organismo, reduzindo a chance de desencadear processos inflamatórios. Com isso, di-

minuem o risco do aparecimento de sintomas comuns de alergia, como coceira, vermelhidão e ardência. Esses peptídeos atuam como mensageiros celulares, estimulando a produção de colágeno, elastina e outras substâncias essenciais para o bom funcionamento da pele. O colágeno é a principal proteína responsável pela firmeza da pele. Já a elastina garante sua elasticidade. Com o passar dos anos, porém, a produção dessas proteínas diminui, favorecendo o aparecimento dos sinais de envelhecimento. Uma forma simples de entender esse processo é imaginar uma parede de tijolos. O colágeno funciona como o cimento que mantém a estrutura firme. Com o envelhecimento — agravado por fatores como excesso de exposição solar sem proteção, alimentação inadequada, estilo de vida, poluição e predisposição genética — surgem as rachaduras, representadas pelas rugas, além da flacidez e de outros sinais do envelhecimento. A elastina pode ser comparada ao enchimento de um colchão novo. Quando recém-fabricado, é firme e elástico: adapta-se ao peso

e, logo depois, retorna ao formato original. Com o tempo, esse material interno se desgasta, o colchão torna-se menos firme e mais deformado. Na pele acontece algo semelhante. Com o envelhecimento e a exposição solar, passa a recuperar sua forma com mais dificuldade, tornando-se mais flácida e propensa a rugas. IA EXPLICÁVEL Até pouco tempo, a identificação do potencial alergênico dos peptídeos era feita por meio de testes em animais. No entanto, a Lei nº 15.183/2025, de 30 de julho de 2025, proibiu no Brasil o uso de animais em testes de cosméticos, perfumes, produtos de higiene pessoal e seus ingredientes. A legislação representa um avanço importante ao incentivar métodos mais éticos e estabelecer padrões rigorosos para proteger o bem-estar dos animais utilizados em pesquisa. Diante dessa mudança, torna-se necessário desenvolver alternativas, e a Inteligência Artificial Explicável desponta como uma das soluções mais promissoras. Ao contrário dos modelos tradicionais de IA, que fun-

cionam como uma “caixa-preta”, a IA Explicável permite compreender quais características levaram o algoritmo a classificar determinado peptídeo como alergênico ou não. Isso torna os resultados mais transparentes e confiáveis. Além de estimar a probabilidade de um peptídeo provocar alergias, essa tecnologia consegue identificar, de forma precisa, quais sequências de aminoácidos estão relacionadas a esse risco, utilizando interpretadores de última geração. Os resultados obtidos são bastante promissores. Ao identificar os peptídeos com potencial alergênico, é possível desenvolver formulações cosméticas mais seguras, reduzindo a ocorrência de processos inflamatórios e reações alérgicas — um benefício especialmente importante para pessoas com pele sensível. Enquanto os ácidos promovem uma descamação para estimular a renovação celular, os peptídeos não alergênicos atuam enviando sinais químicos às células sem provocar respostas inflamatórias, oferecendo uma abordagem mais delicada e fisiológica.

Esses ingredientes costumam estar presentes em séruns, máscaras faciais e cremes, podendo ser utilizados até mesmo em peles com rosácea, na região dos olhos e em peles extremamente sensíveis, desde que com orientação profissional. As aplicações dessa tecnologia podem ir além da indústria cosmética. No futuro, ela poderá contribuir para prevenir alergias alimentares, auxiliar no desenvolvimento de imunoterapias para pessoas alérgicas e até colaborar na criação de vacinas mais seguras. O uso da IA Explicável para identificar peptídeos alergênicos demonstra que a tecnologia por trás dos cosméticos está evoluindo para soluções cada vez mais inteligentes, éticas e inclusivas, especialmente para pessoas com pele sensível. * André Silva Pimentel é Cientista do Nosso Estado da FAPERJ e professor associado do Departamento de Química da PUC-Rio e Marina Geisely Damaso Godinho Alves é Mestranda da PUC-Rio. * Este artigo foi republicado de The Conversation sob licença Creative Commons.

BAQUE NO PALANQUE

Pré-candidato ao Senado apoiado por Flávio, Canella é preso por porte de fuzil

JÉSSICA MARQUES E
ROBERTA DE SOUZA
granderio@oglobo.com.br

Em mais uma etapa da Operação Unha e Carne, que apura a ligação de agentes públicos com organizações criminosas, a Polícia Federal prendeu ontem o ex-prefeito de Belford Roxo e pré-candidato ao Senado pelo União Brasil, Márcio Canella, por porte ilegal de arma de uso restrito. O político foi flagrado com um fuzil na mala do carro. A sexta fase da investigação visa desarticular uma quadrilha suspeita de usar postos de gasolina para lavar dinheiro. O delegado Marcus Amim, ex-secretário de Polícia Civil do Rio, também é investigado.

A operação de ontem teve origem em um Relatório de Inteligência Financeira do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), que aponta uma movimentação de mais de R\$ 7,6 bilhões nos últimos seis anos pela rede de postos. Inicialmente, Canella era apenas alvo de busca e apreensão. Na casa dele, os agentes federais apreenderam outras armas, munição e relógios de luxo.

Foram cumpridos mandados de busca e apreensão, determinados pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, em 19 endereços na capital e em Niterói, São Gonçalo, Itaboraí e Resende, ligados aos investigados. Ao todo, foram apreendidos 11 carros de luxo — entre eles, uma Mercedes-Benz avaliada em R\$ 1,5 milhão. Em uma empresa em Niterói, foram encontrados cerca de R\$ 800 mil em espécie. Um PM também foi preso por porte de arma na casa de um dos investigados.

CONDENAÇÃO POR HOMICÍDIO
A Justiça determinou ainda o sequestro de bens envolvidos, além da suspensão de atividades econômicas de empresas ligadas ao grupo. Os valores e os nomes das firmas não foram divulgados pela Polícia Federal. Os investigados poderão responder por organização criminosa, contratação direta ilegal e lavagem de dinheiro. A Unha e Carne está no âmbito da Força-Tarefa Missão Redentor II, iniciativa coordenada pela PF por determinação do Supremo Tribunal Federal dentro da ADPF das



Campanha. Márcio Canella (União) e Cláudio Castro (PL) com Flávio Bolsonaro: a aposta do presidenciável para o palanque do Rio na eleição de outubro



FABIANO ROCHA

LUCAS TAVARES/04-04-2023

Investigação.
Policiais federais chegam à sede da corporação, na Praça Mauá, com material apreendido; e o ex-secretário de Polícia Civil Marcus Amim, citado na sexta fase da Operação Unha e Carne

Aliados dizem que opção é candidatura à Câmara dos Deputados

> A prisão de Márcio Canella (União Brasil) provocou um novo abalo na montagem do palanque do senador e presidenciável Flávio Bolsonaro (PL-RJ) no Rio. Apontado pela federação União Brasil-PP como candidato ao Senado com o aval de Flávio, Canella tornou-se o segundo nome da chapa atingido por uma investigação da PF em menos de dois meses. Nos bastidores, dirigentes do PL afirmam que a federação deve recuar da indicação e apresentar um substituto.

> A avaliação entre aliados do presidenciável é que a permanência de Canella ficou politicamente insustentável. Embora a decisão caiba à federação, interlocutores de Flávio afirmam que insistir na candidatura significaria impor mais um desgaste a uma chapa que já passou por sucessivas mudanças.

> Integrantes do PL, ouvidos sob reserva, acreditam que o ex-prefeito deve reavaliar os planos e disputar uma vaga na Câmara dos Deputados. Procurado, Canella não se manifestou.

> A nova crise ocorre justamente quando Flávio ainda não conseguiu resolver a vaga deixada por Cláudio Castro (PL), que desistiu da candidatura. O presidenciável pretendia anunciar na última sexta-feira o novo candidato do partido ao Senado, mas adiou a decisão. Segundo interlocutores, a definição segue entre os nomes do senador Carlos Portinho (PL-RJ) e do deputado Carlos Jordy (PL-RJ), com vantagem, hoje, para Portinho. (Luís Marzullo, de Brasília)

Favelas, a ADPF 365.

Principal alvo da ação de ontem, Canella é do União Brasil, mesmo partido de Bacellar, preso na primeira fase da Unha e Carne. Ele deixou a prefeitura de Belford Roxo este ano para concorrer ao Senado, com o apoio do pré-candidato à Presidência Flávio Bolsonaro. Na disputa pela Prefeitura de Belford Roxo, em 2024, Canella foi flagrado com uma arma de fogo na cintura durante um evento de campanha. O registro foi feito em um vídeo que viralizou nas redes sociais. O mandato dele à frente da Prefeitura de Belford Roxo foi marca-

do pelo discurso voltado à segurança pública.

Já Marcus Amim ficou à frente da Polícia Civil entre 2023 e 2024. Nos bastidores, sua indicação ao cargo é atribuída a Bacellar e Canella. Para que ele pudesse assumir a secretaria inicialmente, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) precisou alterar uma lei, já que ele não possuía o tempo de carreira exigido. Antes, Amim esteve na presidência do Detran-RJ e levou vários policiais para o órgão. Pablo Jukiá Felix Ferreira, citado nessa fase da Unha e Carne, era um deles. Em setembro de

2024, o então governador Cláudio Castro exonerou Amim porque estaria “descontente” com o trabalho dele na Secretaria de Polícia Civil. Uma semana depois o delegado já estava na Alerj, onde ficou como chefe da segurança até dezembro do ano passado. Segundo o Jornal Nacional, as investigações apontam que Amim seria dono de duas lojas de conveniência em postos de combustíveis.

BONDE DA MILÍCIA

Conhecido como Pablo Russo, Pablo Jukiá Felix Ferreira integrou a equipe de Marcus Amim em diversas

delegacias. Hoje ele está lotado na 81ª DP (Itaipu). O rendimento líquido de quase R\$ 10 mil por mês do policial chamou a atenção da PF porque um levantamento apontou o agente como proprietário oculto de uma rede de postos de gasolina, que envolveria 80 empresas em nome de laranjas.

Outro investigado é o ex-PM Juracy Alves Prudêncio, conhecido como Jura, acusado de chefiar um grupo de milicianos na Baixada Fluminense. Preso em 2009 por associação criminosa e homicídio, ele foi condenado a mais de 20 anos de pri-

são. Acusado de chefiar o Bonde do Jura, citado no relatório da CPI das Milícias (2008), o ex-policial apareceu em fotos de campanha ao lado de Daniela Carneiro, a Daniela do Waguinho, e de Canella, no período eleitoral de 2018, quando estava em regime semiaberto. Jura foi excluído da Polícia Militar em 2011.

Procuradas, as defesas de Canella, Amim, Russo e Juracy não deram retorno ou não foram localizadas. A Corregedoria-Geral da Polícia Civil informou que instaurou uma investigação para apurar os fatos.

DA ZARGUN À UNHA E CARNE: DEZ MESES NO RASTRO DA CORRUPÇÃO

03/09/2025

Foi quando tudo começou. A Operação Zargun, da Polícia Federal, resultou na prisão do deputado estadual Thiago Raimundo dos Santos Silva, o TH Jóias. As investigações apontavam o ex-parlamentar como sendo o elo político entre o Comando Vermelho e o Poder Legislativo.

03/12/2025

Desdobramento da Zargun, a Operação Unha e Carne começa com a prisão do então presidente da Alerj, Rodrigo Bacellar, solto dias depois por decisão de seus colegas na Assembleia. Segundo a PF, Bacellar repassou a TH informações sobre a operação em que acabaria preso.

16/12/2025

O alvo dessa vez foi o desembargador Macário Júdice Neto, relator do caso TH Jóias no Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF-2). Ele também foi preso. A PF encontrou no celular de Bacellar troca de mensagens dele com o magistrado, suspeito de passar detalhes da operação contra TH.

27/03/2026

Bacellar é preso novamente na terceira fase da Unha e Carne. Ele estava em Teresópolis. O mandato foi expedido pelo ministro do STF Alexandre de Moraes. Na decisão, o ministro citava a perda do mandato parlamentar e apontava indícios de atuação dele para atraparar as investigações.

06/05/2026

A quarta fase resultou na prisão do deputado estadual Thiago Rangel. Ele e mais seis pessoas são acusados de atuar em organização criminosa envolvida em fraudes na compra de materiais e na contratação de serviços, inclusive de reformas, na Secretaria estadual de Educação.

02/07/2026

A operação partiu de uma lista de propina apreendida na cabeceira do bicheiro Adilson Oliveira Coutinho Filho, o Adilsinho, com ao menos 20 nomes, inclusive de políticos. Na ação, foi preso o pastor Márcio Poncio. O ex-deputado federal Marco Antônio Cabral foi alvo de buscas e apreensão.

07/07/2026

Agentes da PF foram às ruas ontem para desarticular organização criminosa suspeita de usar postos de gasolina para lavar dinheiro. Apontado como braço político do grupo, Márcio Canella, ex-prefeito de Belford Roxo e pré-candidato ao Senado, acabou preso por porte ilegal de arma.

Leitores



ACERVO
Pesquise notícias antigas do GLOBO
Site contém todas as edições digitalizadas desde a primeira, em 29 de julho de 1925



PARA
ACESSAR
APONTE
O CELULAR
PARA
O QR CODE

MENSAGENS CARTAS@OGLOBO.COM.BR

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores. O GLOBO, Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br

Não tem preço

Alô, Trump “VAR”: ver a América arrogante ser dispensada da Copa não tem preço. “Pra tudo o mais”... existe Pix.

PAULO M. B. DE ARAÚJO
RIO

Foi bonito de se ver: o mundo inteiro torcendo pela Bélgica.

EVANDRO PAGY
RIO

Não seria nesse jogo que os deuses do futebol, em seu imenso senso de justiça, abandonariam a Bélgica. A Comissão dos Deuses para Assuntos de Tapetão, formada por Pelé, Di Stéfano, Maradona, Nilton Santos e tantos outros, decretou: “Faça-se justiça ao futebol!”.

MARCUS AURELIO DE CARVALHO SANTOS, SP

Vaso de Trump

Não surpreendeu o cancelamento do cartão vermelho do atacante estadunidense. A Fifa deve ser deixada a apodrecer, e nada mais natural tornar-se um vaso sanitário de Trump. Faltava em sua cúpula um tipo como Infantino, melífluo, untuoso, um trapo de soleira onde se limpam os sapatos sujos. O fato de fazer qualquer negócio com o futebol ainda levava uma demão de verniz, Havelange, Blatter, com vírus anexos em continentes e federações. Indispensável atualizar, ajustar a Fifa à nova correlação de forças geopolítica. O trumpismo, afinal, exige um Infantino.

ANTÔNIO MÁXIMO
RIO

Abismo abaixo

A eliminação da seleção na Copa não foi suficiente para se erradicar de vez a soberba dominante na torcida e na mídia esportiva brasileiras. A verdade é que há muito tempo não somos mais os melhores. Os outros evoluíram, e é preciso reconhecer isso.

ARMANDO FRAGA MOREIRA
RIO

Patético

Se Neymar fosse um líder positivo, ao marcar o gol de pênalti, ato contínuo, pegaria a bola no fundo da rede e a colocaria no centro do campo, conclamando os companheiros a pressionar a saída de bola da Noruega. Em vez disso, foi gastar o pouco tempo que restava discutindo com o goleiro adversário. Ao final poderia ter uma palavra de estímulo para os jogadores mais novos, mas foram eles que foram consolá-lo. Patético. E ainda teve gente que se vangloriou de ser responsável por sua convocação...

RICARDO VILLA-FORTE
RIO

Superfantástico

Assisti ao jogo da Argentina contra o Egito. Estou torcendo sempre pelos times africanos, mas desta vez torci por nosso vizinho em homenagem a Messi em sua última Copa do Mundo. Foi emocionante! Que virada! Bravíssimo, Messi! Lavou a minha alma. E fiquei triste em ver Cristiano Ronaldo não realizar o mesmo sonho.

JANE ARAÚJO
BRASILIA, DF

Cheirinho de tetra

O sonho virou pesadelo, perdemos a Copa e voltamos para casa. Pior é saber que a Argentina passou de fase e está mais perto da taça. Enquanto somos hexa em passar vergonha, os *hermanos*, para nosso desespero podem virar tetra.

MAURICIO COSTA
NITERÓI, RJ

Precisa lembrar, Zé?

8 de julho, a derrota da seleção brasileira para a Alemanha por 7 a 1, na Copa do Mundo, completa 12 anos. Dia triste para a nação!

JOSÉ RIBAMAR PINHEIRO FILHO
BRASILIA, DF

Desumano

O STJ vem dando ganho de causa ao consumidor no caso dos planos de saúde chamados de falso coletivo, pois os contratos são individuais, por adesão (imposto ao consumidor) e às vezes engloba famílias de duas, três pessoas. Nos últimos anos, esses planos — todos eles — vêm aplicando reajustes de 14% a 25% ao ano, muitas vezes acima do IPCA e dos reajustes salariais. É desumano! Enquanto pessoas não aguentam pagar esses planos, muitos deles têm lucros

bilionários. É necessário que a ANS efetivamente atue, em especial nesse segmento, pois parece não haver vontade política de realmente fiscalizar e regular o setor. Mais uma agência reguladora que não funciona, e o cidadão paga duas vezes: o imposto que paga para que atuem e os reajustes que sofrem pela sua não atuação. É assunto mais que prioritário para o MP, a Justiça e o Congresso.

ELIO S. SANTOS
BRASILIA, DF

Legado de Benedito

A morte de Benedito Ruy Barbosa encerra um capítulo luminoso da dramaturgia brasileira, mas eterniza um legado que continuará vivo na memória nacional. Poucos autores conseguiram retratar com tanta sensibilidade a alma do Brasil profundo, seus campos, rios, sertões e personagens anônimos transformados em protagonistas da própria história. Suas novelas ultrapassaram o entretenimento para se tornarem verdadeiros retratos da identidade brasileira. Em obras como “Pantanal”, “Renascer”, “O rei do gado” e “Terra nostra”, Benedito revelou um país real, distante dos centros urbanos, mas rico em cultura, tradição e humanidade. Sua escrita combinava poesia, crítica social e profundo conhecimento das raízes do povo brasileiro. Foi um contador de histórias que compreendeu como poucos os sonhos, as dores e as esperanças do homem comum. Sua partida deixa saudade, mas sua obra permanece como patrimônio cultural do Brasil. Benedito Ruy Barbosa não escreveu apenas

novelas: escreveu páginas inesquecíveis da memória afetiva de várias gerações.

JOSÉ FLÁVIO SILVA
SÃO LUÍS, MA

Trilhos esquecidos

Reclamações de todos os lados. Ônibus velhos, sem conforto, que trafegam em ruas esburacadas e, sobretudo, abarrotadas de carros. E eu fico perguntando por que os governos não priorizam transporte ferroviário? Mais rápidos, confortáveis, menos poluentes e proporcionariam uma melhoria enorme na vida dos trabalhadores. Incentivam a indústria automotiva, mas esquecem das ferrovias. Gostaria de saber o porquê.

HENRIETTE GRANJA
RIO

Princesinha fede

A construção recente de diversos hotéis em Copacabana, sem a devida análise de infraestrutura, principalmente as redes de esgoto, fez com que diversas ruas, principalmente a Xavier da Silveira, tenham esgoto transbordando, a céu aberto, diariamente, espantando turistas e incomodando moradores.

EDSON RODRIGUES DA SILVEIRA Fº
RIO

É de chorar

Depois de decretar “tolerância zero” à exploração das áreas públicas na orla, o prefeito do Rio, Eduardo Cavalière, deveria voltar sua atenção para o Centro. Incentivos fiscais e investimentos públicos vultosos, como a implantação do VLT,

ainda não surtiram o efeito desejado. É de chorar o estado do Largo da Carioca e da Avenida Rio Branco entre o Edifício Avenida Central e a Avenida Almirante Barroso. Sem mencionar as centenas ou milhares de lojas fechadas nas ruas Senador Dantas, Treze de Maio, Uruguaiana, Sete de Setembro e tantas outras. Não seria má ideia a prefeitura mediar um acordo entre proprietários de lojas e camelôs para que estes ocupassem tantos imóveis vazios. A propósito, está parado na Câmara Municipal o projeto de lei que cria uma zona franca de tributos municipais para as lojas de rua no Centro e na Lapa.

MAURO C. BANDEIRA DE MELLO
RIO

Os rotos reclamões

Curiosa a notícia de que comerciantes estão reclamando da “desordem” nas praias. Depois de ocupar as calçadas com mesas e cadeiras, depois de promover barulhos ensurdecedores com sua “música” ao vivo a céu aberto, resolveram se preocupar com a desordem, mas só a dos outros. A deles não tem problema. É fato que há uma diferença formal entre o que é autorizado pela prefeitura (caso de muitos bares) e o que não é (situação da praia). Mas a ideia subjacente é a mesma: não há respeito ao espaço público nesta cidade. Fato é que bares e restaurantes criaram o precedente de ocupação irregular (ainda que “legalizada”). Reclamar da ocupação das praias, nesse caso, é um escárnio. Organizem a casa primeiro e talvez possamos construir uma cidade com menos caos.

HELOISA BAUZER MEDEIROS
RIO

APLICATIVO O GLOBO

O app oferece funções que facilitam a navegação, além de unir todo o conteúdo on-line e impresso. Baixe agora ou atualize o aplicativo disponível na **Apple Store** e no **Google Play**

Menu de navegação



Como navegar
A tela inicial destaca o conteúdo on-line que pode ser atualizado

Em Biblioteca,
as matérias salvas do aplicativo ficam guardadas

Em Banca,
o leitor pode baixar a edição impressa em duas versões: jornal e texto

Em Editorias,
o leitor consegue acessar suas seções preferidas

Ao clicar
no símbolo, o leitor pode salvar uma matéria para leitura posterior

O time de
colunistas do GLOBO está reunido em um único lugar no app

NEWSLETTERS



Política, economia, cultura, saúde, diversão: escolha os temas de sua preferência e inscreva-se em oglobo.globo.com/newsletter para receber uma seleção de conteúdo em sua caixa de e-mail

EXCLUSIVAS
Só os assinantes têm acesso a “Dois Minutos – Tarde” (um resumo do noticiário mais quente do dia) e “Clube O Globo” (que destaca ofertas e benefícios)

HÁ 50 ANOS

Flu bate o Vasco e é líder junto com Botafogo
8/7/1976



EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

Clube O GLOBO

CONSULTE CONDIÇÕES DA OFERTA NO SITE CLUBE.OGLOBO.COM.BR

Sabores inovadores e drinks deliciosos

Em Icarai, Tijuca, Copacabana, Botafogo e São Francisco, a Broto Pizza oferece ambiente agradável, cardápio diferenciado quando o assunto é pizzas deliciosas e drinks criativos. Assinantes têm 15% de desconto.



Skincare feita para as peles brasileiras

A Riô SkinLab é especializada em dermocosméticos de vanguarda, desenvolvidos especialmente para as peles brasileiras, e quem é do Clube aproveita 12% OFF nos produtos na loja on-line. Descubra mais detalhes no site.



POR CLÁUDIA FERNANDES
claudia.fernandes@edglobo.com.br

LOTERIAS

LOTOFÁCIL (concurso 3.729): 1. 2. 3. 5. 6. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 18. 20. 21. 22. **QUINA** (concurso 7.059): 27. 47. 57. 70. 78. **MEGA-SENA** (concurso 3.028): 2. 10. 11. 25. 51. 56

O leitor deve checar os resultados também em agências oficiais e no site da CEF porque, com os horários de fechamento do jornal, os números aqui publicados, divulgados sempre no fim da noite pela CEF, podem eventualmente estar defasados.



Tempo

TEMPERATURA >

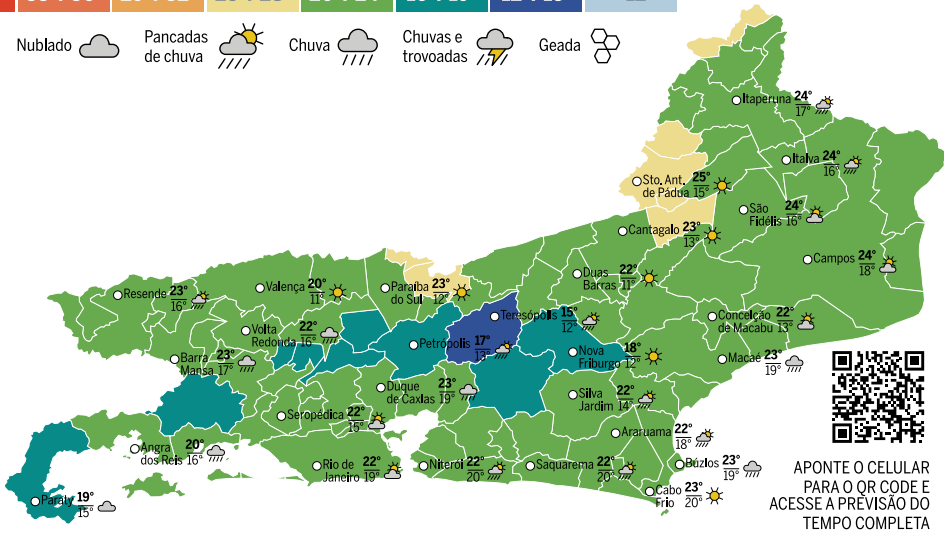
> 40°37°/40°33°/36°29°/32°25°/28°20°/24°16°/19°12°/15°< 12°

PREVISÃO >

SolNublado parcialm.NubladoPancadas de chuvaChuvaChuvvas e trovoadasGeada

Rio de Janeiro CAPITAL

HOJE		19° MIN. 22° MÁX.	0.00mm PRECIPITAÇÃO	10 Km/h VENTO
AMANHÃ		16° MIN. 21° MÁX.	0.00mm PRECIPITAÇÃO	5 Km/h VENTO
SEXTA		16° MIN. 25° MÁX.	0.00mm PRECIPITAÇÃO	5 Km/h VENTO
SÁBADO		18° MIN. 24° MÁX.	0.00mm PRECIPITAÇÃO	6 Km/h VENTO



CAPITAIS	MIN.	MÁX.	CAPITAIS	MIN.	MÁX.
ARACAJU		22°/28°	MACEIÓ		22°/28°
BELÉM		25°/33°	MANAUS		26°/33°
BELO HORIZONTE		15°/26°	NATAL		24°/28°
BOA VISTA		24°/30°	PALMAS		22°/36°
BRASÍLIA		19°/28°	PORTO ALEGRE		5°/19°
CAMPO GRANDE		16°/27°	PORTO VELHO		22°/31°
CUIABÁ		19°/31°	RECIFE		25°/28°
CURITIBA		9°/20°	RIO BRANCO		20°/31°
FLORIANÓPOLIS		10°/19°	SALVADOR		23°/29°
FORTALEZA		27°/30°	SÃO LUÍS		27°/31°
GOIÂNIA		17°/30°	SÃO PAULO		15°/23°
JOÃO PESSOA		23°/29°	TERESINA		25°/35°
MACAPÁ		26°/32°	VITÓRIA		21°/25°

FIELDPRO

Justiça suspende comissão criada pela Alerj

Colegiado foi implementado pelos deputados para analisar gastos na administração estadual após governo iniciar auditorias para exonerar funcionários comissionados fantasmas. Ministério Público opinou contra a liminar

CARMÉLIO DIAS E MADSON GAMA
granderio@oglobo.com.br

A Justiça do Rio suspendeu, em decisão liminar, os trabalhos da Comissão Especial para Contenção dos Gastos do Estado, criada pela Assembleia Legislativa do Rio (Alerj). A medida foi determinada pela juíza Caroline Rossy Brandão Fonseca, da 4ª Vara da Fazenda Pública da Capital, no âmbito de uma ação popular movida pelo advogado Felipe Vieira Avellar.

O Ministério Público havia se manifestado contra a concessão da liminar, argumentando que seriam necessários mais elementos e maior produção de provas antes de uma intervenção

judicial sobre ato do Legislativo. A magistrada, contudo, entendeu que os documentos apresentados são suficientes para demonstrar, em análise preliminar, o risco de continuidade dos efeitos da comissão durante a tramitação do processo.

‘SEM DELIMITAÇÃO OBJETIVA’

Na decisão, a magistrada concluiu que há vícios na criação da comissão. Segundo a juíza, o colegiado foi criado com uma finalidade excessivamente ampla e sem delimitação objetiva suficiente para justificar sua existência como órgão temporário de fiscalização.

A comissão tem como objetivo acompanhar gastos públicos, execução orça-

mentária, despesas com pessoal, créditos adicionais e a sustentabilidade fiscal do estado. Embora tenha ressaltado que a fiscalização dos gastos públicos é uma atribuição do Poder Legislativo, a juíza entendeu que há plausibilidade na tese de que a comissão possa ter se transformado em uma estrutura paralela aos instrumentos permanentes de controle já existentes, como a Comissão de Orçamento, Finanças e Tributação da própria Assembleia e o Tribunal de Contas do Estado (TCE-RJ).

De acordo com os autos, o colegiado passou a expedir requisições de documentos e informações envolvendo diversos órgãos estaduais e

abrangendo um período de até cinco anos, além de realizar convocações para esclarecimentos sobre a gestão financeira do estado.

NADA DE REQUISIÇÕES

Ao conceder a liminar, a magistrada suspendeu os efeitos do requerimento que criou a comissão, determinou a paralisação imediata de seus trabalhos e proibiu a prática de novos atos vinculados ao colegiado, incluindo requisições de documentos, pedidos de informações e convocações, até o julgamento final da ação que ainda não tem data.

A comissão na Alerj foi criada após o governador em exercício, Ricardo Couto, iniciar uma devassa em

diferentes órgãos estaduais, exonerando comissionados indicados por políticos. Ontem os deputados do grupo sabatinaram representantes da Controladoria-Geral do Estado, que tem feito auditorias nos quadros de pessoal em busca de irregularidades. O relator da comissão, deputado Alan Lopes (PL), questionou o fato de os ganhos dos procuradores não estarem disponíveis:

— Não há procurador que ganhe menos de R\$ 55 mil. Vou cobrar providências sobre aqueles que não entregam a declaração de bens. É inadmissível que nós não possamos saber de um órgão que faz parte do Executivo a evolução patrimonial dos procuradores — disse o

deputado, antes de criticar as exonerações de comissionados feita por Ricardo Couto. — Bater na política é fácil. Usar a não utilização do acesso ao Sistema Eletrônico de Informações (SEI) para dizer que esses cargos são fantasmas é de uma leviandade tremenda. Aqui não tem vagabundo, não. As exonerações economizaram R\$ 230 milhões. Isso não é nada.

Na reforma administrativa que está implementando, Ricardo Couto levou para cargos-chave no governo três procuradores do estado. Desde março, foram exonerados mais de quatro mil comissionados, a maioria considerada fantasma.

Motoristas e empresários de ônibus não entram em acordo

TRT faz segunda-feira audiência para tentar conciliação e evitar nova greve

MARCOS NUNES
jnunes@extra.inf.br

O impasse entre motoristas e empresários de ônibus continua. O Sindicato dos Rodoviários do Município do Rio decidiu, em assembleia realizada ontem, rejeitar a contraproposta de aumento de 4,5% oferecida pelo Sindicato das Empresas de Ônibus (Rio Ônibus) e manteve o estado de greve. A categoria optou ainda por reduzir o percentual de reajuste exigido: de 17% para 12%. Na próxima segunda-feira, os dois lados participam da quarta audiência no Tribunal Regional do Trabalho (TRT) para tentar um acordo e evitar uma nova paralisação.

— É uma sinalização da categoria de que não tem radicalização da nossa parte — disse Sebastião José, presidente do Sindicato dos Rodoviários, sobre a nova proposta.

Atendendo a uma solicitação do TRT, o resultado da assembleia seria enviado ainda ontem por ofício ao tribunal e também ao Rio Ônibus.

DIFERENÇA DE 0,11%

Os empresários apresentaram o índice de 4,5% na reunião da última segunda-feira no TRT. Inicialmente, haviam oferecido 4,39%.

A expectativa é que o Rio Ônibus apresente na próxima audiência uma nova proposta que se aproxime dos 5% concedidos aos motoristas dos

municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. As reivindicações dos rodoviários do Rio incluem, ainda, piso salarial de R\$ 4 mil, para condutores de ônibus regulares, e R\$ 5 mil para motoristas do BRT.

Os trabalhadores cruzaram os braços no dia 29 de junho, transformando a ida para o trabalho numa via-crúcis. Na última quinta-feira, dia 2, voltaram ao trabalho, mas não suspenderam o estado de greve.

Dolado do Rio Ônibus, a alegação é que a situação financeira das empresas é delicada, como deixou claro, na última segunda-feira, o presidente da entidade durante audiência de conciliação no TRT.



Flexibilidade. Motoristas decidem em assembleia reduzir o índice de reajuste exigido pela categoria: de 17% para 12%

— É importante mencionar que as coisas têm causa e efeito. Hoje estamos recebendo menos do que em 2023, entre receitas e subsídios — disse João Gouveia, presidente do sindicato.

Já a prefeitura informou que este ano, até 15 de maio, repassou R\$ 261,6 milhões

em subsídios às empresas.

No meio dessa contenda está a população que utiliza o transporte. Como O GLOBO mostrou ontem, nas zonas Norte, Oeste e Sudoeste, passageiros ainda enfrentam viagens em veículos barulhentos, sujos e lotados. No entanto, 102 novos veículos

com sistema de climatização foram comprados este ano pela prefeitura e começaram a circular em abril. Dados da Secretaria municipal de Transportes mostram que 4,74% das viagens realizadas na cidade continuam sendo feitas por ônibus sem ar-condicionado.

IMAGENS QUE EMOLDURAM SENTIMENTOS.

Aponte a câmera do celular no Qr-Code e conheça nossas opções de molduras para avisos fúnebres e religiosos ou acesse anunciosreligiosos.oglobo.com.br

Anuncie agora via WhatsApp ou Telegram

2534-4333 de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h

Plantão 2534-5501 | Sábados, das 10h às 17h

Domingos e Feriados, das 16h às 19h

O GLOBO

O GLOBO

PREÇOS PARA AVISOS RELIGIOSOS E FÚNEBRES

		DIA ÚTIL	DOMINGO
LARGURA	ALTURA	R\$	R\$
1 col. (4,6 cm)	3 cm	R\$ 2.130,00	R\$ 2.889,00
1 col. (4,6 cm)	4 cm	R\$ 2.840,00	R\$ 3.852,00
1 col. (4,6 cm)	5 cm	R\$ 3.550,00	R\$ 4.815,00
2 col. (9,6 cm)	3 cm	R\$ 4.260,00	R\$ 5.778,00
2 col. (9,6 cm)	4 cm	R\$ 5.680,00	R\$ 7.704,00
2 col. (9,6 cm)	5 cm	R\$ 7.100,00	R\$ 9.630,00
2 col. (9,6 cm)	7 cm	R\$ 9.940,00	R\$ 13.482,00
2 col. (9,6 cm)	8 cm	R\$ 11.360,00	R\$ 15.408,00
3 col. (14,6 cm)	4 cm	R\$ 8.520,00	R\$ 11.556,00
3 col. (14,6 cm)	6 cm	R\$ 12.780,00	R\$ 17.334,00
3 col. (14,6 cm)	7 cm	R\$ 14.910,00	R\$ 20.223,00
3 col. (14,6 cm)	10 cm	R\$ 21.300,00	R\$ 28.890,00

• Para outros formatos consulte: (21) 2534-4333, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h.

• Plantão: Classifone@oglobo.com.br

Sábado: das 10h às 17h / Domingo e feriados: das 16h às 19h.

LEO
AVERSA



oglobo.globo.com/rio/leo-aversa
leo@leoaversa.com

Os pênaltis e a autoestima masculina

Pousar um Boeing numa situação de emergência? É pra já! Se eu estivesse num voo, desse um piripaque nos pilotos e a comissária de bordo perguntasse aos passageiros quem daria conta da aterrissagem, mandaria um “xácomigo!” de bate-pronto. Já descrevi aqui a minha decepção ao des-

cobrir, numa pesquisa nos Estados Unidos, que isso é apenas uma fantasia da minha vaidade. Provavelmente eu iria espatifar a aeronave no chão. Não é coisa minha: 60% dos homens consideram que dariam conta do recado. Ou seja, é um capricho típico da delirante autoestima masculina. A realidade acabou com mais uma das minhas ilusões. Sem problema: de onde veio essa, tem mais. O jogador vai bater um pênalti decisivo na Copa do Mundo. Aquela tensão no ar, a combinação entre Copa e pênaltis é sinistra. O juiz autoriza, o jogador toma distância, corre para a bola e chuta. Meia altura, do lado direito. O goleiro adivinha o canto e defende. “Seu burro!” grito em frente à televisão. “É óbvio que pênalti não se bate assim, animal!”, continuo. “Chuta no alto, no ângulo! Ali o goleiro não vai pegar nunca!” Continuo xingando e reclamando por horas. Em outro jogo, outro pênalti: desta vez o cobrador toma uma grande distância. Ele corre e chuta alto, no canto. Indefensável, segundo minha teoria. Porém, o goleiro adversário só observa a bola indo lá na arquibancada.

“Seu idiota!” grito outra vez. “Como você era um chute desses!”, acrescento. “Devia ter acertado no meio, para pegar o goleiro no contrapé!” Mostro como seria, chutando uma bola imaginária para uma plateia inexistente. “Esses caras não sabem nada”, concluo. “Se fosse eu lá, o país ainda estaria na Copa” Nunca joguei num campo de futebol com grama. Não faço ideia do tamanho de um gol oficial. Bola padrão Fifa? Só na vitrine. Pressão da torcida? Nem tchuns. Campeonato? Torneio? Pelada entre casados x solteiros? Jamais. Disputa de pênaltis? Só no totó, ali na Escola de Comunicação da UFRJ, décadas atrás. Provavelmente perdi. De onde surgem tantas certezas em frente à televisão? As leitoras certamente têm uma hipótese. Os leitores preferem não falar do assunto. Sim, trata-se da inabalável vaidade dos homens, nossa velha conhecida. É ela que faz qualquer homem, tipo eu, achar

que, entre outras coisas, acertaria um pênalti numa Copa do Mundo. Não importa se na frente dele estivessem Neuer, Vozinha ou mesmo Nyland, da Noruega. Não só acertaria, como o faria com estilo único, espetacular, uma mistura fina de malandragem e eficiência. Algo para entrar na história mundial. Quicá universal. O mais curioso é que independe da idade ou talento. Do garoto desajeitado de 9 anos ao vovô estropiado de 90, todos acham que resolveriam a parada. De onde vem isso? Sei lá, talvez da falta de autocritica, talvez do excesso de Nescau. Quem sabe daquele hábito que tínhamos quando garotos, de conduzir a bola com os pés ao mesmo tempo que fazíamos “uá, uá, uá” com a boca, imitando a suposta vibração de uma torcida que só existia na nossa cabeça? Aquele pênalti perdido pelo Bruno Guimarães na eliminação do Brasil? Se fosse eu, a história seria outra. Não é com força, é com jeito, teorizo enquanto imagino o júbilo dos torcedores. Ainda mais quando souberem que só cheguei a tempo porque consegui pousar um 747 desgovernado. Uá, uá, uá. Já escuto daqui.

‘Tolerância Zero’ para a desordem na orla da Zona Sul

Projeto de ordenamento do comércio ambulante à beira-mar prevê fiscalização 24 horas e outras ações a partir do dia 16

JÔNATAS LEVI E JOZIANE BARBOSA*
granderio@oglobo.com.br

Uma nova estratégia de ordenamento do comércio ambulante na orla do Rio foi anunciada ontem. Não se trata de operação pontual, mas de política permanente de “tolerância zero”, segundo o prefeito Eduardo Cavaliere. A partir do próximo dia 16, haverá fiscalização no trecho entre o Leme e o Leblon, passando por Copacabana, Ipanema e Arpoador. Com atuação 24 horas por dia, serão implementados patrulhamento ostensivo, pontos de controle de acesso, ações preventivas, apreensão de mercadorias sem comprovação de origem e combate aos depósitos clandestinos. A medida surge em meio a reclamações sobre a desordem à beira-mar. Um cenário caótico, que inclui caixas de som nas alturas de madrugada, ocupação irregular do calçadão e comércio ilegal, foi retratado em uma série de reportagens do GLOBO. —Será uma política continuada de Tolerância Zero. Não será uma operação. O objetivo é ocupar permanentemente esses espaços para impedir que a irregularidade volte a acontecer — afirma o prefeito.

ILEGALIDADES EM SÉRIE
No último domingo, O GLOBO revelou que desmoronou o “pacto de não agressão” entre o Terceiro Comando Puro (TCP) e o Comando Vermelho (CV) no calçadão e na faixa de areia de Leme e Copacabana. O cartão-postal virou palco de brigas, perseguições, revistas em celulares e até homens armados. Em jogo, o lucro com a venda de drogas e a exploração do comércio ambulante. —A gente tem efetivo relevante de guardas municipais, mas nós estamos falando aqui de enfrentamento ao crime organizado em um dos

seus braços econômicos — explica Eduardo Cavaliere. Informações da prefeitura apontam para a existência de 22 depósitos clandestinos. Segundo o levantamento, essa estrutura movimentava cerca de R\$ 100 milhões por ano. A administração municipal estima ainda que existam mil pontos de venda ilegais entre o Leme e o Leblon — e que cerca de 20% dos ambulantes irregulares identificados são estrangeiros. — O estrangeiro em situação irregular muitas vezes evita procurar as autoridades, o que cria uma oportunidade para exploração — diz o secretário estadual de Segurança Pública, Victor Santos, também presente ao lançamento do programa. — A prefeitura está anunciando com antecedência justamente para dar oportunidade de regularização a quem quer trabalhar dentro da lei. Depois do início da fiscalização, a tolerância será zero — acrescenta.

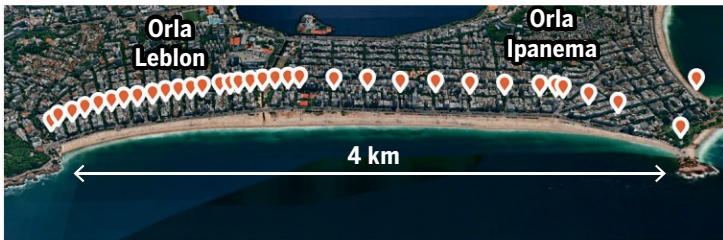
IMÓVEIS DESAPROPRIADOS
Ao todo, 138 agentes da Secretaria municipal de Ordem Pública (Seop) atuarão em duplas, em turnos de 12 horas, para garantir a fiscalização permanente. Segundo a prefeitura, a principal missão das equipes será impedir a instalação de carrinhos, estruturas improvisadas e o abastecimento de mercadorias destinadas ao comércio clandestino. Para a execução do plano, a orla terá 69 pontos de monitoramento. Cada dupla de agentes ficará responsável por um perímetro específico, controlando os acessos ao calçadão. No Leme e em Copacabana, haverá 30 pontos, distribuídos por locais como a Avenida Princesa Isabel, a Rua Miguel Lemos e a Praça do Lido. Ipanema contará com 21 pontos, o Leblon, com 15, e o Arpoador, com três. Como parte da nova estratégia, a prefeitura publicou ontem um decreto de desa-



Espaço tomado. Ocupação irregular do calçadão de Copacabana gerou reclamações, foi abordada em reportagens do GLOBO e levou à criação de programa da prefeitura

Veja como será o programa

-  **Fiscalização**
24 horas por dia
-  **69 pontos**
de fiscalização/controle de acesso distribuídos ao longo da orla
-  **8,5 quilômetros de extensão**
do Leme ao Leblon, incluindo Copacabana, Arpoador e Ipanema
-  **138 agentes**
da Secretaria municipal de Ordem Pública, atuando em duplas e em turnos de 12 horas



propriação de dois imóveis que estão desocupados e passarão a funcionar como depósitos públicos para equipamentos e mercadorias de trabalhadores autorizados. Os endereços ficam

nas ruas Teixeira de Melo 95, em Ipanema, e Miguel Lemos 76, em Copacabana. — O que estamos fazendo hoje é mais do que apresentar um conjunto de ações da prefeitura. Estamos apresen-

tando uma abordagem para um problema que se consolidou ao longo dos últimos anos — resalta Cavaliere. Durante a apresentação do projeto, o secretário municipal de Ordem Pública, Marcus Belchior, listou atividades ilegais na orla: — Existe cobrança por pontos de venda, exploração de ambulantes, venda e aluguel clandestinos de pontos, mercadorias sem origem comprovada e logística própria de abastecimento. Estamos falando de uma organização estruturada — diz o secretário, que, além dos agentes empregados, vai contar com monitoramento por câmeras do Centro de Operações e Resiliência (COR), drones e troca de informações com as forças estaduais de segurança.

PLANOS PARA A CIDADE
A estratégia anunciada segue a linha de ações adotadas pela prefeitura em outros pontos da cidade. No início do ano, o município restringiu o acesso à Pedra do Arpoador entre 21h e 4h. Em maio, a prefeitura passou a utilizar drones para monitorar o entorno do Sarara e da Rua Uruguaiana, no Centro. E, na semana passada, anunciou um plano de ordenamento para a região da Escadaria Selarón, na Lapa. Anteontem, o presidente da Câmara Municipal, vereador Carlo Caiado, recebeu uma carta da Coopquiosque, associação que representa permissionários de quiosques. No do-

cumento, o grupo pede que as medidas previstas para a Zona Sul sejam estendidas à orla da Barra da Tijuca e do Recreio. Aos 60 anos, um vendedor, que não quis se identificar, carrega cerca de 200 biquínis para vender no calçadão de Ipanema. Sem aposentadoria, ela alega que sua única saída é vender as peças na praia, por R\$ 70 cada. — Comecei a vender biquínis quando tinha 38 anos, faz um tempinho, né? — brinca. — Já passei por muitas praias do Rio, e há cinco anos estou aqui em Ipanema. Não sei o que vai ser de mim se tiver que parar. Ontem, além dos biquínis oferecidos pela vendedora, era possível encontrar carocinhas de bebidas, milho-verde, açaí e cangas na calçada. Entre comerciantes brasileiros, o senegalês Cherif Sow, de 66 anos, vende itens artesanais que ele mesmo produz. — Eu vendo pulseiras de couro, colares e esculturas de madeira e colares de pedras. Estou neste ponto desde 2013, quando cheguei ao Brasil — conta ele. O presidente da Associação dos Moradores de Copacabana, Tony Teixeira, diz que a promessa de fiscalização será fundamental para garantir a organização no bairro. — Os moradores estão bem felizes — garante. * *Estagiária sob a supervisão de Cláudia Meneses*

COPA 2026

EUA • MEX • CAN • 26

MESOPOTÂMICO



A wide-angle shot of a soccer match. A goalkeeper in a yellow kit is diving horizontally towards the left to reach a ball. Several players in white and red kits are positioned around the goal area. The stadium is filled with spectators.

 2 X 1  34', 2º T.
C. ROMERO

FARAÔNICO



A close-up action shot of Lionel Messi in his Argentina kit, celebrating a goal with his arms outstretched and a shout on his face. Other players are visible in the background.

 2 X 2  38', 2º T.
L. MESSI

BABILÔNICO!



A group of Argentina players celebrating a goal, huddled together on the field. A player in a green jersey is also visible in the group.

Em uma virada histórica e argentina, atuais campeões batem o Egito e seguem sonhando com o tetra

 2 X 3  47', 2º T.
E. FERNANDEZ

LEONARDO SIQUEIRA
leonardo.brito.rpa@edglobo.com.br

A té os 33 minutos do segundo tempo, o Egito venceu a Argentina por 2 a 0, e o último tango de Lionel Messi em Copas do Mundo parecia caminhar para seus passos finais em Atlanta. Mas o camisa 10 — que perdeu um pênalti na primeira etapa — se recusou a deixar a festa ainda nas oitavas de final. Com uma assistência para Romero e um gol, comandou uma reação épica no fim do jogo. Nos acréscimos, Enzo Fernández fez o gol decisivo para levar os argentinos às quartas, onde enfrentarão a Suíça.

Foram três gols em cerca de 13 minutos. Uma virada tão grande que arrancou lágrimas do maior artilheiro da história das Copas.

— Foi um alívio para todos. Eu estava muito bravo por ter perdido o pênalti. Senti que tinha decepcionado a equipe em um momento importante. É uma felicidade passar de fase, e pela forma como passamos — celebrou Messi. — Jogo duro, muito emocionante. Não é fácil levantar depois de um 2 a 0. Mas, como falo, esse grupo não vai

MESSI TRANSFORMA QUASE FIM EM MAIS UM CAPÍTULO HISTÓRICO

Após perder pênalti, camisa 10 comanda reação épica da Argentina sobre Egito e leva país às quartas da Copa do Mundo

baixar os braços nunca.

Depois de ter passado um sufoco contra Cabo Verde na segunda fase, o técnico Lionel Scaloni resolveu mexer na Argentina para encarar o Egito: sacou Medina, Almada e Lautaro para as entradas de Tagliafico, Paredes e Julián Álvarez. Com isso, reforçou o meio-campo e deu mais experiência ao time. Ele, no entanto, não esperava um novo roteiro tão dramático.

COMEÇO DO SONHO EGÍPCIO

Do outro lado, a seleção egípcia começou melhor a partida, pressionando alto, e foi recompensada com um gol aos 15 minutos. Após jogada trabalhada em cobrança de es-

canteio, o zagueiro Ibrahim, de cabeça, fez 1 a 0. Assim, a Argentina voltou a sair atrás do placar em uma Copa do Mundo pela primeira vez desde a eliminação para a França nas oitavas de 2018. Um desafio novo para “La Scaloneta”, que ganhou a chance de empatar quatro minutos depois, quando Hassan cometeu pênalti em Tagliafico.

Messi foi para a cobrança, mas, outra vez, perdeu. Foi seu quarto pênalti desperdiçado em Copas, o segundo nesta edição, ampliando a marca negativa de jogador com mais cobranças perdidas na história do torneio. Um banho de água fria nos argentinos, que até criaram

chances para marcar na primeira etapa, mas pararam em defesas importantes do goleiro Mostafa Shobeir.

A grande história da partida, porém, estava reservada para o segundo tempo. Com a Argentina pressionando em busca do empate, o Egito encaixou o contra-ataque, e Zico — nome em homenagem ao ídolo rubro-negro — balançou as redes. Contudo, para o alívio argentino, o gol foi anulado pelo VAR por uma falta em Lisandro Martínez na origem da jogada.

O Egito, porém, havia encontrado a “mina de ouro” do espaço para o contragolpe e, aos 22 minutos, Zico balançou novamente as redes —

OITAVAS DE FINAL



GOLS: 1T: Yasser Ibrahim, aos 15 minutos. 2T: Zico, aos 22 minutos; Christian Romero, aos 34 minutos; Messi, aos 38 minutos; Enzo Fernández, aos 47 minutos. **ÁRBITRO:** François Letexier (França). **CARTÕES AMARELOS:** Shobeir, Attia, Fathy e Hassan (Egito). **PÚBLICO:** 68.239 presentes. **LOCAL:** Atlanta, Estados Unidos.

desta vez, valeu. Com o resultado, a seleção africana caminhava para suas primeiras quartas de final de Copa na história, enquanto os atuais campeões caíam de forma precoce. Até que Messi decidiu colocar mais um capítulo em sua história em Mundiais.

A VIRADA IMPROVÁVEL

O camisa 10 não fazia um grande jogo, mas precisou apenas de quatro minutos para buscar o empate. Primeiro, aos 34, cruzou na medida para Romero diminuir. Depois, aos 38, aproveitou sobra na área e deixou tudo igual. Com os socos no ar de Pelé na comemoração e o sangue nos olhos de Maradona, Messi

marcou seu oitavo gol nesta Copa — superou os sete marcados em toda a campanha do título de 2022 — e ampliou a vantagem na liderança da artilharia histórica do torneio, agora com 21.

Quando a prorrogação já parecia definida, o Egito se lançou ao ataque e desperdiçou boa chance com Marmoushe. Em nova oportunidade, Salah perdeu a bola. Com o campo aberto, a Argentina armou o contra-ataque e Enzo Fernández, de cabeça, decretou a virada épica. Ao comemorar, apontou para o patch de atual campeão e mostrou que a Argentina segue viva em busca da taça.

Inconformado com a arbitragem, o Egito pediu um pênalti a seu favor na origem da jogada. O técnico Hossam Hassan discutiu com o árbitro e fez um X com os braços, sinal do protocolo da Fifa para denunciar racismo. O treinador, porém, não explicou o motivo do gesto.

— O que eu disse ao árbitro foi apenas que isso é injusto e que talvez ele tivesse um placar em mente. Talvez ele tenha algo a esconder. Quem tem algo a esconder às vezes falha — insinuou o técnico após o jogo.

JUSTIN SETTERFIELD / GETTY IMAGES VIA AFP



Emoção à flor da pele. Messi não conteve as lágrimas ao fim do jogo

A PERGUNTA DO MANSUR

COMO A ARGENTINA CONSEGUIU VIRAR UM JOGO PERDIDO?

CARLOS EDUARDO MANSUR
esporteglb@oglobo.com.br

A Argentina virou porque esta é a Copa do Mundo. Este é o torneio em que, mais facilmente, as estratégias e a lógica de uma partida dão lugar ao caos, a dinâmicas impensadas, a acontecimentos que flertam com o aleatório. Porque, ao contrário do futebol ordinário de cada semana, este é o campeonato onde mais habitualmente os planos, que seguem sendo importantes, são desafiados pelas emoções. E, na hora em que as emoções afloram, em que o jogo se transforma num conjunto de iniciativas quase pessoais, é comum que os grandes jogadores assumam o controle.

E a Argentina tem o maior de todos.

Os minutos finais deste Argentina x Egito são a Copa do Mundo em estado puro. Não há time mais apegado aos seus métodos, às suas cartilhas, do que este time argentino. É uma crença quase cega no que chamam de “la nuestra”, na aproximação, nos toques, nas progressões a partir do centro do campo. É, essencialmente, o time dos meio-campistas.

Mas foi quando as cartilhas foram rasgadas que o destino argentino no Mundial mudou. Quando Messi decidiu buscar um espaço na direita para tentar driblar ou cruzar na área, quando o time tinha um meia a menos e dois atacantes a mais,

quando o zagueiro Romero apareceu para tentar resolver no jogo aéreo, foi aí que saiu o primeiro gol. O menos argentino dos gols. Foi de novo com Messi na ponta, área cheia, defensor no ataque e disputas pelo alto, que o rebote se ofereceu ao camisa 10 para o 2 a 2.

E, como se tudo isso não bastasse, eis que um Argentina x Egito que chegou empatado aos acréscimos, num mata-mata de Copa do Mundo, acabou por ser decidido em um contra-ataque... da Argentina! O time que raramente recorre ao contragolpe, que não tem velocistas, que prefere a pausa, viu o Egito se adiantar e achou a corrida de Lautaro Martínez e o cruzamento para Enzo Fernán-

dez. Nada disso estava no roteiro de qualquer analista que previsse o jogo a partir de explicações racionais, táticas e estratégicas.

O que não significa que o jogo, antes disso, não tenha tido elementos para analisar, nem que estratégias e processos não importem. A Argentina tem em sua identidade uma enorme fortaleza, mas por vezes pode estar aí mesmo a sua vulnerabilidade, inclusive para o restante da Copa. Não há opções de velocidade, de dribles pelos lados, de quebra de ritmo — as que existem, como Nico González ou Simeone, ficam no banco, e Di María deixou uma lacuna difícil de preencher. O que convida adversários a povoar o centro do campo e contragolpear.

No primeiro tempo, o Egito decidiu dar um passo à frente e pressionar a Argentina. Abriu o placar, mas logo Messi recuou para auxiliar o início da construção, como um homem extra na saída de bola, e os argentinos criaram chances para ir ao intervalo ao menos com um gol — o mais claro, o pênalti perdido pelo camisa 10.

Na segunda parte, os africanos já marcavam atrás. Não é fácil evitar os intrincados circuitos de passe argentinos, mas o Egito conseguia, a ponto de gerar dois contra-ataques perigosos: um gol anulado e um gol que valeu, após grandes jogadas de Haissem Hassan, porque a Copa é o lugar em que o jogador do lanter-

na do Campeonato Espanhol quase elimina a campeã do mundo que, àquela altura, parecia sentenciada.

Scaloni já trocara um lateral por Nico González, um meia por Lautaro Martínez, e a Argentina rompia com suas próprias leis de jogo. Era mais ímpeto e coração do que cabeça. E não parecia próxima do gol, não tem facilidade de romper com sua ideia original. Mas Messi, que passa 90 minutos procurando um cantinho do campo onde possa ditar o rumo das coisas, encontrou a ponta direita. O resto é história.

Quer fazer uma pergunta? Envie para esporteglb@oglobo.com.br





Preciso. O goleiro suíço Kobel defende a cobrança do colombiano Cucho Hernandez

VITOR SETA
vitor.seta@extra.inf.br

A Colômbia escalou os Alpes, mas parou na hora de fincar a bandeira: a vaga nas quartas de final da Copa do Mundo ficou com a Suíça, que triunfou nos pênaltis (4 a 3) após empate em 0 a 0 ontem, em Vancouver, no Canadá. Com brilho do goleiro Gregor Kobel, do Borussia Dortmund, os suíços, que voltam às quartas de final depois de 72 anos, enfrentarão a Argentina no sábado, em Kansas City.

Na disputa de penalidades, Davinson Sánchez acertou o travessão e viu a bola bater caprichosamente em cima da linha na segunda cobrança colombiana. Akanji chutou por cima na terceira dos suíços, mas Kobel salvou logo depois, buscando a de Cucho Hernández. O meia Rubén Vargas converteu a penalidade decisiva.

— Eu não tinha muito o que pensar. É um momento de altos e baixos. Foi incrível olhar para os jogadores, a emoção que estava vindo dali. Você não vive isso em qualquer outro lugar. É algo maravilhoso — celebrou Kobel, emocionado com a classificação, em entrevista após a partida.

Ainda que a emoção tenha passado longe da maior parte dos 120 minutos de partida, os colombianos criaram as melhores chances. Uma das seleções com o maior volume de jogo desta Copa, os cafeteros pararam em Kobel e nas próprias tomadas de decisão ruins. O atacante Campaz ainda perdeu a melhor chance nos minutos finais da prorrogação.

Os suíços, que nesta edição de Mundial se mostram uma equipe mais completa e técnica, diferente dos ferrolhos defensivos caracte-

SUÍÇA FRUSTRA A COLÔMBIA E VOLTA ÀS QUARTAS

Kobel brilha para levar europeus à fase que não disputavam desde 1954; Argentina será a rival, no sábado

rísticos dos últimos anos, não tiveram seu melhor jogador, o jovem Johan Mankambi, que fez falta para a criação no setor ofensivo. O atacante de 20 anos sofreu uma lesão no joelho durante

o treinamento, segundo a imprensa do país, e não tem retorno garantido para a partida de sábado.

Enquanto os suíços tentavam controlar o ritmo da partida, a Colômbia acele-

rava e tentava surpreender nas ações rápidas ou nos chutes de fora da área. Foi assim na melhor chance da primeira etapa, quando o volante Puerta, que fez grande Mundial, bateu cruzado, com veneno, da entrada da área e exigiu grande defesa de Kobel. O arqueiro colombiano também teve que trabalhar no primeiro tempo: Vargas parou Riedel em trapalhada de Muñoz, que entregou para o ataque suíço na entrada da área.

No segundo tempo, foi a Suíça quem começou assustando, novamente com Riedel, em cobrança de falta pela esquerda, na rede pelo lado de fora. A Colômbia seguia tentando surpreender na transição, mas esbarrava nas tais decisões ruins no último terço. Na melhor chance, Luis Suárez ficou de frente para o gol, com dois companheiros, incluindo Luis Díaz, passando livres,

OITAVAS DE FINAL



ÁRBITRO: Iván Barton (El Salvador).
CARTÕES AMARELOS: Zakaria, Muheim, Xhaka (SUI); Davinson Sánchez e Luis Suárez (COL).
PÚBLICO: 52.497 presentes.
LOCAL: Vancouver, Canadá.

mas preferiu chutar, falhando na pontaria. O placar seguiu zerado.

Na prorrogação, a Suíça foi salva pelo travessão, em lance em que Lucumi subiu mais alto que a defesa. Campaz quase venceu Kobel, em chute que quicou no caminho, mas o goleiro tirou de manchete. No fim, o atacante ainda teve a bola do jogo nos pés após falha de Xhaka em disputa com Muñoz, mas finalizou muito mal, por cima do gol.

ARGENTINA É A ÚNICA NÃO EUROPEIA ENTRE AS FAVORITAS NAS QUARTAS

LUCAS RIBEIRO
lucas.ribeiro.rpa@edglobo.com.br

As quartas de final da Copa do Mundo escancaram o domínio do Velho Continente: são seis europeus contra apenas dois intrusos — Argentina, atual campeã (América do Sul), e Marrocos (África). Diante desse cenário, a ferramenta do GLOBO Bola de Cristal analisa quem são os mais cotados e os azarões em cada duelo.

Já apontadas como favoritas antes do início da Copa, França e Argentina fizeram jus a esse status e dividem o

melhor ataque da competição, com 14 gols. Lionel Messi lidera a artilharia com oito, enquanto Mbappé vem, ao lado do norueguês Haaland, logo atrás, com sete. Segundo o Bola de Cristal, ambas as seleções levam vantagem nas quartas de final.

Após superar a retranca do Paraguai na fase anterior, a França enfrenta o Marrocos, que empatou jogando melhor contra o Brasil na estreia e eliminou a Holanda na segunda fase. Apesar disso, os franceses têm 47,5% de chances de vencer a partida, enquanto os marroquinos

somam apenas 31% nesse caso. Já a probabilidade de empate é de 21,3%.

Depois da classificação suada na virada sobre o Egito, a Argentina tem pela frente a Suíça, que eliminou a Colômbia nos pênaltis e chegou às quartas pela primeira vez desde 1954. Em busca do bicampeonato consecutivo, a seleção albiceleste tem 50,3% de chances de levar a melhor no confronto, contra apenas 30,9% dos suíços. O empate aparece com 18,7%.

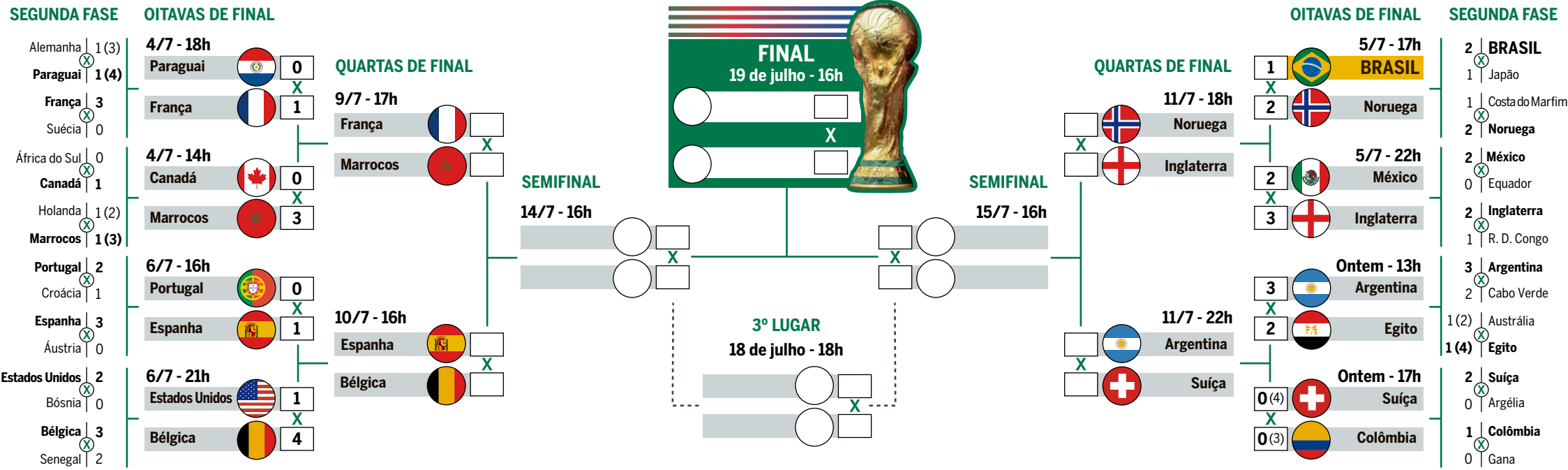
Nos confrontos entre europeus, Inglaterra e Noruega



Vem zebra? França é favorita no confronto contra Marrocos pelas quartas

prometem maior equilíbrio. Apesar de os noruegueses terem desbancado o Brasil, os ingleses — que eliminaram os mexicanos em pleno Azteca — levam vantagem para ganhar o duelo (42,3% contra 37,5%). As chances de empate são de 20%.

Em outro confronto entre europeus, a Espanha é favorita diante da Bélgica. Atual campeã da Eurocopa, em 2024, La Roja foi algoz de Portugal nas oitavas de final, na última Copa de Cristiano Ronaldo, enquanto os Diabos Vermelhos golearam os Estados Unidos em solo americano. Os espanhóis têm 40,9% de chances de vencer, contra 31,6% dos belgas. A probabilidade de empate é de 27,4%.



O TAMANHO DE NEYMAR NA HISTÓRIA DA SELEÇÃO

Discurso do camisa 10 após eliminação na Copa do Mundo indica despedida da Amarelinha; artilheiro com a camisa do Brasil, atacante não conquistou a sonhada Copa; dicotomia entre feitos individuais e coletivos abre debate sobre legado

DIOGO DANTAS
E JOÃO PEDRO FRAGOSO
joao.fragoso@oglobo.com.br
NOVA JERSEY (EUA) E RIO

A cena de Neymar aos prantos e sendo consolado por familiares após a eliminação do Brasil na Copa do Mundo, somada à fala do próprio atleta de que “agora acabou”, indica que o ciclo do craque na seleção brasileira chegou ao fim.

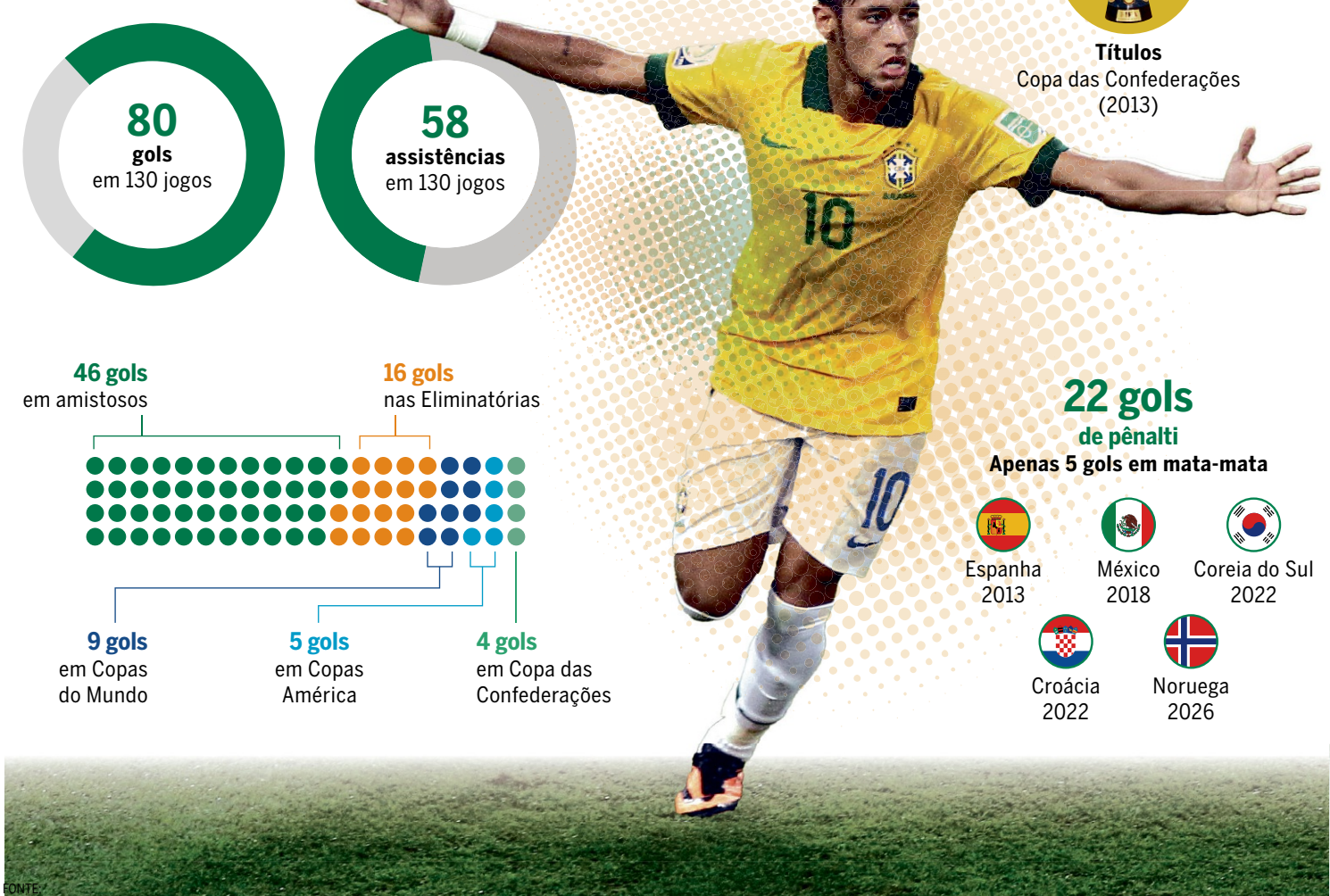
— Tentei, tentei. Agora acabou. Comecei aqui, fechei aqui — disse Neymar à GE TV na saída do campo, embora não tenha oficializado posteriormente.

Seja nas redes sociais, seja em conversas com pessoas próximas, Neymar já tratava este Mundial como sua “última dança” antes mesmo de chegar aos Estados Unidos. Uma história que, conforme lembrado pelo próprio jogador, começou no mesmo MetLife, em Nova Jersey, há 16 anos, no dia 10 de agosto de 2010, em amistoso contra os EUA, e terminou no domingo, na derrota por 2 a 1 para Noruega, com um gol dele no apagar das luzes.

COMPANHEIROS VALORIZAM
Além da breve declaração, o discurso de Neymar no vestiário brasileiro pós-derrota foi visto como outro forte indício de que o camisa 10 está convicto da aposentadoria na seleção. Perante os companheiros, ele chorou, agradeceu pelo período de convivência durante a Copa e se despediu.
— Neymar é meu ídolo. Sempre quis jogar com ele. Foi um momento marcante estarmos juntos na seleção. Desejo sorte para ele no decorrer da temporada e na vida. Ele sempre cuidou muito bem de mim — disse Vini Jr. após a eliminação.

Considerado injustiçado por não ter sido convocado para a Copa de 2010, quando tinha 18 anos e já brilhava no Santos, Neymar sem-

Os números de Neymar na seleção brasileira



Emocionado. Neymar não conteve as lágrimas após a derrota e a eliminação do Brasil nas oitavas de final da Copa

pre foi sinônimo de esperança para os torcedores brasileiros. Desde a estreia, com Mano Menezes, logo após o Mundial da África do Sul, até a última partida, o craque carregou sobre os

ombros a expectativa (ou pressão) de levar o Brasil de volta ao caminho das grandes conquistas. Em termos concretos, tal objetivo não foi concluído. Porém, é inegável que ele foi o expoente

de sua geração e manteve a herança do “jogo bonito”, que representa o futebol brasileiro para o mundo.

Mas, afinal, qual é o tamanho de Neymar na história da seleção? Os números jo-

gam a favor do atacante. Mas a comparação de seus feitos com outras lendas gera questionamentos sobre o legado deixado pelo craque.

Com 80 gols em 130 partidas, Neymar deixou até Pelé para trás (77 gols) e se tornou o maior artilheiro da história da seleção brasileira. Deu também 58 assistências, gerando uma média superior a uma participação em gol por jogo.

PESO DOS NÚMEROS

Mas mesmo o topo da artilharia abre espaço para debate. De seus 80 gols, mais da metade (46) foi anotada em amistosos. Em grandes torneios, 18. Já em jogos de mata-mata, foram cinco bolas na rede (Espanha, na Copa das Confederações de 2013; e, em Copas do Mundo, contra México, em 2018; Coreia do Sul e Croá-

cia, em 2022; e Noruega, em 2026). Para se ter ideia, Ronaldo, que marcou 62 gols pelo Brasil e fecha o pódio da artilharia da seleção, anotou 23 deles em amistosos. A proporção é de 37% contra 57% de Neymar.

Em termos de título, Neymar conquistou a Copa das Confederações de 2013 e a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 2016 — o camisa 10 não participou da Copa América de 2019 por causa de uma lesão no tornozelo. O Fenômeno tem como diferencial no currículo o penta, em 2002, como protagonista, o tetra de 1994, como reserva, e a artilharia do Brasil em Mundiais, com 15 gols. Já Pelé dispensa comparações. É o jogador com mais Copas na história, com os títulos de 1958, 1962 e 1970.

INCÓGNITO NOS SANTOS

Se na seleção a história de Neymar parece ter tido um ponto final, no Santos, o ponto que se faz presente é o de interrogação. Campeão da Libertadores, da Copa do Brasil e de diversos estaduais na primeira passagem pelo clube paulista, o atacante não conseguiu grandes êxitos desde que retornou ao futebol brasileiro, no ano passado. Mesmo assim, o clube deseja a permanência do craque, que possui contrato até dezembro.

Havia, nos bastidores santistas, a expectativa de uma maior participação de Neymar no Mundial para que depois as partes conversassem sobre os planos para a carreira. Com a eliminação precoce, a diretoria aguarda uma sinalização do estafe do atleta.

A questão passa pelo planejamento pessoal de Neymar. O atacante já chegou a negociar com clubes dos EUA. Nesse caso, o movimento de reta final de carreira seria semelhante ao do volante Casemiro, que acertou com o Inter Miami de Lionel Messi.

‘30 neles!': o Pasquim e o jejum brasileiro em Copas do Mundo

Jornal independente acompanhou o primeiro período de ‘seca’ brasileira

PATRICK CHAIA
patrick.chaia@oglobo.com.br

O Brasil foi eliminado de mais uma Copa do Mundo. A sexta em sequência. A má fase brasileira superou o primeiro jejum de títulos mundiais da história da seleção: entre 2002 e 2030, serão no mínimo 28 anos sem conquistar um Mundial. Entre 1970 e 1994, as frustrações da seleção estavam sempre “bem acompanhadas”.

Recheado de ironia, carisma e críticas ácidas, o Pasquim registrou justamente o primeiro período de “seca” brasileira e não deixou ninguém de fora da corneta. O semanário, curiosamente, só existiu durante 21 anos (1969-1991). Viu a conquista do tri, no México, e, sem pena, debochou

da queda em 1974, quando a seleção de Zagallo foi eliminada pelo carrossel holandês, de Johan Cruyff. “Deu chabu”, era a manchete. Um Zagallo confuso, com fumaça saindo pelos ouvidos, acompanhava o título provocativo. Em 1982, a manchete “Em busca do tetra” foi destaque na capa da edição 672 que, nas páginas principais, trazia uma entrevista com o ator e jornalista Fausto Wolff.

— Sinto muito, mas vou torcer contra — revelava ele, nem um pouco entusiasmado com aquela Copa do Mundo. — Eu quero que o meu povo seja respeitado, que procure dentro de si o fim que dá significado à sua existência e não num jogo de futebol.

A seleção da época não empolgaria mesmo Wolff. O Brasil sucumbiu à Itália

nas quartas de final, e os craques não escaparam do Pasquim: “Bye Bye Brasil” era a capa da edição 680, pós-Copa. A eliminação de 1986 foi ainda mais desmoralizada: “A babaquice continua”, dizia a manchete da edição 885, com um Telê Santana chorão em destaque.

ACRÍTICA MORREU?

Fernando Coelho dos Santos, de 76 anos, fã do Pasquim desde o nascimento do jornal independente e responsável direto por grande parte da digitalização da publicação, não acredita que a seleção de hoje aguentaria as críticas “pasquinianas”:
— Olha, tem uns personagens que iam sofrer, viu? — brinca o corretor de seguros aposentado.

Em um exercício lúdico,



90 Neles! Capa da edição do Pasquim após eliminação na Copa de 1986

perguntamos a repórteres e colunistas do GLOBO como eles definiriam a campanha da seleção brasileira neste Mundial caso trabalhassem na redação do Pasquim.

O colunista Marcelo Bar-

reto, por exemplo, colocaria na capa: “Brasil: &\$7! Abaixo os tabus!”

— Tabu é assunto proibido, algo que a gente evita discutir, como por exemplo um projeto de seleção contínuo, transparente, inte-

grado com as bases e alinhado com os clubes. Sequência sem título, essa que para o torcedor brasileiro vai chegar a 28 anos, é escrita. E é difícil acabar com uma sem no mínimo confrontar o outro — acredita o jornalista, que também apresenta o programa Redação SporTV, no canal por assinatura.

Ana Thaís Matos, colunista convidada do GLOBO nesta Copa, apostaria na seguinte manchete: “Brasil, a pior notícia é sempre a próxima”.

— Com estrelas apagadas e uma atuação apática, seleção de Neymar fracassou mais uma vez — diz a comentarista da TV Globo.

Já o repórter Rafael Oliveira, enviado especial aos Estados Unidos para acompanhar a seleção brasileira, apostaria em uma brincadeira na capa do Pasquim: “Barco viking derruba canoa brasileira”.

— Agora CBF tem quatro anos para funcionar de verdade — afirma.

Depois da decepção, só resta acreditar que a próxima será diferente: 30 neles!



GUGA CHACRA
esporteglob@oglobo.com.br

FIFA — DO NARCISISTA TRUMP AO GENIAL MESSI

Beneficiado pela decisão da Fifa de suspender o cartão vermelho depois da intervenção de Donald Trump, Folarin Balogun sequer é considerado cidadão pelo presidente norte-americano. Uma ordem executiva do republicano, derrubada na Suprema Corte na semana passada, buscava impedir a concessão de cidadania automática por nascimento a crianças filhas de pais sem nacionalidade ou residência permanente nos EUA (*Green Card*). O atleta nasceu em Nova York por acaso,

americana, que vinha realizando uma ótima Copa. Golearam os paraguaios na estreia, tiveram uma vitória convincente contra a Austrália e, poupando jogadores, acabaram perdendo para a Turquia. Na fase seguinte, eliminaram a Bósnia por 2 a 0 mesmo com um jogador a menos durante boa parte do jogo — justamente Balogun. Esse colunista, um pouco otimista demais, chegou a cogitar a hipótese de os EUA avançarem e conquistarem o título. Não seria uma tarefa fácil. Mas podiam ter ido ao menos às quartas contra a

depois de sua mãe, de origem nigeriana, ser impedida de embarcar de volta para Londres pela companhia aérea por estar grávida de sete meses. Provavelmente, no entanto, Trump não deve saber quem exatamente é Balogun, assim como não sabia o que era cartão vermelho até domingo, segundo ele próprio admitiu.

Essa atitude de Trump teve o efeito contrário ao desejado e prejudicou também a imagem da seleção norte-

Espanha. Os norte-americanos não eram inferiores à Bélgica, mas acabaram abalados com o episódio, enquanto os belgas entraram com mais garra diante da injustiça.

A audiência da partida contra a Bélgica atingiu 42 milhões de espectadores se somarmos o total dos que assistiram à partida em inglês (30 milhões, na Fox) e em espanhol (12 milhões, na Telemundo). Este número é

Os belgas que mereciam o prêmio da “Paz” da Fifa, entregue pelo palerma ao republicano

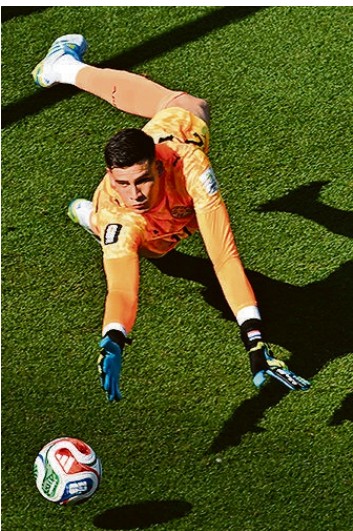
caso a seleção se classificasse e enfrentasse a Espanha? Podemos cogitar algo próximo a 50 milhões torcendo pelos EUA — igual à população espanhola e maior do que a população argentina. Imaginem o efeito mundial para o futebol e, acima de tudo, dentro do próprio país. Mas Trump estragou tudo ao querer interceder na questão do cartão vermelho.

A culpa maior, no entanto, não é do presidente norte-americano. Trump já quis

anexar a Groenlândia e falou em transformar a Faixa de Gaza em um resort. Todos sabemos de seu comportamento errático. O problema maior foi seu capacho, Gianni Infantino. O patético presidente da Fifa se curvou ao republicano e manchou a Copa do Mundo. Abriu um precedente grave com a suspensão do cartão vermelho.

Esta postura de Infantino de tentar ajudar aos EUA também se reflete no que muitos veem como favorecimento a Messi — afinal, a questão é o jogador e não a Argentina. Há uma sensação, escancarada em entrevistas de jogadores do Egito depois da polêmica arbitragem nas oitavas de final, de que Infantino, por questões comerciais, estaria fazendo de tudo para os argentinos ganharem a Copa. Não há como provar, e a Argentina joga de forma estupenda, além de Messi ser cada vez mais genial.

Mas o comportamento deste líder patético da Fifa em relação a Trump faz com que surjam teorias da conspiração. Só não foi pior graças aos belgas, que salvaram, por enquanto, a Copa ao humilhar Trump e Infantino com o 4 a 1. Mereciam o prêmio da “Paz” da Fifa, entregue pelo palerma ao republicano que, semanas depois, atacou o Irã.



GOLEIRO: Orlando Gill (Paraguai)
Virou herói da seleção paraguaia ao defender as cobranças de Havertz e Woltemade na disputa de pênaltis que eliminou precocemente a Alemanha na segunda fase.



LATERAL-DIREITO: Daniel Muñoz (Colômbia)
Lateral de chegada, deu profundidade ao time e transformou o lado direito em arma constante. Fez dois gols que ajudaram a equipe a passar em primeiro na fase de grupos.



ZAGUEIRO: Pau Cubarsí (Espanha)
Aos 19 anos, o defensor do Barcelona jogou com maturidade rara, como se fosse um veterano, e sustenta a defesa mais segura da Copa, a única não vazada até o momento.



ZAGUEIRO: Upamecano (França)
Forte nos duelos aéreos e pelo chão, seguro na cobertura e importante na saída de bola, o zagueiro do Bayern de Munique dá consistência defensiva ao ofensivo time francês.



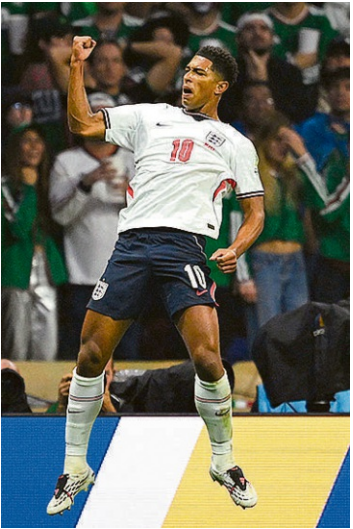
LATERAL-ESQUERDO: Cucurella (Espanha)
Constante, intenso e participativo, o novo reforço do Real Madrid uniu segurança defensiva a volume no apoio em uma seleção espanhola quase impenetrável.



VOLANTE: Bruno Guimarães (Brasil)
Apesar do pênalti perdido na eliminação brasileira, foi um dos principais criadores da Copa, com participação ofensiva de destaque e quatro assistências na conta.

CRAQUES DECISIVOS LIDERAM A SELEÇÃO DA COPA ATÉ AS OITAVAS

Artilheiro desta e da história dos Mundiais, Messi é o craque até o momento, em votação do GLOBO; Mbappé e Haaland completam o trio de ataque; Bruno Guimarães é o único representante do Brasil



MEIA: Bellingham (Inglaterra)
Tem feito grande parceria com Harry Kane na boa campanha da Inglaterra na Copa. Tem quatro gols e acumula atuações de destaque, como na classificação sobre o México.



MEIA: Olise (França)
Um dos jogadores mais criativos do torneio, Olise é o regente da orquestra ofensiva francesa. Já são cinco assistências, que o tornam o líder do quesito nesta Copa.



ATACANTE: Messi (Argentina)
Aos 39 anos, o craque argentino enfileira gols, atuações decisivas e recordes. É o artilheiro da edição e maior goleador da história do torneio. Craque da Copa até aqui.



ATACANTE: Mbappé (França)
Se alguém pode ameaçar o reinado de Messi, este alguém é o atacante do Real Madrid. Com o “modo Copa” ativado, tem sido goleador e decisivo na virtuosa campanha francesa.



ATACANTE: Haaland (Noruega)
Carrasco do Brasil nas oitavas de final, o centroavante mostra na Copa a mesma letalidade que apresenta no City e vai comandando uma campanha já histórica de seu país.



TÉCNICO: Mohamed Ouahbi (Marrocos)
O treinador assumiu a seleção marroquina apenas em março, manteve a solidez da equipe e a levou às quartas de final com um futebol envolvente e corajoso.

NOS CLUBES

BOTAFOGO

Clube encaminha a chegada de reforços

— O Botafogo tenta resolver as punições de *transfer ban* da Fifa para oficializar as contratações e regularizar a situação de dois jogadores: o goleiro Warleson, do Cercle Brugge-BEL, e o zagueiro uruguaio Lucas Monzón, do Racing-URU, reforços para o time no restante da temporada. O alvinegro

pagará cerca de R\$ 4 milhões pela contratação de cada atleta. No caso de Warleson, o goleiro já está no Brasil para a realização de exames médicos e deve começar a treinar com o grupo em breve. Monzón, por sua vez, desembarcará no Rio nos próximos dias.

FLAMENGO

Jardim rodará elenco em amistoso hoje

— Após empatar com o River Plate-ARG na semana passada, o Flamengo entra em campo hoje para o segundo amistoso da intertemporada, em Portugal. Às 16h30 (de Brasília), o desafio é contra o Lausanne-Sport, da Suíça. A ideia do técnico Leonardo Jardim é usar o jogo no

Estádio do Algarve para rodar o elenco. Se todos os principais jogadores à disposição foram titulares contra os argentinos, desta vez novas peças receberão mais minutagem. O lateral-direito Daniel Sales, de 20 anos, é desfalque, com uma lesão no músculo adutor da coxa esquerda.

VASCO

Cruz-maltino recorre contra intervenção

— O Vasco alegou prejuízo na gestão do clube e recorreu da decisão judicial que instituiu a intervenção judicial na SAF e afastou Pedrinho do conselho de administração. O presidente do Vasco, inclusive, recebeu o apoio de 106 membros do conselho deliberativo, que publicaram uma carta

pedindo também a venda do futebol vascaíno para Marcos Lamacchia. O documento sustenta que todas as negociações financeiras foram conduzidas pelos executivos oficialmente responsáveis pelo futebol, em contraposição aos questionamentos do Conselho Fiscal.

FLUMINENSE

Hulk estreia hoje, contra o Nova Iguaçu

— Os tricolores poderão matar a saudade de ver o time do Fluminense em campo hoje. Às 20h30, a equipe faz um amistoso contra o Nova Iguaçu, no Maracanã. No domingo, às 16h, o adversário será o Bahia, também no estádio. As partidas fazem parte da preparação para o retorno das competições. Além do

reencontro com a torcida, o jogo marca a estreia de Hulk pelo clube. Thiago Silva, por sua vez, não deve entrar em campo, já que se apresentou após os demais jogadores. O zagueiro também é desfalque para o retorno oficial, dia 17 de julho, às 20h, contra o Bragantino, em casa, pelo Brasileiro.

COPA TEM ESTÁDIOS CHEIOS, APESAR DOS PREÇOS

Dois a cada três jogos da competição contam com ocupação máxima nas arquibancadas, mesmo com ingressos dinâmicos e sistema de revenda que faz valores aumentarem ainda mais. Especialista vê tendência incontornável, mas faz alerta à Fifa

JOÃO PEDRO FONSECA
jp.fonseca@oglobo.com.br
MIAMI, EUA

Os preços salgados dos ingressos, associados a outros custos elevados numa Copa do Mundo de logística desafiadora, despertaram o temor de que veríamos estádios parcialmente vazios na América do Norte. Mas agora que o torneio entra em sua reta decisiva, tendo encerrado ontem a disputa das oitavas de final, já é possível constatar que o receio não se confirmou: dois a cada três jogos tiveram toda a carga de ingressos comercializada e nenhum deles registrou menos de 97% de ocupação nas arquibancadas.

Como consequência desse cenário, a edição de 2026, com suas 48 seleções e 104 partidas, trucidará o recorde de público total em um Mundial, que pertencia ao torneio de 1994, disputado nos Estados Unidos. Naquela ocasião, cerca de 3,5 milhões de pessoas foram aos estádios. Agora, esse número já ultrapassa os 6,2 milhões de torcedores — da abertura entre México e África do Sul até a classificação da Suíça sobre a Colômbia, ontem, nos pênaltis. Há oito jogos ainda pela frente, o que significa que a marca será praticamente dobrada.

UM NOVO JEITO DE VENDER

A presença expressiva do público nos estádios representa uma incontestável vitória da Fifa, e não apenas pela possibilidade de se gabar dos números megalomaniacos. Ela também valida o plano ambicioso da entidade, que pretendia triplicar o faturamento com as receitas de *match day*, nas quais se incluem o preço dos ingressos, de 950 milhões de dólares no Catar-2022, para 3 bilhões de dólares apenas quatro anos depois.

Para chegar lá, a entidade implementou novidades no sistema de comercialização



Sempre lá. Torcedores da Argentina lotam estádio de Atlanta para partida contra o Egito nas oitavas: todos os jogos dos hermanos tiveram 100% de ocupação

Os números das arenas

Consideradas as 96 partidas disputadas entre a fase de grupos e as oitavas de final



Público total da Copa do Mundo até aqui
6.259.584



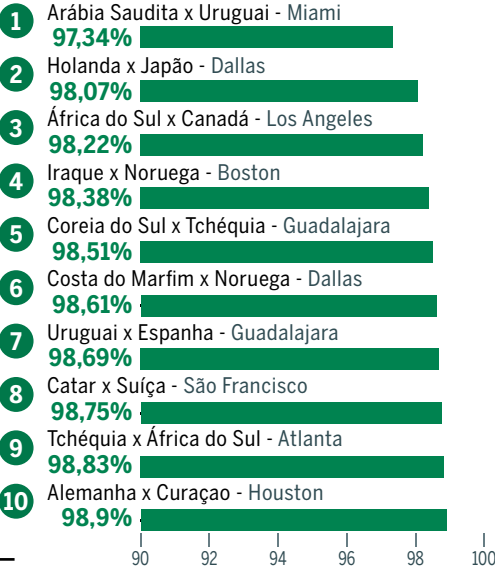
tiveram 100% de ocupação

Únicas sedes com todos os jogos cheios:
Vancouver e Cidade do México



Única sede que não teve um jogo sequer cheio: **Guadalajara**

JOGOS COM MENOR % DE OCUPAÇÃO



de ingressos, como o preço dinâmico. Em vez de definir um valor fixo para cada entrada, a Fifa recorreu a um algoritmo para praticar preços flutuantes, que variavam em tempo

real de acordo com a demanda do público e a disponibilidade de assentos — mais ou menos como já fazem as companhias aéreas e ligas americanas como a NBA e a NFL.

— Isso ajuda a maximizar a receita sem necessariamente comprometer a ocupação. Quando existe uma demanda global como a da Copa, o mercado acaba en-

contrando seu ponto de equilíbrio. Alguns jogos ficaram mais caros, outros permanecem acessíveis, e a ocupação tende a se manter alta — explica Robson Carlo, sócio-fundador da plataforma brasileira de gestão de ingressos FutebolCard.

Outra forma encontrada pela Fifa para encher seus já pomposos cofres foi mediar a revenda oficial de ingressos através de seu marketplace, cobrando uma taxa de 15% de quem estivesse repassando seus ingressos e mais uma de 15% de quem os estivesse comprando.

A escalada de preços decorrente da revenda dividiu os torcedores. O brasileiro Marcos, que há mais de dez anos mora na região metropolitana de Miami e trabalha como motorista de aplicativo, abriu mão do sonho de ver a seleção jogar para fazer uma grana extra. Ele havia comprado entradas

para levar os dois filhos à última partida da seleção na fase de grupos, contra a Escócia, por cerca de 260 dólares cada. Quando soube da busca insana pelos bilhetes, decidiu revender os seus. E rapidamente achou quem topasse pagar dez vezes mais para adquiri-los.

— Queria muito ir ao jogo, mas essa grana faria muita diferença no meu orçamento — justificou Marcos.

Na contramão dele estão milhares de torcedores que viram o orçamento de suas viagens estourar diante da necessidade de lidar com os preços flutuantes, num primeiro momento, e com a revenda inflacionada depois.

O DESAFIO DO EQUILÍBRIO

Fechar as contas é naturalmente mais difícil para os que precisam lidar com o câmbio no qual um dólar equivale a mais de R\$ 5. Mas boa parte dos torcedores no Mundial estão preparados para lidar com os muitos zeros envolvidos na aventura.

— Existe um público internacional com alto poder aquisitivo que enxerga a Copa como uma experiência de vida, não apenas como um jogo de futebol. São pessoas que já gastam milhares de dólares com viagens, hospedagem e hospitalidade. Para eles, o valor do ingresso representa uma parcela relativamente pequena do investimento total — pondera Robson, que ainda destaca a fração de bilhetes que são usados por empresas e patrocinadores para fazer relacionamento e negócios.

O especialista crê que essa tendência veio para ficar e será adotada em breve pelo mercado brasileiro. Mas alerta que os promotores de eventos, entre eles a Fifa, precisarão encontrar caminhos para garantir o lucro sem excluir da festa os torcedores que fizeram da Copa o que ela é hoje — e que talvez não possam entrar no jogo dos preços dinâmicos.

EUROPEUS SE CALAM QUATRO ANOS APÓS PROTESTOS NO CATAR

Diferentemente de 2022, questões políticas dos EUA não motivaram reação

LUCAS ALTINO
lucas.altino@oglobo.com.br

Em 2022, na Copa do Mundo do Catar, jogadores da Alemanha posaram para a foto oficial, em campo, com todos os seus jogadores tapando a boca. Já a seleção da Inglaterra se ajoelhou antes do apito inicial. Os gestos marcavam protestos contra leis discriminatórias e violações de direitos humanos no país-sede e tiveram ampla repercussão.

Quatro anos depois, essas e outras seleções se calaram mesmo após o governo dos EUA, que iniciou uma guerra no Irã, ter vetado e dificultado a presença de torcedores, jornalistas e até de árbitros, em meio a uma política de imigração considerada

arbitrária e ilegal por observadores internacionais.

A diferença de postura foi percebida por torcedores e imprensa internacional, principalmente jornais do Oriente Médio e da África, que apontaram uma espécie de indignação seletiva. O jornal libanês L'Orient-Le Jour (O Oriente-O Dia, em francês), por exemplo, publicou uma reportagem com o título "Quatro anos após o Catar, onde estão as indignações ocidentais agora?"

Em março, a Anistia Internacional cobrou medidas da Fifa para que os direitos humanos fossem respeitados. A entidade lembrou que, desde 2025, a gestão Trump deportou cerca de 500 mil pessoas, mais de seis vezes o público que estará na final da Copa, no MetLife Stadium, em No-



INA FASSBENDER/AFP/23-11-2022

Bocas tampadas. Jogadores alemães protestaram contra o Catar em 2022

de tudo, uma vergonha para os responsáveis que deixam de lado vidas humanas".

— Se alguém nunca sentiu o sofrimento do povo palestino, é porque lhe falta humanidade — afirmou Hassan, que vestiu a bandeira da Palestina no gramado. — Esse gesto partiu de mim porque sou um ser humano, assim como são seres humanos aqueles que estão morrendo.

MOVIMENTO FRUSTRADO

Em 2022, foi criado o movimento "OneLove", que previa o uso de uma braçadeira de capitão colorida, em alusão aos direitos LGBTQIA+, com adesão inicial das seleções de Inglaterra, Alemanha, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Suíça e Gales — no Catar, existem leis que proíbem relações homoafetivas.

Antes do torneio, porém, a Fifa anunciou que aplicaria cartão amarelo caso a braçadeira fosse usada, o que enfraqueceu o movimento. Em resposta, as seleções da Dinamarca e da Bélgica usaram camisas especiais de protesto, e os jogadores alemães e ingleses fizeram os gestos já citados em campo. Nos Estados Unidos, restou o silêncio.

va Jersey, no dia 19 de julho.

— Apesar do número alarmante de prisões e deportações, nem a Fifa nem as autoridades americanas ofereceram garantias de que torcedores e comunidades locais estarão protegidos contra discriminação étnica e racial, batidas indiscriminadas, detenções ilegais e deportações — disse, antes da Copa, Steve Cockburn, chefe de Direitos Trabalhistas e Esporte da Anistia Internacional.

Em um Mundial que parece se calar diante de questões políticas, as vítimas gritaram

para ser ouvidas. Os protestos mais enérgicos vieram da própria seleção do Irã, que teve sua logística inviabilizada por decisão do governo de Trump e precisou viajar para o México logo após as partidas nos Estados Unidos.

Depois da estreia do Irã, contra a Nova Zelândia, o presidente da Fifa, Gianni Infantino, visitou o vestiário iraniano, prometeu esforços para mitigar prejuízos e ouviu reclamações do técnico Amir Ghalenoei. Em todas as entrevistas, ele destacou as dificuldades enfrentadas pela seleção:

— Acho que nossa equipe é, talvez, a mais oprimida da Copa do Mundo.

Outra voz dissonante foi Hossam Hassan, técnico da seleção do Egito, que levou a questão palestina para o centro da mesa, com gestos em campo e postura assertiva nas entrevistas, lembrando que o futebol continua sendo usado como tribuna. Ele dedicou a vitória contra a Austrália, na segunda fase, ao povo palestino. Antes do jogo contra a Argentina, ontem, afirmou que a guerra é "uma vergonha para todos e, acima



OBITUÁRIO • BENEDITO RUY BARBOSA, 95 ANOS

CRIADOR DE NOVELAS QUE AJUDARAM A MOLDAR O PAÍS

RICARDO FERREIRA
ricardo.ferreira@oglobo.com.br

A simplicidade do homem do campo é tão complexa que retratá-lo sem cair na caricatura é desafiador. A roça, os tipos do interior com suas manias e mistérios tão singulares, as fazendas que guardam um mundo, as mocinhas, os coronéis, as lendas populares, os heróis broncos com as mãos sujas de terra, tudo isso passou na TV em sagas que o Brasil parou para ver. E poucos autores retrataram tão bem esse Brasil rural como Benedito Ruy Barbosa.

São dele alguns dos maiores sucessos da teledramaturgia brasileira, como “Sinhá Moça”, “Cabocla”, “Pantanal”, “Renascer” e “O Rei do Gado”, títulos guardados no imaginário popular e que aproximaram, de certa forma, o telespectador urbano, acomodado no seu sofá, às mazelas — e também às belezas — do país profundo. Um dos maiores dramaturgos do seu tempo, Benedito Ruy Barbosa eternizou personagens como Juma Maruá, Bruno Mezenga, José Inocêncio, figuras que ajudam a traduzir o que sobrou de um Brasil atravessado pela máquina do progresso.

“Na dramaturgia, nem tudo é imaginação. Muito é vi-

vência, buscamos o personagem em seu habitat. Eu gosto das sagas porque dá condição de fazermos novela e história”, disse o autor ao site Memória Globo, e foi assim mesmo. Nascido no município de Gália, no interior de São Paulo, em 17 de abril de 1931, Benedito Ruy Barbosa passou a infância na pequena Vera Cruz, cidade vizinha com muitos cafezais e com grande concentração de imigrantes japo-

neses e italianos. Era o mais velho de cinco irmãos e perdeu o pai cedo. Otávio Barbosa era jornalista e dirigiu o jornal A Voz de Vera Cruz até morrer, aos 29 anos, em 1942. Para ajudar no sustento de casa, o garoto começou a trabalhar como auxiliar de guarda-livros, seu primeiro emprego. Quando mudou para a capital, para alcançar melhor situação financeira, foi faxineiro de banco e vendedor de verduras na feira.

Também viveu um período na zona rural de Maringá, no Paraná, cenário que lhe inspirou a publicar seu primeiro romance, “Fogo frio”.

PEÇA COM AUGUSTO BOAL

O texto virou peça de teatro em 1959 pelas mãos do diretor Augusto Boal. O título fazia referência às geadas que, apesar de bonitas — “todo aquele verde coberto com um lençol branco”, descrevera o autor —, queimavam os cafezais. Assim como o pai, Benedito fez carreira na imprensa. Trabalhou como revisor do jornal Estado de S. Paulo e como repórter da Última Hora e da Gazeta Esportiva.

Sua estreia como dramaturgo se deu através do mercado publicitário. Escreveu

sua primeira novela, “Somos todos irmãos”, em 1966, contratado como roteirista na agência americana J. W. Thompson, que cuidava dos folhetins patrocinados pela Colgate-Palmolive. Era uma adaptação do romance “A vingança do judeu”, de J. W. Rochester, e foi exibida pela TV Tupi.

Depois de passar pela Excelsior e pela Record, onde escreveu obras como “A última testemunha” (1968) e “Algemas de ouro” (1969), foi contratado pela TV Cultura, onde assinou “Meu pedacinho de chão” (1971). Era a história da professora Juliana na pequena cidade de Santa Fé, dominada pelo arrogante coronel Epaminondas (Castro Gonzaga). Sucesso de público e crítica, a novela também foi exibida pela TV Globo, sendo a primeira de temática rural da carreira de Benedito. Era um prenúncio de tipos de personagens que contemplariam toda a trajetória de trabalho do autor, marcados por reflexões sobre moral e justiça, pessoas humildes diante de poderosos, a simplicidade do campo contra a ganância e a avaréza.

Vieram muitas outras novelas. Somente nos anos 1970, Benedito Ruy Barbosa escreveu pelo menos sete, com des-

taque para “Cabocla”, outro sucesso que a TV Globo exibiu no fim daquela década e que contava a história de amor entre Zuca (Glória Pires) e Luís Jerônimo (Fábio Jr.), numa trama que se desenvolvia na fazenda do coronel Boanerges. Em 2005, “Cabocla” ganhou um remake na emissora com Vanessa Giácomo e Daniel de Oliveira nos papéis principais.

Benedito gostava de boas histórias de amor. Nos anos 1980, assinou quase uma novela por ano. Uma delas foi “Sinhá Moça”, de 1986, que colocava uma filha de um coronel escravocrata perdidamente apaixonada por um abolicionista.

Em 1990, ele foi para a TV Manchete, onde escreveu um de seus maiores sucessos: “Pantanal”. A trama em torno do pecuarista José Leôncio (na novela original, Cláudio Marzo, e Paulo Gorgulho na primeira fase) foi um fenômeno de audiência. Depois do sucesso arrebatador, Benedito Ruy Barbosa voltou em grande estilo para a TV Globo, lançando outro grande trabalho, em 1993: “Renascer”.

PLURALIDADE DE TEMAS NAS NOVELAS, PAIXÃO POR FUTEBOL E HOMENAGENS, NA PÁGINA 2

ARTIGO

Folhetins que atingiam em cheio o coração do público

PATRÍCIA KOGUT
segundo.caderno@oglobo.com.br

As novelas rurais marcaram a carreira de Benedito Ruy Barbosa. Embora “Pantanal” esteja mais fresca na memória do público por causa do remake assinado por seu neto, Bruno Luperi, foram muitas as histórias que o consagraram no gênero. “Meu pedacinho de chão”, “Renascer” e “O Rei do Gado” fazem parte desse legado. Ele amava o

Brasil e tinha um olhar singular para o homem do campo. Também criava tramas realistas sem perder de vista a fantasia. Fazia o público sonhar com figuras mitológicas. O Velho do Rio, de “Pantanal”, é um exemplo acabado

desses universos fantásticos que ele era capaz de imaginar e traduzir para milhões de espectadores da TV aberta.

Sua atuação na teledramaturgia, no entanto, foi tão vasta que é injusto reduzi-la a um único nicho. Muitas de suas

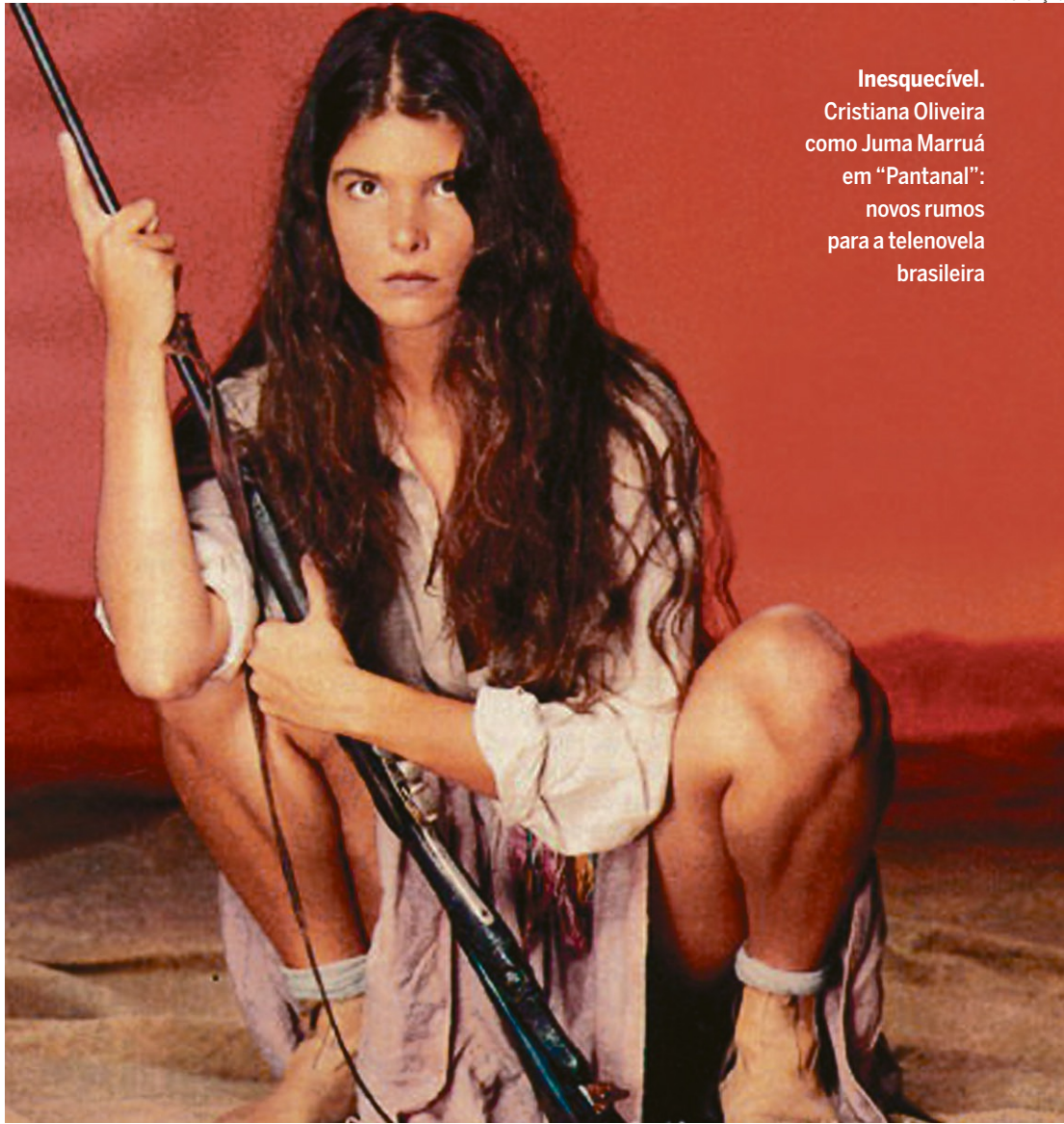
criações eram ambientadas nas cidades, e essas tramas urbanas também fizeram sucesso. A razão é, ao mesmo tempo, simples e complexa: Benedito trabalhava com valores universais. O romance e a justiça social estiveram no centro de muitas de suas his-

tórias. Ele compreendia profundamente o seu público e, por isso, suas narrativas atingiam em cheio o coração de quem as acompanhava. Fez parcerias frutíferas com diretores importantes, como Luiz Fernando Carvalho, Jayme Monjardim e Ricardo Waddington. Pertenceu a uma geração de autores de televisão com grande poder nas decisões artísticas e sempre opinava nas escalações do elenco. Sua presença foi tentacular também do ponto de vista

das emissoras pelas quais passou: além da Globo, trabalhou na Tupi, na Bandeirantes e na Manchete.

Nos últimos anos de atividade, contou-me que sonhava escrever uma novela sobre as pesquisas desenvolvidas pela Embrapa. Pena que não tenha tido tempo de realizar esse projeto. Muitas de suas obras ganharam remakes, um sinal de que ainda será possível ter muitas outras vidas pela frente.





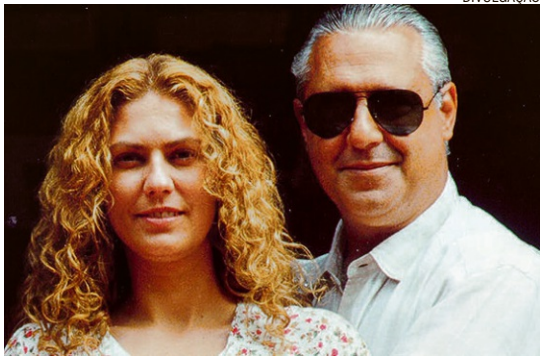
Inesquecível. Cristiana Oliveira como Juma Marruá em “Pantanal”: novos rumos para a telenovela brasileira

DIVULGAÇÃO



ARQUIVO/1-12-1979

‘Cabocla’. Os atores Fábio Jr., Glória Pires, Roberto Bonfim e Fátima Freire: sucesso dos anos 1970 que mereceu remake



DIVULGAÇÃO

Drama épico. O poderoso Bruno Mezenga (Antonio Fagundes) e a boia-fria Luana (Patricia Pillar) em “O Rei do Gado”



DIVULGAÇÃO

‘Renascer’. Patrícia França (Maria Santa) e Leonardo Vieira (José Inocêncio): saga de 1993 que se passa na Bahia

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Verdadeiros fenômenos de suas épocas, tanto “Pantanal” quanto “Renascer” ganharam remakes na TV Globo recentemente e repetiram o sucesso do passado. Em 2022, Bruno Luperi, neto de Benedito Ruy Barbosa, ficou responsável pela nova adaptação da trama pantaneira. “Renascer” voltou às telas em 2024 também pelas mãos de Luperi, com Marcos Palmeira na pele do icônico José Leônicio, vivido por Antonio Fagundes na versão original de 1993. São novelas que carregam marcas do trabalho de Benedito, com cenas externas grandiosas, valorização da fauna e flora brasileiras, epopeias que homenageiam o campo e a sua gente, explorando laços afetivos não só dos casais, mas de pais e filhos, irmãos e irmãs, patrões e empregados. “Sinhá Moça” e “Meu pedacinho de chão”, vale dizer, também ganharam remakes na Globo, em 2006 e em 2014, respectivamente.

Ainda nos anos 1990, Benedito emplacou outras duas novelas de grande repercussão e audiência. Não é exagero dizer que, em 1996, “O Rei do Gado” foi diferente de tudo o que já havia sido feito em termos de novela no Brasil. Drama épico desenrolado em meio a cafezais, num reencontro do autor com memórias de sua infância, a primeira fase do fo-

MUITOS ‘CAMPOS’ DE ATUAÇÃO



DIVULGAÇÃO/FERNANDO CAVALCANTI/8-7-1999

Paixão. Ana Paula Arósio e Thiago Lacerda na novela “Terra nostra”, inspirada na imigração italiana e sucesso também no exterior

BENEDITO IMPRIMIU SUA MARCA EM FOLHETINS QUE GANHARAM TRATAMENTO DE CINEMA, ERA APAIXONADO POR FUTEBOL E DEIXOU HERDEIROS QUE SEGUEM SEU LEGADO DE NOVELISTA, COMO FILHAS E NETO

lhetim apresentava as origens das desavenças entre as famílias Mezenga e Berdinazzi. No segundo bloco, Bruno Mezenga (Antonio Fagundes), poderoso latifundiário e pecuarista, apaixonava-se pela boia-fria Luana (Patricia Pillar), sem saber que a moça, na verdade, era uma legítima Berdinazzi. Com direção de Luiz Fernando Carvalho e fotografia de Walter Carvalho, a novela, assim como “Pantanal”, ganhou tratamento cinematográfico, com cenas antológicas protagonizadas por nomes como Raul Cortez, Tarcísio Meira, Leticia Spiller, Stênio Garcia, além de Fagundes e Pillar, e grande elenco. “O Rei do Gado” também era uma forte crítica à questão da reforma agrária no Brasil. Foi lançada dois meses depois do Massacre de Eldorado dos Carajás, quando 20 sem-terra foram mortos pela Polícia Militar do Pará.

Três anos depois, em 1999, Benedito abordou outro mundo com o qual tinha certa intimidade: a imigração italiana no Brasil. Este era o mote de “Terra nostra”, cuja trama se passava no final do século XIX e no início do século XX. Thiago Lacerda e Ana Paula Arósio mostraram boa química nos papéis de Giuliana e Matteo, que buscavam uma vida melhor no Brasil. Segundo o site da TV Globo, “Terra nos-

tra” se tornou uma das nove-las mais vendidas no exterior, sendo exibida em mais de 95 países.

DONO DA BOLA

Para além das telas, Benedito também tinha uma forte ligação com o futebol. Torcedor apaixonado do São Paulo, ele chegou a ser repórter de campo na juventude. E publicou dois livros sobre o Rei do Futebol: “Eu sou Pelé” (1961), a primeira biografia do jogador, e “Primeiro tempo” (2011), com fotos raras e relatos sobre o início da carreira do craque. Em 2023, Benedito ajudou a fundar a Academia Brasileira de Letras do Futebol (ABLF).

Benedito Ruy Barbosa morreu ontem de manhã, aos 95 anos. Ele estava internado no HCor, em São Paulo, para tratar de um quadro de insuficiência renal que lhe trazia complicações há algum tempo. O velório ocorreu ontem à tarde. Benedito deixa os filhos Edmara, Edilene, Ruy Maurício e Marcelo, frutos do longo casamento de 54 anos com a atriz Marilene Barbosa, que morreu em 2014 devido a um câncer. Parte dos herdeiros de Barbosa segue seu caminho na dramaturgia. Edmara e Edilene também escrevem para televisão, assim como Bruno Luperi, um dos dez netos do autor. (Ricardo Ferreira)

PRÍNCIPE HARRY E ELTON JOHN PERDEM PROCESSO CONTRA JORNAL

O príncipe Harry e o cantor Elton John perderam o processo por violação de privacidade movido contra o proprietário do jornal Daily Mail, segundo uma sentença divulgada ontem pelo Tribunal Superior de Londres. Após um julgamento no início do ano, o tribunal determinou que os “demandantes não conseguiram comprovar as acusações apresentadas. Portanto, as ações ficam indeferidas”.

Harry reagiu classificou a decisão como “chocante”. “É um encobrimento absoluto e evidente, mas, infelizmente, não totalmente inesperado”, afirmou em declaração conjunta com

Doreen Lawrence, cujo filho foi assassinado em um ataque racista em 1993.

Eles estavam entre os sete demandantes, incluindo outras celebridades como Elton John e a atriz Elizabeth Hurley, que acusaram a Associated Newspapers Limited (ANL), empresa responsável pela publicação do Daily Mail e do Mail on Sunday, de obter informações de forma ilegal.

Os autores da ação denunciaram que os tabloides deram a detetives particulares para interceptar mensagens de voz, escutar conversas telefônicas e até mentir na elaboração de artigos publicados entre 1993 e 2018.

A decisão representa “uma vitória esmagadora para o Daily Mail e seus jornalistas, assim como para a liberdade de imprensa em geral”, celebrou, por sua vez, o grupo ANL em um comunicado.

A ANL sustentou que seus jornalistas atuaram dentro da legalidade e que se basearam em fontes legítimas para redigir os artigos.

PRINCESADIANA

O processo contra o jornal é o último iniciado por Harry, que há vários anos trava uma batalha judicial contra a poderosa imprensa sensacionalista britânica. O príncipe considera os papa-



JUSTIN TALLIS/AFP

Fim de processo. O príncipe Harry, ontem, em Londres: derrota na Justiça

AO MESTRE, COM CARINHO

> **Patrícia Pillar (atriz).** “Hoje eu choro a perda de um mestre, mas fico em paz sabendo que seu legado é imortal: está na sua obra, está em quem teve honra de dar vida às suas palavras e, sobretudo, em quem foi tocado por suas histórias.”

> **Tony Ramos (ator).** “Era um homem muito criativo, que dava vazão aos seus sonhos, dava vazão àquele menino do interior (...) A gente conversou muito sobre como olhar o país sem panfletagem, entendendo a alma brasileira, as dores e as grandes alegrias do brasileiro.”

> **Zezé Motta (atriz).** “Seus personagens eram vivos, humanos e cheios de verdade. Ele nos ensinou que contar histórias também é preservar a memória de um povo. Vou guardar para sempre a gratidão por cruzar o caminho de um homem tão talentoso, sensível e generoso.”

> **Marcos Palmeira (ator).** “Ele conseguiu trazer o Brasil profundo para o horário nobre, falar de coisas tão importantes para o país. É uma perda gigante.”

> **Maria Bethânia (cantora).** “(A obra dele) tinha poesia e estética bucólicas, a graça dos ‘causos’ dos caipiras, mas também com as lutas do campo. Uma obra eterna.”

> **Jayme Monjardim (diretor).** “Benedito Ruy Barbosa mudou a história da televisão brasileira. Ele foi tão grande, mas tão grande, que nunca vai morrer. As suas histórias ficam, encantando novas gerações de brasileiros, e esse é um jeito lindo de se viver para sempre.”

> **Cristiana Oliveira (atriz).** “Benê me deu um início, uma vida pública, acreditou que aquela menina de 26 anos, sem experiência, poderia fazer uma personagem pura, sincera, ingênua, forte, destemida, a Protetora do Pantanal. Terei o Benedito sempre em mim e na minha gratidão.”

_SEG_Play_TER_Play_QUA_Play_SEX_Play_SÁB_Play_DOM_Patricia Kogut



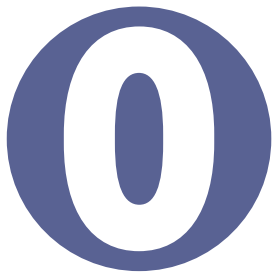
PLAY

Por Anna Luiza Santiago

Com Gabriel Menezes, Giulia Costa, Tábata Uchoa e Luísa Giraldo • oglobo.globo.com/play • anna.santiago@oglobo.com.br • @colunaplay



Para a mudança de horário do “Conversa com Bial”. Finalmente o programa ganhou um espaço melhor na grade da TV Globo. Uma atração de tanta qualidade não poderia continuar escondida na faixa da madrugada. Golaço.



Para Agrado e João Raul sendo afetados por bebidas batizadas em “Coração acelerado”. Anteontem, ela tomou uma mistura e beijou o cantor, que já tinha vivido a mesma situação. O casal central merece mais. Esse truque das poções cansou.



ANGÉLICA GOUDINHO/GLOBO

Visitas ilustres

Paulo Vieira, Dira Paes e Aílton Graça receberam a mãe do humorista, Conceição, e a namorada dele, Ilana, nos bastidores da segunda temporada de “Pablo & Luisão”. Ela chegará ao Globoplay ainda em 2026. A primeira estreou ontem na TV Globo. Os episódios serão exibidos sempre às terças e quintas



DIVULGAÇÃO/MULTISHOW

Casos divertidos

Victor Ahmar, Raphael Ghanem e Thati Lopes farão “Delegacia do humor”, que irá ao ar no Multishow e no Globoplay. Os personagens investigarão desentendimentos entre amigos, casais e vizinhos. O lançamento acontecerá em 2027



DIVULGAÇÃO/MARCELLA CALIXTO

Estúdio e palco

A partir deste mês, Pri Helena, a Lyris de “Quem ama cuida”, começará a se dividir entre as gravações da trama e as apresentações da peça “Doce árido”. O espetáculo entrará em cartaz no próximo dia 16, no Teatro Ipanema Rubens Corrêa. Ela interpretará Maria Helena, que tenta prosperar, mas se vê presa a segredos do passado. “Os dois papéis me fizeram olhar para a força que existe nas mulheres mesmo quando tudo parece limitar seus caminhos”, analisa

A protagonista...

Isabelle Drummond poderá fazer seu primeiro grande trabalho fora da Globo após “Coração acelerado”. Ela está em negociações avançadas para estrear “Deixa nevar”, série da Netflix inspirada no livro de Camila Antunes.

...E o enredo

Com roteiro de Thereza Falcão e direção de Thiago Teitelroit, a adaptação será produzida pela Glaz. Trata-se de um romance cristão sobre uma designer de joias que se apaixona pelo herdeiro de uma família riquíssima.

Imenso legado

Benedito Ruy Barbosa, que nos deixou ontem, terá sua trajetória contada no documentário “Da terra ao coração”. Em fase final de edição, o filme deverá estrear este ano. O projeto é de Edmara Barbosa, filha do autor, em parceria com o diretor Davi Lacerda. Leia a entrevista dele no nosso site.

Troca de última hora

Noticiamos aqui ontem que o “Conversa do Bial” reuniria o ex-casal Betty Faria e Daniel Filho. Porém, o diretor não conseguirá mais participar. Se nada mudar, Tony Ramos é quem gravará com a atriz.

Vai bem na audiência

De 29 de junho a 4 de julho, “Quem ama cuida” bateu recorde na média semanal em São Paulo com 22,8 pontos, bem acima do índice da semana inicial, que foi de 21,1. No Rio, subida ainda maior: de 24,3 para 27,6.

Novela vertical

A plataforma ReelShort lançará, no sábado, “Ligados pela honra”, baseada no best-seller de Cora Reilly. Ângelo Rodrigues, Samara Czaplá, Michelle Batista, Bruno Bevan e Giuseppe Oristanio formam o elenco.

BUDISMO SEDUZ GERAÇÃO Z COM AJUDA DA CULTURA POP

AFP
SEUL (COREIA DO SUL)

Na Coreia do Sul, o budismo vem recuperando popularidade graças a uma tendência “descolada” que atrai a geração Z com festivais, moda, robôs e DJs, ainda que alguns temam pelos fundamentos da fé. A poucos passos de um templo do século XIV em Seul, onde fiéis fazem oferendas e se curvam aos pés de três estátuas gigantes de Buda, a loja Buddhz vende estatuetas, pulseiras de oração, chapéus e camisetas, com uma delas estampando um Buda com um smartphhone. Já um cartão-postal mostra o representante do budismo soprando uma bolha de sabão em uma pose relaxada com os dizeres:



JADE GAO/AFP/27-2026

Tendência. Visitantes jovens acendem incensos em templo budista de Seul

EVENTO RELIGIOSO NA COREIA DO SUL TEVE FESTA COM SHOWS DE HIP-HOP E DE MÚSICA ELETRÔNICA, ATRAINDO NÚMERO RECORDE DE 250 MIL PESSOAS ESTE ANO

“Sopre. Estoure. Esqueça.”

A abordagem da cultura pop parece funcionar. A Exposição Internacional Budista de Seul, por exemplo, atraiu o número recorde de 250 mil pessoas este ano, sendo que dois terços delas eram da geração Z (nascidos entre 1997 e 2010) e metade não era religiosa. Além disso, o budismo foi visto de forma mais favorável entre quatro sistemas de crença, segundo a Pesquisa de Percepção da Religião de 2025, da Korea Research.

O turismo com temática budista está em plena expansão, e dezenas de milhares de moradores locais e estrangeiros se inscrevem em retiros onde comem comida monástica, realizam tarefas domésticas e meditam. Alguns combinam suas esta-

das com concertos ou eventos como a exposição internacional, onde os visitantes podem participar de sessões de oração e conversar com monges, explorar uma variedade impressionante de bugigangas à venda e assistir a uma Festa do Gongo do Sutra do Calor com apresentações de música eletrônica e hip-hop.

Para Sun Min-ji, estudante universitária sul-coreana de 23 anos e budista, a imagem moderna da religião atraiu muitos de seus amigos.

— Acredito que não há absolutamente nada de errado com essa imagem “descolada” do budismo, pois ela reduz as barreiras de entrada e atrai muitos jovens — afirmou.

‘ROBÔ MONGE’

Mas alguns críticos apontam para o risco de uma religião definida pelo desapego aos bens materiais ser contaminada pelo consumismo. “Se o budismo for consumido meramente como uma ‘boa ima-

gem’, sua recente popularidade poderá se revelar pouco mais do que uma tendência passageira”, afirmou um editorial do jornal Hyunbulnews, um veículo de comunicação budista.

A Ordem Jogye, grande ordem budista da Coreia do Sul, busca tornar a religião mais “acessível”, disse seu porta-voz, monge Myojang:

— A forma como as gerações mais jovens se relacionam com a religião está mudando... Tentamos encontrá-las onde elas estão e nos comunicar de uma maneira que faça sentido para elas.

A ordem enfrentou forte reação negativa quando um robô humanoide “monge” participou de uma cerimônia de ordenação em maio. Os críticos argumentam que isso banaliza a vida monástica. Myojang afirmou que a ordem está ciente dos riscos e planeja “estabelecer diretrizes mais claras sobre onde estão os limites”.

‘A ODISSEIA’ CHEGA COLHENDO ELOGIOS

Começaram a circular as primeiras reações sobre “A Odisseia”, filme de Christopher Nolan com estreia prevista para o dia 16, mas já exibido para críticos no exterior. E parece que o diretor acertou novamente nessa adaptação da clássica obra literária atribuída a Homero.

“A obra conta com três vezes mais sequências grandiosas do que qualquer um dos filmes anteriores do diretor, e cada uma delas é de tirar o fôlego. Em ‘A Odisseia’, Nolan apresenta truques visuais como você nunca viu antes”, disse crítica de Jacob Stolworthy para o Independent.

Jornalista da Variety, Clayton Davis destacou: “Matt Damon lidera com garra, enquanto Tom Holland traz sensibilidade e emoção... É mais um sucesso de Nolan, uma obra que seus fãs mais fervorosos irão digerir por décadas”, apontou.

“É sinceramente difícil imaginar qualquer outro cineasta capaz de levar esse material de origem às telas com tamanha escala, abrangência e emoção”, escreveu Peri Nemiroff, do site Collider.

Na mesma publicação, Steven Weintraub afirmou: “Tive a sorte de assisti-lo duas vezes e fica ainda melhor na segunda vez.”

HORÓSCOPO Cláudia Lisboa

ÁRIES (21/3 A 20/4) Elemento: Fogo. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Libra. Regente: Marte. A pressa de se afirmar encontrará uma região sensível, no tom da resposta, postura do corpo ou na vontade de provar que nada abala. Escolha uma atitude capaz de mostrar coragem sem necessidade de vencer.

TOURO (21/4 A 20/5) Elemento: Terra. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Escorpião. Regente: Vênus. Um desconforto difícil de explicar ganhará contorno, como se uma dor antiga pedisse menos fuga e mais acolhimento. Evite distrações para silenciar o que emerge. Preserve o recolhimento e reduza excessos.

GÊMEOS (21/5 A 20/6) Elemento: Ar. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Sagitário. Regente: Mercúrio. A sensação de não estar exatamente no lugar certo ficará mais evidente, mas ela não precisa virar isolamento. Observe onde sua presença é acolhida sem esforço de adaptação. Escolha circular onde há troca.

CÂNCER (21/6 a 22/7) Elemento: Água. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Capricórnio. Regente: Lua. Uma cobrança rígida tocará inseguranças antigas sobre competência, autoridade ou responsabilidade. Em vez de endurecer para parecer à altura, responda com organização e honestidade. Assuma o que é seu.

LEÃO (23/7 a 22/8) Elemento: Fogo. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Aquário. Regente: Sol. Uma promessa ou certeza exagerada encontrará uma ferida que pede mais verdade do que entusiasmo. Antes de defender uma visão só porque ela soa bonita, confira se ela ainda sustenta sua vida concreta.

VIRGEM (23/8 A 22/9) Elemento: Terra. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Peixes. Regente: Mercúrio. O que você costuma manter sob controle mostrará algo mais vulnerável. Entre no assunto com precisão emocional, deixando que o reparo venha de uma conversa honesta, não de uma estratégia perfeita.

FIM DA COPA PARA O BRASIL AJUDA CINEMAS

A vida começa a voltar ao normal após a eliminação do Brasil na Copa do Mundo 2026. Um exemplo disso é o desempenho dos filmes em cartaz no país. A segunda-feira pós-eliminação da seleção brasileira registrou desempenho superior aos números registrados na quinta-feira, na sexta e no domingo, dia do jogo fatídico, de acordo com dados divulgados ontem pelo site Filme B.

“Toy Story 5” teve aumento de 90% anteontem, em comparação aos números da semana anterior. O salto ajudou a animação da Disney/Pixar a superar a

marca de quatro milhões de espectadores no Brasil, com renda acumulada de R\$ 91 milhões. Outro filme que se deu bem com a saída do Brasil na Copa foi “Minions & Monstros”, que já vendeu 443 mil ingressos no país desde sua estreia, para uma bilheteria de R\$ 10,1 milhões.

No último fim de semana, os filmes com mais bilheteria no país, depois de “Toy Story 5” e “Minions & monstros”, foram “Supergirl”, “Dia D”, “Todo mundo em pânico”, “Mestres do universo”, “Obsessão”, “Backrooms: um não-lugar”, “Quinze dias” e “Uma infância alemã”.

JOGOS

LOGODESAFIO

POR SÔNIA PERDIGÃO

M A A

U C

FI

I T E R

Foram encontradas 47 palavras: 33 de 5 letras, 09 de 6 letras, 04 de 7 letras, 01 de 8 letras, além da palavra original. Com a sequência de letras FI foram encontradas 09 palavras.

Instruções: 1. Encontrar a palavra original utilizando todas as letras contidas apenas no quadro maior. 2. Com estas mesmas letras formar o maior número possível de palavras de 5 letras ou mais. 3. Achar outras palavras (de 4 letras ou mais) com o auxílio da sequência de letras do quadro menor. As letras só poderão ser usadas uma vez em cada palavra. Não valem verbos, plurais e nomes próprios.

Solução: acima, amela, arame, areia, atela, ática, atela, áurea, cárie, carta, cauta, cume, crime, cúria, curta, cútia, ética, macia, marca, mara, marta, mirta, mureta, néctia // imatura, matéria, métrica, turna, ureia // ática, ártica, careta, citara, citara, marca, mureta, néctia // imatura, matéria, métrica, térmica // micareta // REJUNTADA. Com a sequência de letras FI: afim, fiteira, firme, firma, fita, fiteira, máfia, rafia, refítica.

QUADRINHOS

MACANUDO Liniers

ACHO QUE DEVERÍAMOS TROCAR O GUARDA-CHUVA POR BOTES.

NAHHH. PARECE QUE ESTÁ CLAREANDO.

NADA COM COISA ALGUMA José Aguiar

EU NASCI COM MUITAS IDEIAS.

COM O TEMPO VIERAM MAIS.

LIMAS MIRABOLANTES, OUTRAS NADA A VER.

UMA É OUTRA ATÉ DIGNA DE ORGULHO.

MAS COM TANTA COISA PARA FAZER NESTA VIDA É FÁCIL ESQUECER-LAS E...

DO QUE MESMO EU ESTAVA FALANDO?

FORA DE FOCO Eduardo Arruda

PERCEBI UMA MAIOR SENSÇÃO DE RESISTÊNCIA CONTRA O TECIDO DO ESPAÇO-TEMPO CURVO, MOLDADO PELO PLANETA TERRA.

SEU PESO AUMENTOU SR. EINSTEIN

O CORPO É PORTO André Dahmer

ATÉ MEU FILHO CONSEGUE PINTAR ESTE QUADRO

ATÉ MEU FILHO CONSEGUE PINTAR ESTE QUADRO

BICHINHOS DE JARDIM Clara Gomes

escritórios PIOLHO

TE ENCONTRO NA MÁQUINA DE XEROX

MAIS UM DIA CORRIQUEIRO E MONÓTONO NO TRABALHO...

ONDE ABSOLUTAMENTE NADA IRÁ ACONTECER, ALÉM DE TAREFAS BANAIS, FOCOS BOBAS E CAFÉ REQUENTADO...

OU SEJA, PRA QUEM É INIMIGO DA ADRENALINA E AMA A ESCALA 5X2, É O TRABALHO DOS SONHOS!

A VIDA É UM RISCO Adão Iturrusgarai

RINGO STARR

BINGO STARR

RENGO STARR

RINGO SCAR

MARIA ISABEL OLIVEIRA



RUAN DE SOUSA GABRIEL
rsgabriel@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Numa tarde fria e escura de junho, Frei Betto insiste em apontar a luz. Em conversa com o GLOBO no convento onde vive, em Perdizes, na Zona Oeste de São Paulo, o frade dominicano e escritor explica a diferença entre esperança e utopia.

— A melhor tradução de esperança é a música do (Geraldo) Vandré: “Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer.” Não é ficar esperando, é atuar para que as coisas aconteçam. Já a utopia é o rumo. Sou impregnado pela utopia de um mundo melhor, que para mim tem um carimbo cristão — diz Frei Betto. — A proposta do cristianismo é intrinsecamente utópica. O reino de Deus não fica do outro lado da vida, mas se contrapõe ao reino de César e se baseia em dois pilares, um pessoal e um social: o amor e a partilha dos bens.

Esta distinção entre esperança e utopia também é sustentada pela narradora de “O voo da locomotiva”, o 82º livro do escritor de 81 anos. Rosa Maria recorda o tempo em que era “viciada em utopia”. Depois de um divórcio, com um filho ainda pequeno, ela abandona uma vida pacata no subúrbio carioca para lutar contra a ditadura militar. Entra para um grupo guerrilheiro e se dedica de corpo e alma à causa revolucionária: devora os clássicos do marxismo, radicaliza operários, faz treinamento militar, cai na clandestinidade e adota codinomes como Luzia e Tânia.

Um dia, ela vai ao encontro de outro guerrilheiro, na Praça Quinze, no Rio, e acaba presa pelos militares, que já estavam atrás dela. É barbaramente torturada, a ponto de ter de ser levada ao hospital. Durante a recuperação, é repetidas vezes estuprada por um militar. Até que não aguenta mais a “cisão entre o corpo e a alma” provocada por tanta violência e entrega seus companheiros de luta. Anos depois, durante a rede-

‘FAÇO QUESTÃO DE MORRER SEMENTE’

AO LANÇAR SEXTO LIVRO SOBRE A DITADURA, INSPIRADO EM UMA GUARDA-COSTAS DE ALLENDE QUE COLABOROU COM A REPRESSÃO, FREI BETTO REFLETE SOBRE POSTURA DE ALA DA IGREJA, ELOGIA RESILIÊNCIA DOS CUBANOS E DIZ POR QUE SE MANTÉM FIEL À UTOPIA

mocratização do país, vê seu nome numa reportagem sobre os “cachorros”, aqueles que colaboraram com a repressão. Decide, então, contar sua versão da história. “Não espero de ninguém o perdão. Talvez alguma condescendência”, afirma. “Presa, cometi grave erro, que resultou em exílio, prisão, tortura, morte e desaparecimento de outras pessoas.”

ANJOS E DEMÔNIOS

A personagem é inspirada na chilena Luz Arce, que integrava a guarda pessoal do presidente Salvador Allende. Após o golpe de 11 de setembro de 1973, ela enfrentou torturas tão extremas que acabou colaborando com a recém-instalada ditadura de Augusto Pinochet. Depois da redemocratização do Chile, Luz contou sua história em livro e foi uma testemunha importante nos julgamentos dos crimes do regime. Frei Betto a conheceu nos anos 1970, em Honduras, quando ela vivia no exílio, num convento dominicano. Ela já leu “O voo da locomotiva” e disse ao autor que se emocionou muito.

— O que me chamou a atenção na história dela é como a tortura vence todas as resistências de uma pessoa. Mas mesmo no fundo do poço ela encontrou forças para ressurgir — diz o frade dominicano,

que ressalta o caráter “terapêutico” da literatura. — É uma maneira de exorcizar tanto os anjos quanto os demônios de dentro de gente, de buscar alguma redenção.

O título do romance vem de um pesadelo recorrente da protagonista: ela pula os trilhos de uma ferrovia quando, de repente, um trem avança em sua direção, mas alça voo antes de atropelá-la. Luz tinha esse mesmo pesadelo. A única diferença é que, no romance, ele ganha uma trilha sonora: o “Bolero” de Ravel, música da predileção do autor.

“O voo da locomotiva” é o sexto título de Frei Betto sobre a ditadura militar, de “Cartas da prisão”, de 1977, a “Tom vermelho do verde”, romance de 2022 que aborda um tema ainda pouco conhecido: a violência do regime contra os povos indígenas.

Em 1982, o autor publicou sua obra mais conhecida, “Batismo de sangue”, vencedor do Prêmio Jabuti. No livro, ele traça um perfil do guerrilheiro Carlos Marighella, assassinado no meio da rua por militares, e de Frei Tito, vítima da tortura que cometeu suicídio no exílio. Também narra o apoio dos frades dominicanos ao grupo de Marighella e sua atuação ajudando perseguidos políticos a sair do país.

O escritor foi preso duas ve-

zes pelo regime. Na segunda vez, passou quatro anos encarcerado, incluindo dois anos entre presos políticos e dois com presidiários comuns.

Expoente da Teologia da Libertação — ele acaba de lançar quatro comentários aos Evangelhos que apresentam Jesus como “militante”, “rebelde”, “revolucionário” e “amoroso” —, Frei Betto conta que a experiência no cárcere mudou sua maneira de se relacionar com a religião. Sua fé se tornou menos “sociológica”, menos focada nos ritos, e mais “pessoal”.

— Hoje me sinto pouco religioso e mais espiritualizado. As religiões às vezes abafam a espiritualidade, que é uma dimensão da existência de todos nós, até de quem não crê em Deus — diz ele. — A fé está tão entranhada na minha vida que me dá, inclusive, uma direção política, no sentido da partilha e da fraternidade. Nosso desafio é não partidizar a política nem confessionalizar a religião. Nenhum sacerdote tem direito de orientar em quem o fiel deve votar, e não faz o menor sentido um partido se dizer cristão. Todas as igrejas deveriam pagar impostos.

PRESUNÇÃO NA ESQUERDA

Admirador do Papa Leão XIV e de seu antecessor, o Papa Francisco, Frei Betto reprova a postura “triumfalista” da ala conservadora da Igreja, que, para ele, preocupa-se muito com hierarquias e missas em latim e nem tanto com os “pobres e oprimidos”.

Ele também reserva críticas a seu próprio campo político. Em “Voo de locomotiva”, a narradora reclama do dogmatismo e da arrogância de seus companheiros de luta. “A esquerda, como qualquer outro setor conspiratório, também

segrega, sem piedade, quem pronuncia uma palavra indevida ou faz um gesto que mereça o estigma de suspeito”, diz ela. A esquerda peca, diz o autor, quando é “presunçosa”, “esquece Paulo Freire na prateleira” e investe mais em “inclusão pelo consumo” do que em “educação política”.

— Com educação política, mesmo na adversidade você consegue manter uma posição crítica — insiste o escritor.

DAS TRIPAS CORAÇÃO

Entre 19 e 24 de junho, Frei Betto esteve em Cuba. Autor de “Fidel e a religião”, de 1985, ele é assessor da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e viaja com frequência para conferir a situação da ilha, que atravessa uma crise humanitária sem precedentes, provocada pelo recente aperto do bloqueio dos Estados Unidos, que impede a exportação de petróleo ao país.

— Cuba precisa de cem mil barris de petróleo por dia para manter o mínimo de eletricidade e só consegue produzir 40 mil. Os apagões são frequentes, e muitos recorrem à lenha para cozinhar. O governo tem adotado medidas para facilitar a entrada e a operação do capital estrangeiro, inclusive em áreas que sempre estiveram sob comando estatal. Houve corte de ministérios e medidas para tornar os municípios mais autônomos em relação ao poder central — relata. — Os cubanos estão fazendo das tripas coração para resistir à crise. É como disse um amigo cubano: “Nós não temos eletricidade, mas temos muita energia.” A resiliência deles é muito forte.

A de Frei Betto também. Apesar dos vaivéns da História, não desiste de sua utopia.

— Eduardo Galeano (escritor uruguaio) dizia que a utopia é como o horizonte. A minha é o mundo da partilha. Não importa o “ismo”, se é comunitarismo, partilharismo etc. Fora disso não há salvação para a Humanidade. Atuei a vida toda nessa direção. Sei que não vou participar da colheita, mas faço questão de morrer semente.

Andar com fé.

Frei Betto no convento onde vive, em Perdizes: “Hoje me sinto pouco religioso e mais espiritualizado. As religiões às vezes abafam a espiritualidade, que é uma dimensão da existência de todos nós, até de quem não crê em Deus”



‘O voo da locomotiva’
Autor: Frei Betto.
Editora: Rocco.
Páginas: 160.
Preço: R\$ 59,90.

_ **SEG**_ Joaquim Ferreira dos Santos _ **QUA**_ Martha Batalha (quinzenal) _ Pedro Pacífico (quinzenal) _ **QUI**_ Cora Rónai _ Gustavo Pinheiro (quinzenal, página 2) _ Julio Maria (quinzenal, página 2)_ **SEX**_ Ruth de Aquino_Nelson Motta (página 2)_ **SÁB**_ José Eduardo Agualusa_Michel Alcoforado (página 2)_ **DOM**_ Ingrid Guimarães (quinzenal)



PEDRO PACÍFICO
segundocaderno@oglobo.com.br

UM PEDIDO DE AJUDA

Na semana passada, fui ao teatro. A peça, que era uma adaptação de um livro que adoro, durava duas horas. Sentei, a campanha soou e a cortina se abriu. Passado um certo tempo, fui surpreendido. E não por algo que estava no palco, mas pelo impulso quase automático de pôr a mão no bolso e desbloquear o celular. Eu não fiz isso, até porque estava em modo avião. Mas tive vontade. Mais de uma vez, para ser sincero.

E o que mais me intriga é que já era noite e eu não estava esperando uma mensagem importante. Também não tenho filhos, o que até

justificaria uma preocupação. Nada disso, mas ainda assim tive vontade. Um misto de curiosidade com o que poderia ter de notificação, urgência de estar perdendo algo importante e medo de que alguém precisasse de mim. Ou, talvez, só um hábito mesmo.

Se eu pegasse o celular, essa seria apenas mais uma das centenas de vezes em que o desbloqueio durante o dia, checo as redes sociais e percorro vários aplicativos, quase em um looping. Tudo igual, daqui a pouco repito.

Venho percebendo que o intervalo entre uma checagem e outra fica menor. Qualquer

momento de pausa, celular na mão. Na verdade, não necessariamente pausa, porque às vezes, durante um filme ou uma conversa com alguém, a vontade aparece. E isso não é só comigo, basta ver que o hábito de usar um segundo dispositivo enquanto se consome outro conteúdo em tela tem até nome, *second screening*. Uma tela não basta mais.

Os números também assustam. O brasileiro passa, em média, nove horas e 13 minutos por dia diante de telas, o segundo maior índice do mundo. Passamos mais tempo olhando para telas do que dormindo. É claro que hoje o celular ou o computador são ferramentas de trabalho e comunicação, mas não há dúvidas de que boa parte desse tempo é excesso de informação. Uma forma quase que inconsciente de passar o tempo e buscar novos estímulos.

Já busquei aplicativos que bloqueiam redes sociais ao longo do dia. Alguns, inclusive, são pagos. Para piorar, há os que cobram multa

PASSAMOS MAIS TEMPO OLHANDO PARA TELAS DO QUE DORMINDO. BOA PARTE DESSE TEMPO É UMA FORMA DE BUSCAR NOVOS ESTÍMULOS. COMO TIRAR O CELULAR DA MÃO?

em dinheiro de verdade se você furar o próprio bloqueio. Repare nessa engenharia: as plataformas criaram a demanda, e agora pagamos a terceiros para nos proteger delas.

E os efeitos desse fenômeno são cada vez mais claros. Um estudo realizado pela Universidade da Califórnia mediu que, em 2004, conseguíamos manter o foco em uma única tela por dois minutos e meio. Em 2021, 47 segundos. A pesquisa ainda mostra que interrompemos a nós mesmos com mais frequência do que somos interrompidos. Ou seja, é automático.

E esse pedido de ajuda é compartilhado. Em pesquisa feita pela Bain & Company, que perguntou a dois mil brasileiros qual hábito gostariam de mudar, o tempo de tela ficou em primeiro lugar (na frente da alimentação e do sedentarismo).

No teatro, eu não peguei o celular até o fim da peça. Mas, no dia seguinte, a vontade ganhou, dezenas de vezes, quase sem que eu percebesse. A existência do problema, portanto, não é mais uma dúvida. E a sensação que fica é a de que estamos perdidos, sem conseguir entender qual o limite do uso e o que passa a ser desperdício. Como tirar o celular da mão, se quem o controla sou eu? Não tenho respostas, só um pedido de ajuda.



De 1976. Xilogravura “Pôr do Sol I”, de Oswaldo Goeldi: um dos maiores nomes das artes gráficas no Brasil tem obras expostas em um dos seis núcleos da mostra

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Celebrando seus 25 anos de funcionamento, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), na Cinelândia, no Centro do Rio, abre ao público hoje a mostra coletiva “Coleção Ingá — Brasil plural”, com mais de 200 obras vindas do outro lado da Baía da Guanabara, do acervo do Museu de História e Arte do Rio de Janeiro, mais conhecido como Museu do Ingá, em Niterói.

Com um recorte que vai do século XIX até os anos 1960, reunindo pinturas, esculturas, gravuras e objetos, os curadores Marcus Lontra e Rafael Peixoto selecionaram obras de artistas como Di Cavalcanti, Portinari, Tarsila do Amaral, Djanira, Carybé, Iberê Camargo, Taunay, Cícero Dias, Volpi, Goeldi, Burle Marx e Mestre Guarany entre os mais dos dez mil itens do acervo, formado pela antiga Coleção Banerj, a Coleção de Arte Popular e a Coleção do Governador Ernani do Amaral Peixoto. Ocupando as galerias do primeiro e do

CONEXÃO ARTÍSTICA DOS DOIS LADOS DA PONTE

CENTRO CULTURAL JUSTIÇA FEDERAL, NO RIO, CELEBRA 25 ANOS DE ATIVIDADES ABRINDO MOSTRA COM MAIS DE 200 OBRAS DO ACERVO DO MUSEU DO INGÁ, EM NITERÓI, INCLUINDO PAINEL MONUMENTAL DE DI CAVALCANTI, GRAVURAS DE GOELDI E REPRESENTAÇÕES DE PAISAGENS E DO COTIDIANO CARIOCA DESDE O SÉCULO XIX



Di Cavalcanti. Uma das partes do painel “Brasil em quatro fases” (1965)

segundo andar do CCJF, a seleção é dividida em seis núcleos, a partir de temas como fé, paisagem, cotidiano na História e questões de pertencimento e identidade nacional.

— Já conhecia bem a Coleção Banerj, mas nessa pesquisa em todo o acervo eu e Rafael descobrimos muita coisa interessante, uma grande quantidade de trabalhos de artistas viajantes e um conjunto importante da virada do século XIX para o XX, período de grandes transformações no Rio — conta Lontra. — A coleção completa é bastante grande, e está num bom estado de conservação dentro dos padrões brasileiros. Tem muita coisa a ser explorada ali.

SÃO SEBASTIÃO

Entre os destaques da exposição, estão o painel “Brasil em quatro fases” (1965), de 3m x 8m, encomendada a Di Cavalcanti pelo então governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, para o Quarto Centenário do Rio; a série “Embarcações com índios” (1965), de Carybé; representações de São Sebastião assinadas por Guignard (1960), Francisco Brennand (1963-65) e Enrico Bianco (1965); e obras de arte popular, como as carrancas esculpidas por Mestre Guarany e Ana das Carrancas. Em um dos núcleos, “Matriz expandida”, os curadores destacam o acervo gráfico da instituição, com destaque para as xilogravuras de Oswaldo Goeldi (1895–1961) e trabalhos de Anna Letycia Quadros (1929-2018), que criou e coordenou a Oficina de Gravura do Museu do Ingá, entre 1977 e 1998.

— A Oficina de Gravura era uma referência para todos nós nos anos 1980, eu cheguei a participar — recorda Lontra, curador da icônica coletiva “Como vai você, Geração 80?”, realizada em 1984 na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage. — A Anna Letycia tinha uma coisa parecida com o Ivan Serpa, ela era uma artista clássica, mas dava muita liberdade aos alunos. Era uma gravadora clássica, e muita gente ia para aprender a gravura tradicional, ponta seca e tal. Mas, ao mesmo tempo, ali era um espaço totalmente aberto à experimentação.

